

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

**Priscila Mignot de Melo**

SENSAÇÃO FANTASMA: A ILUSÃO DOS AMPUTADOS

Rio de Janeiro

2018

**Priscila Mignot de Melo**

**SENSAÇÃO FANTASMA: A ILUSÃO DOS AMPUTADOS**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Anna Carolina Lo Bianco

Rio de Janeiro

2018

# SENSAÇÃO FANTASMA: A ILUSÃO DOS AMPUTADOS

Priscila Mignot de Melo

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Anna Carolina Lo Bianco

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 26 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Carolina Lo Bianco - UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Teophilo da Costa-Moura -UFRJ

---

Dr.<sup>a</sup> Juliana Castro-Arantes – INCA/RJ

Rio de Janeiro

2018

M528 Melo, Priscila Mignot de.  
Sensação fantasma: a ilusão dos amputados / Priscila Mignot  
de Melo. Rio de Janeiro, 2018.  
113f.

Orientadora: Anna Carolina Lo Bianco.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de  
Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria  
Psicanalítica, 2018.

1. Psicanálise. 2. Angústia. 3. Corpo (Psicanálise). 4.  
Amputados. I. Lo Bianco, Anna Carolina. II. Universidade Federal do  
Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

## DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Miguel e Mariana,  
olhar e  
amor.  
“Olha, mãe!”

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha avó Elza, *in memoriam*, que me transmitiu o encantamento pelo saber e me desalojou do conforto do caderno de caligrafia em busca da autenticidade da letra.

À Anna Carolina Lo Bianco por todo acolhimento e aposta, por sua disponibilidade, rigor e simplicidade. Ensinaamentos que levarei para a vida.

À Juliana Castro-Arantes e Fernanda Costa-Moura pelas intervenções e apontamentos no exame de qualificação e, ainda, por terem aceitado o convite de comporem a banca de avaliação mantendo, assim, a continuidade do trabalho.

Aos profissionais do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, em especial do Centro de Amputados, do Centro de Atendimento Especializado em tumor músculo esquelético e da Saúde Mental, pela parceria e investimento na clínica.

Ao Ministério da Saúde que, ao conceder um período de licenciamento para estudo, demonstrou a importância do investimento público na formação dos profissionais do SUS.

Ao grupo de pesquisa “Corpo e Finitude” pelas discussões teórico-clínicas que foram fundamentais na construção dessa dissertação.

Às amigas que dia a dia não me deixam esquecer a importância do nosso trabalho. Pela delicadeza da escuta e seriedade na clínica, agradeço à Bianca Soares, Layla Mandelbaum, Marcia Carcereri, Mariangela Bazbuz e Renata Medeiros.

Aos meus pais pelo livro “Curiosidade premiada” e tantos outros.

Ao Mauro que há três anos encorajou-me a investir nessa jornada.

Ao meu irmão Rodrigo, sempre irmão.

Ao Francisco: obrigada.

O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito – A Lua é habitada por ovos.

Clarice Lispector

[...]  
Uma parte de mim  
*é só vertigem:*  
outra parte,  
linguagem.

Traduzir uma parte  
na outra parte  
– que é uma questão

de vida ou morte –  
será arte?

Ferreira Gullar

É a esse objeto inapreensível no espelho que a imagem especular dá sua vestimenta (LACAN, 1960/1998, p. 832).

## RESUMO

Esta pesquisa teve seu alicerce na clínica, na fala dos pacientes amputados que são atendidos por uma *práxis* psicanalítica em um centro de reabilitação ortopédica. A definição da sensação fantasma enquanto objeto de uma investigação no campo do inconsciente, assim como todo o desenvolvimento teórico aqui desenvolvido, só pôde ser até aqui sustentado por norteadores que são em essência fatos clínicos.

Partindo da distinção entre o discurso da ciência e o psicanalítico, torna-se evidente o salto que Freud efetuou em sua passagem da neurologia à psicanálise. O presente estudo deteve-se sobre a estrutura de linguagem do inconsciente, percorrendo elementos envoltos na articulação da imagem em sua relação com o significante e traço, falo e objeto *a*. Sendo a angústia um sinal da aparição do objeto e tendo Lacan afirmado que se trata aí de uma operação em que, tendo como base o esquema óptico, “uma coisa qualquer” aparece no lugar do  $-\phi$ , indagou-se a aparição desta ilusão dos amputados examinando os efeitos de uma mutilação do corpo em uma Outra Cena. Situando esse corte na carne no campo da privação, trata-se de pensar como a escuta dessa experiência ilusória poderia levar o sujeito à problemática da castração. Deste modo, enfatiza-se que é por fazer intervir o significante que a escuta analítica pode ser uma possibilidade de simbolização do vazio real.

Palavras-chave: Psicanálise. Sensação fantasma. Imagem. Objeto *a*. Angústia.

## RÉSUMÉ

Cette recherche a son fondement dans la clinique, dans le discours des patients amputés qui sont traités par une praxis psychanalytique dans un centre de réhabilitation orthopédique. La définition de la sensation fantôme comme objet d'une investigation dans le champ de l'inconscient, ainsi que tout le développement théorique développé ici, n'auraient pu être soutenus que par des principes directeurs qui sont essentiellement des faits cliniques.

C'est à partir de la distinction entre le discours de la science et de la psychanalyse, que le saut que Freud a fait dans son passage de la neurologie à la psychanalyse devient évident. Cette étude a porté sur la structure du langage de l'inconscient, par le parcours dans des éléments entraînés dans l'articulation de l'image dans sa relation avec le signifiant et le trait, le phallus et l'objet *a*. Étant l'angoisse un signe de l'apparition de l'objet et considérant ce que Lacan avait affirmé qu'il s'agit ici d'une opération dans laquelle, sur la base du schéma optique, « n'importe quoi » apparaît à la place de  $-\phi$ , on a recherché l'apparition de cette illusion chez les amputés en examinant les effets d'une mutilation du corps dans une Autre Scène. En plaçant cette incision dans le domaine de la privation, il s'agit de penser comment l'écoute de cette expérience illusoire pourrait amener au sujet vers le problème de la castration. Ainsi, il est souligné que c'est en intervenant le signifiant intervenir que l'écoute analytique peut être une possibilité de symbolisation du vrai vide.

Mots-clés: Psychanalyse. Sensation fantôme. Image. Objet *a*. Angoisse.

## FIGURAS

Figura 1 - Caixa de espelhos .....	33
Figura 2 – Homúnculo de Penfield .....	35
Figura 3 – O falso espelho .....	76
Figura 4 – Esquema óptico completo .....	82
Figura 5 – Esquema óptico simplificado .....	84
Figura 6 – Método da perspectiva .....	96
Figura 7 – Os embaixadores .....	98
Figura 8 – <i>Le modèle rouge</i> .....	107

## SUMÁRIO

<b>PROPEDEÚTICA</b> .....	15
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	22
<b>CAPÍTULO 1 – WIEDERHOLUNGSZWANG – Wz: DO AUTOMATISMO DA NEUROLOGIA À REPETIÇÃO DA PSICANÁLISE</b> .....	27
1.1 A Sensação fantasma.....	30
1.2 Ramachandran em busca da arquitetura do cérebro.....	33
1.3 Na fronteira entre neurologia e psicanálise: um abismo .....	38
1.4 O acontecimento Freud – do laboratório ao divã .....	40
1.4.1 Ano 1900: A interpretação dos Sonhos .....	43
1.4.2 Ano 2000: Neuropsicanálise .....	44
1.5 Lacan e a insistência na psicanálise .....	46
1.6 <i>Wiederhorlen</i> não é <i>Reproduzieren</i> .....	50
1.7 O que a neurologia e a psicanálise se ensinam mutuamente .....	54
<b>CAPÍTULO 2 – COMPLEXO DE CASTRAÇÃO: DE VORSTELLUNG A VORSTELLUNGSREPRÄSENTANZEN</b> .....	56
2.1 O significante entre a percepção e a consciência .....	57
2.2 Elementos de uma <i>Niederschrift</i> : Significante e traço .....	60
2.3 O sensorial é o objeto <i>a</i> – algumas palavras sobre a pulsão e sua relação com o <i>das Ding</i> freudiano .....	66
2.4 <i>Nebenmensch</i> - a manutenção de uma boa distância.....	68
2.5 <i>Vorstellungsrepräsentanz</i> : na significação fálica, uma escrita da falta .....	70
2.6 Frustração, privação e castração: modos de lidar com a falta .....	72
2.7 “Cadê a sua perna, tia?” .....	74
<b>CAPÍTULO 3 – A ILUSÃO DOS AMPUTADOS: ANAMORFOSE E UNHEIMLICH</b>	
3.1 Eu, sujeito, imagem .....	77
3.1.1 Narciso apaixonou-se pelo o outro, mancha no espelho d’água .....	77
3.1.2 O desnivelamento estrutural entre <i>Moi</i> e <i>Je</i> .....	80
3.1.3 Imagem, um vaso com flores .....	82

3.2 <i>Unheimlich</i> e Angústia .....	87
3.3 Anamorfose e olhar .....	96
3.4 Considerações finais .....	105
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	108

## PROPEDEÚTICA

O que conta, quando se tenta elaborar uma experiência, não é tanto o que se compreende quanto o que não se compreende (LACAN, 1953-54/1994, p. 89).

Com a escrita aqui não farei um poema, uma poesia, uma reportagem ou um artigo. Uma dissertação poderia responder a uma demanda acadêmica com uma assinatura narcísica num sequenciamento de palavras e ideias onde: Eu escrevo, Eu articulo, Eu desenvolvo, Eu concluo.

Poderia ser também a exposição da fragilidade, a exibição de um gozo. Perene, transparente, clara, translúcida. Seja a escrita o ato, seja seu corte um retrato. Um bloco mágico que registra o que a leitura pode apagar ou transformar. Um texto pode ser aberto e fechado. Lido e esquecido. Neutro e oblíquo.

Entretanto(s), um texto em psicanálise é um entretexo, um outro texto. Daí surge o impasse no campo científico, o de se escrever para transmitir um saber psicanalítico. Meta ambiciosa, a qual apenas tomo como uma direção, um norte a guiar-me enquanto aprendiz, enquanto analisante que sou.

É preciso dizer que todo o meu esforço, e, também, dificuldade na elaboração deste trabalho foi a de manter-me na posição indicada por Lacan, que considero a mesma de Freud, e que é sustentada na assertiva: “Comentar um texto é como fazer análise” (LACAN, 1953-54/1994, p. 90).

Seguirei escrevendo as próximas linhas advertida de que interpretar não é compreender, pois “é na base de uma certa recusa de compreensão que empurramos a porta da compreensão analítica” (ibid).

Introduzo este preâmbulo delimitando o caminho que fiz até então. Não se trata aqui de um mero preciosismo acadêmico, mas de um rigor na busca por nomear as coordenadas que me nortearam durante todo o percurso nesse primeiro momento de pesquisa e escrita. Tento, assim, dar maior exatidão ao processo no qual me coloquei durante todo o tempo dedicado a esse trabalho.

Ressalto que encontrar a direção a ser tomada só foi possível quando finalmente deparei-me com o trilho do qual, como ocorre ao trem sem maquinista, descarrilhei a cada vez que numa trepidação teórica dele saí. Lembro aqui que foi preciso saber o lugar da minha partida (início, jogo, divisão) e em quais marcas de um determinado trilhamento deveria seguir. Tratava-se, então, de ir adiante atenta às marcas da estrutura, às marcas da linguagem.

Quando decidi estudar o fenômeno da sensação fantasma, muito me inquietava as três palavras utilizadas nas neurociências para nomear este objeto de pesquisa: fenômeno, sensação e fantasma. Embora fossem nomes que eu poderia já de antemão rechaçar por serem estranhos ao universo conceitual da psicanálise, algo não me permitia abandoná-los, não a princípio. Recebi-as, então, como vinham da ciência e da clínica, advertida de que eram palavras pertencentes a um determinado campo do conhecimento. Sabia que não poderia, numa pesquisa em psicanálise, simplesmente transplantá-las, ainda mais sendo o fantasma um conceito com importantes estudos em nossa área e com significativas discussões sobre a tradução do *fantasme* de Lacan.

No entanto, também algo me dizia que não era o momento de abandoná-las, se é que um dia eu o faria. Era preciso receber o fenômeno com o nome que lhe foi dado, ainda mais que não estava diante de uma palavra cifrada dentro de um código próprio da medicina como tantos outros sintomas, sinais e doenças que nela são identificadas por nomeações quase sem margem para o equívoco, para interpretação.

A palavra *fantasma*, escolhida pela neurologia para falar do aparecimento de uma sensação do corpo “já morto”, chamou a nossa atenção por permitir diferentes significados que retiram do campo da realidade o que é visto, vivenciado, sentido.

No dicionário de português Michaelis encontramos:

1. Visão quimérica, geralmente apavorante, produto da fantasia. 2 Coisa medonha. 3 Pessoa macilenta e magra. 4 Simulacro. 5 Suposta aparição de pessoa morta ou afastada, alma do outro mundo; espectro, espírito. 6 Pessoa fictícia, inventada para a utilização de seu nome em operações fraudulentas, recebimento de subornos ou propinas (...) 13. Em acústica, derivação de um sinal a partir de duas fontes, de forma que ele parece provir de uma terceira fonte. (...) 15. Situação idealizada em que o indivíduo se imagina vivendo determinada experiência, como forma disfarçada de satisfação de um desejo; fantasia. (<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fantasma/>, 2015).

Existe no protocolo médico de cirurgias de amputação, a obrigação de ser redigida uma declaração de óbito parcial. Devendo ser esta emitida no hospital, não apenas nomeando no campo da morte a retirada de determinada parte do corpo, como possibilitando o enterro do membro, trazendo para o humano a dimensão da sua finitude. Um de nossos pacientes optou por enterrar a própria mão e ao comparecer ao sepultamento falou da sensação de horror diante

de saber sobre o enterro de parte de si próprio: “Fechei os olhos e senti-me como no *Ghost*”, afirmou, numa referência ao filme que leva em seu nome a palavra fantasma (ZUCKER, 1990).

A alusão a esta obra cinematográfica foi sua tentativa de nomear o real que a angústia naquele momento sinalizava. Momento em que soube que enterrar o seu corpo era enterrar a si mesmo. Tratava-se ali de uma menção à cena em que o personagem Sam Wheat é assassinado e olha para ele mesmo morto no chão. Sua mão morta, ele morto. A expressão “morto vivo” foi escolhida pelo paciente para dizer como se sentira naquele instante.

O caso supracitado aparece neste texto não por se tratar, fenomenologicamente, da sensação fantasma a que a neurologia dedica suas pesquisas, mas por articular alguns elementos que são essenciais para o nosso estudo: corpo/imagem, eu/sujeito, privação/angústia/ castração, olhar/objeto *a*.

Este paciente, num instante de angústia, depara-se com sua finitude na privação de uma parte do corpo dele/ele. A amputação coloca em cena a morte dele próprio. Difícil transmitir com palavras esta vivência, sensação, ou para ser mais rigorosa, um real sobre a própria morte que cai sobre o sujeito. Ali, enterrado, dentro de um caixão, estava ele.

O que escutei deste homem diante da sua própria morte insistiu em aparecer durante todo o processo deste trabalho. Posso afirmar com toda certeza que, sem que soubesse antes, portava um saber que se encaminhou em uma possível elaboração. A todo momento lembrava da sua fala sem poder inicialmente associar ao problema da sensação fantasma.

Ao escutar pessoas submetidas a uma amputação e que por essa via se deparam com a angústia nesse ponto de corte na carne/privação do corpo, chamava a atenção o fato de um corpo manter-se presente por seu vestígio através de um fenômeno ilusório.

A mancha de sangue, seja aquela com que se extenua Lady Macbeth, seja a que Lautréamont designa pelo termo intelectual, é impossível de apagar, porque a natureza do significante é justamente a de se esforçar por apagar um vestígio. E, quanto mais se procura apagá-la, para recuperar o vestígio, mais o vestígio insiste como significante. Daí resulta que, no tocante à relação com o modo pelo qual se manifesta o *a* como causa do desejo, estamos sempre lidando com uma problemática ambígua. (LACAN, 1962-1963/ 1994, p. 152).

Lacan nessa passagem nos remete ao texto de Shakespeare (2000): *Macbeth*. Situa-nos mais especificamente ao momento em que Lady Macbeth, esposa do protagonista, se debate, enlouquecida, na tentativa de apagar a mancha de sangue de suas mãos. Mesmo após lavá-las, continua a ver a presença das manchas que denunciam o crime cometido por seu marido: o assassinato de Duncan. Na impossibilidade de apagá-las, o olhar e angústia de Lady Macbeth indicam a presença insistente das manchas ilusórias revelando, assim, seu crime.

Lembro aqui da dimensão do *Unheimlich* retomada por Lacan na fábula do louva-a-deus, onde temos o sujeito marcado pela impossibilidade de ver sua própria imagem no “espelho enigmático do globo ocular do inseto”, revelando-se, assim, num ponto de angústia (1962-63/2005, p. 14).

Descrito por Freud (1919/1996) em seu artigo homônimo, o *Unheimlich* é uma chave fundamental para a abertura de toda e qualquer teorização mais precisa acerca da angústia. Esse afeto que não engana, que nos remete ao campo do desejo e, por conseguinte, ao seu objeto causa, objeto *a*. A aparição do objeto *a*, indica que há ali algo que aparece numa extimidade ao registro imaginário, onde a imagem seve para (re)velar.

Tomamos como ponto de partida a sensação fantasma como um fenômeno que Lacan nomeia como a “ilusão dos amputados”, localizando-a, assim, como uma produção em termos da imagem no campo da neurose. Uma aparição estranha no campo sensorial. Ilusão não é o mesmo que alucinação. Uma perna ilusória admite o ser e o não ser por uma espécie de simultaneidade, enquanto na alucinação o objeto é. Um fantasma que insiste em ficar no limbo, ali localizado em um ponto entre o vivo e o não vivo. Daí nossa partida, divisão.

Na clínica psicanalítica é bastante comum diante desse tipo de fenômeno dito neurológico um recuo teórico, deixando-o à cargo da explicação neurológica. Durante um bom tempo da minha prática clínica contentei-me com a explicação das neurociências e não me detive sobre o tema. Contudo, a possibilidade de recolher e concatenar alguns fatos clínicos permitiram-me o transformar em enigma.

Destaco que mais recentemente um grupo formado por psicanalistas franceses da *Association Lacanienne Internationale*, que possuem importante lastro na clínica da psicose, tem se dedicado a importantes pesquisas no campo das desordens neurológicas. Trata-se de relevantes estudos que nos indicam o modo como é possível abordar tais desordens tendo como base os fundamentos estruturais da teoria psicanalítica (MORIN & THIBIERGE, 2009; THIBIERGE, 2011; BERGÈS, 2008).

A neurologista Catherine Morin e o psicanalista Stéphane Thibierge (2009), identificam na neurologia o mesmo apreço que a psicanálise tem às patologias. As duas disciplinas clínicas constataam nas desordens do reconhecimento e identificação a presença de uma fisiologia. Assim, empreendem suas pesquisas em torno das operações necessárias para o acontecimento de fenômenos tão cotidianos que acabam sendo vistos como naturais. Como exemplo tem-se a prosopagnosia, isto é, a impossibilidade de reconhecer o próprio rosto e a anosognosia que é o

não reconhecimento de um lado do corpo paralisado, inclusive acreditando ser a própria mão uma outra pessoa.

Ao invés de simplesmente nomear como patológico determinado fato clínico, estas disciplinas esquadriham as manobras essenciais de funções, diferenciando modalidades funcionais no ato de reconhecer a imagem do próprio rosto. O que implica na possibilidade de identificar, através de uma desordem do reconhecimento da própria imagem, que há aí uma operação que se faz necessária, visto que uma modificação nesse nível coloca em risco o próprio reconhecimento.

De forma bastante rigorosa, é saber notório que Lacan dedicou-se a investigar o engendramento necessário ao reconhecimento da própria imagem no espelho, visto que se trata aí da constituição do eu enquanto operação formadora da função de sujeito. Este é um processo que ao longo deste trabalho será cuidadosamente percorrido de forma a identificar os elementos em jogo nesta articulação especular.

Inicialmente, caminhei pelo campo das neurociências buscando compreender o lugar dado aos vestígios fantasmáticos deixados em suspenso no rastro do relato da sensação fantasma. Identifiquei que algumas explicações no campo da neurologia para o fenômeno da sensação fantasma são dadas numa relação entre memória e esquema corporal, isto é, na construção e registro de mapas mentais, lembranças localizadas em regiões do cérebro. Assinalo que já temos aí algo que de partida nos diferencia da neurologia, posto que a concepção freudiana de memória faz uma torção ao trazer, como é sabido, o conceito de recalque enquanto operação essencial à constituição da memória e instauração do inconsciente. Este é um ponto que mais adiante passarei brevemente apenas para afixar-me em premissas teóricas essenciais ao estudo do tema mais específico deste trabalho.

Retomando, afirmei acima que para algumas correntes da neurologia, a sensação fantasma é o efeito de um registro de memória do corpo que se reproduz numa espécie de *delay*, uma desatualização temporal. O cérebro não identificaria que uma parte do corpo foi modificada, apesar do indivíduo já ter consciência da amputação. A meu ver essa explicação, ao colocar uma hiância entre o que acontece nas vias sinápticas e a produção da consciência, apenas retroalimenta a dimensão enigmática acerca do problema da sensação fantasma.

Longe de propor uma resposta psicogenética para questão da sensação fantasma, seguimos na linha apontada por Lacan em seu texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*, relatório em que o autor trabalha partindo de uma crítica a Henry Ey sobre o organo-dinamismo. O alerta lacaniano é que ao falar de realidade psíquica não se deve supor uma “relatividade

psíquica” que, como exemplifica o autor, numa análise da psicose poderia cristalizar o fenômeno delirante retirando-o do lugar da crença e alocando-o no erro, tornando-o assim objeto de juízo e posteriormente “puro e simples objeto” (1966/1998, p.164-65).

A tal ponto que, vislumbrando o sentido operatório dos vestígios que deixou nas paredes de suas cavernas o homem da pré-história, pode ocorrer-nos que realmente sabemos menos que ele sobre o que eu chamaria, muito intencionalmente, de matéria psíquica. Assim, na impossibilidade de, como Deucalião, das pedras fazer homens, tomemos o cuidado de não transformar as palavras em pedras (ibid: 162).

Tentando dar maior precisão ao que estou referindo-me é imprescindível identificar que há algo no fenômeno ilusório da sensação fantasma que sinaliza um comprometimento da operação imaginária em sua tentativa de recobrimento do objeto. Parece que ao perder uma parte do corpo, topamos com o desarranjo dessa imagem e conseqüentemente com um cataclismo no reconhecimento.

Notem que não estou afirmando que a pessoa após uma amputação sofre de um não reconhecimento de si como no caso de algumas psicoses e desordens neurológicas. Diante do espelho, sabe que é ela ali amputada. O eu permanece, mas não intacto. Entretanto, temos observado que há aí um ponto em descontinuidade onde o eu não se reconhece. Não se reconhece imaginariamente como alguém não independente, não completo, alguém que é cuidado e não mais aquele que cuida, etc. Trata-se, portanto, de um sismo na imagem e não de uma ruptura. Algo do *Unheimlich* aparece.

Na clínica, pacientes relatam o horror diante do “primeiro espelho” (*sic*) em uma referência ao olhar diante da sua própria imagem após uma amputação. Para alguns, apesar de não terem problemas para andar, encostar na perna amputada e até mesmo para olhar “o coto”, é insuportável olhar-se de pé, ver-se “não mais inteiro” (*sic*).

A esta pesquisa interessou, particularmente, uma via de acesso onde encontra-se a “captação identificatória pela imago” (1966/1998, p. 186) em sua relação com a angústia. Dito de outra maneira, a angústia como efeito de um abalo da imagem decorrente de um corte na carne, corte que incide no eu.

Curiosamente, é justo aqui, nesse ponto, que nos surpreendemos com Lacan (ibid) relacionando o fenômeno da sensação fantasma à imagem:

Com efeito, há em torno dessa imagem uma imensa série de fenômenos subjetivos, desde a ilusão dos amputados, passando pelas alucinações do duplo, até seu surgimento onírico e as objetivações delirantes que a ele se vinculam. O mais importante, porém, ainda é sua autonomia como lugar imaginário de referência das

sensações proprioceptivas, que podemos manifestar em toda sorte de fenômenos, dos quais a ilusão de Aristóteles é apenas uma amostragem (ibid, p. 187- grifo nosso).

## INTRODUÇÃO

O interesse por essa pesquisa surge do trabalho clínico, de orientação psicanalítica, desenvolvido no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, mais especificamente, na Unidade de Reabilitação que oferece um atendimento multidisciplinar a pessoas que, seja por diabetes, doença vascular, infecção, tumor, acidente de trabalho ou automobilístico, dentre outros motivos, tiveram parte do seu corpo amputado (dedos, mãos, braços e pernas). É possível localizar mais especialmente o início do enigma na incidência de uma pergunta que recebi como um presente.

Na prática com pessoas que sofreram algum tipo de mutilação<sup>1</sup> no corpo, seja pelo corte cirúrgico ou por acidente, o fenômeno descrito pela neurologia como sensação fantasma, isto é, a sensação de permanência de um corpo ali onde já não há mais a carne, um corpo dito fantasma, é recorrentemente encontrado.

Inicialmente sentido por quase todos os pacientes, a sensação fantasma possui aspectos descritivos bastante comuns, mas também particulares a cada caso. Trata-se aqui de uma referência ao tempo de evolução e forma de manifestação (dor, coceira, posicionamento do membro, etc). Um fenômeno, portanto, que faz aparecer o corpo ilusório, consistindo na realidade, e que demonstra a existência de outra dimensão que não é colapsada à presença física do membro.

O primeiro estranhamento do fenômeno ocorreu ao encontrar com um homem que havia amputado sua perna há pouco mais de um mês. Em uma primeira entrevista ele se apresentava trazendo em seu discurso um conhecimento científico resultante de sua pesquisa na internet sobre o signo da amputação. Esse foi o recurso utilizado por ele na época em que precisou decidir se iria submeter-se a esta cirurgia. O saber científico legitimou sua decisão.

Demonstrou saber sobre a técnica cirúrgica, dor, reabilitação, prótese e, também, sobre a sensação fantasma. Dizia que todo esse conhecimento teórico o tranquilizava. Tratava-se de um conhecimento retirado do discurso do outro e que ele apenas repetia. No entanto, ao falar sobre a sensação fantasma encontramos nele, neste seu discurso que parecia não ter espaço para a falta, o seguinte enigma: “Eu sei que não sou eu, é meu cérebro” (*sic*).

Esta frase é emblemática e recoloca a princípio um problema que há anos tem movimentando uma importante discussão no campo das neurociências: qual é a relação entre

---

<sup>1</sup> O termo técnico é amputação, no entanto, nesse tempo que tenho desenvolvido o trabalho de escuta tenho apre(e)ndido que esse conceito comparece camuflando o real colocado em cena quando o que está em jogo é cortar um pedaço da carne, um pedaço do filho, ficar aleijado, mutilado...

uma parte do campo da consciência, o da ipseidade, e o cérebro? Cientes da distância e do longo percurso necessário para esclarecer, por exemplo, quais redes neurais seriam responsáveis pela produção desse Self<sup>2</sup>, cientistas seguem suas pesquisas movidos pelo problema da consciência no que ele traz de enigmático ao campo da neurologia.

No entanto, após uma aproximação maior desses estudos fica nítido que há algo na frase desse paciente que é indicado pela denegação, “Eu sei que não sou eu, é meu cérebro”, e que merece uma outra investigação. Há nessa denegação um “eu” que diz não se identificar com um corpo (cérebro), mas que não pode ser outra coisa senão ele mesmo. Paradoxo que nos remete à problemática trazida por Lacan ao cartesianismo, pois se para neurologia o enigmático da frase “Eu sei que não sou eu, é meu cérebro” levanta questões acerca da apercepção, consciência, e mais especificamente para Damásio (2000) sobre o Self; para a psicanálise o paradoxo que se coloca é sobre a relação entre sujeito e eu no que diz respeito à constituição do corpo. Dito de outra maneira, a denegação traz nela mesma a marca da dimensão inconsciente que funda a divisão do indivíduo criando um outro lugar psíquico, uma Outra cena.

Encontramos, portanto, na denegação “Eu sei que não sou eu, é meu cérebro” o paradoxo: há em mim algo que não sou eu, que se produz a despeito e, também, a respeito, de mim. “É do ponto de vista do outro que o homem enfoca este reflexo. Ele é um outro para ele mesmo. Eis o que nos dá a ilusão da consciência ser transparente a si própria. Nós não estamos aí, no reflexo, estamos na consciência do outro, para perceber o reflexo” (LACAN, 1954-55/1985, p. 156).

Advertidos por Freud sobre a importância da jogada inicial para o desenrolar de todo o jogo que se segue, cabe aqui, então, definir como operar neste trabalho sobre uma aparição na ilusão do corpo fantasma. Para a psicanálise, o corpo, enquanto efeito das marcas impressas pela linguagem, adquire, na sua constituição, ritmos e sentidos. Funcionando a partir de ritmos impostos ao biológico, tais como hora de comer, de evacuar, urinar, ou, ainda, no surgimento do gesto na instauração de sentido à motricidade, estamos “*na fronteira negociada entre o organismo e o desejo*” (MELMAN, 2008).

No avanço dessa pesquisa novas indicações foram encontradas na escuta de dois pacientes, que citarei agora.

O primeiro caso é de um homem que teve suas duas pernas amputadas há seis meses e que chega contando que estranhamente o membro fantasma passou a ter uma bota apertando

---

<sup>2</sup>A palavra Self é aqui utilizada tendo como referência o conceito desenvolvido por Damásio, neurologista português, importante referência para os estudos nessa área e autor dos livros: *O erro de Descartes* (1995), *O mistério da consciência* (2000).

seu pé. Buscando escutá-lo, não respondo com informações sobre a origem do fenômeno, tampouco falo de estímulos físicos que a ciência indica para o desaparecimento da sensação fantasma. Ele, numa cadeia associativa, fala que no dia anterior recebera a notícia de que sua prótese não possuiria um pé do tamanho do seu. Teria que ser três números menores, fato que, naquele instante, o fez perder todos os seus sapatos. Seguiu contando que em determinado momento de sua vida, após mudança para outro país, passara a colecionar botas. Coleção esta que permitiu um deslizamento em torno do sentido da bota ortopédica que utilizou na infância com muito desconforto. Afirma que era ‘obrigado a usar aquele sapato ortopédico’. Numa retificação subjetiva, ao longo de sua história, buscou o prazer nesse objeto “bota”, transformando-o numa marca sua, no seu estilo. Contudo, agora teria que “jogar todas fora” e comprar “botas menores”. Botas de qualidade inferior, de seu país de origem, botas que “machucam os pés”.

O segundo caso refere-se a uma senhora que após três anos de amputação já não sentia mais o membro fantasma. Por diversas dificuldades físicas, sociais e emocionais não saía de casa além do dia em que era levada ao hospital. Certa vez, seu animal de estimação adoeceu e ela “precisava” cuidar dele. “Precisava” de suas pernas para levá-lo ao veterinário, para sair de casa. Passou a sentir novamente sua perna, o membro fantasma.

A apresentação destes fatos clínicos ajuda no propósito de aproximação da dimensão na qual será estudado o fenômeno da sensação fantasma, isto porque deixam evidente que há no ponto de angústia efeitos que trazem à cena uma dimensão própria do significante em sua relação com o objeto *a*.

Cabe aqui uma pequena, mas fundamental advertência metodológica com o propósito de elucidar o que aqui está sendo nomeado como fatos clínicos. Referência aqui explícita ao ensino de Marcel Czermak, psicanalista, psiquiatra, membro fundador da *Association lacanienne internationale*.

Considerando a linguagem como instrumento primordial na abordagem dos fatos clínicos, requer no campo psicanalítico admitir que é somente sob transferência e com a resistência que um fato clínico se determina. Reforçando, sobretudo, que no delineamento do quadro torna-se imprescindível a presença do clínico, de sua escuta. Devendo esta ser orientada pelas premissas elaboradas por Freud no que diz respeito à técnica que pressupõe a associação livre e a atenção flutuante. Entretanto, quanto ao risco de imprecisão teórica e interpretações calcadas na primazia do sentido, Czermak salienta que é preciso prudência! Faz-se necessário organizar àquilo que é recolhido “nu e cru” no campo da linguagem, operando os fatos com a

máquina da significação, deixando-se em suspenso todo e qualquer empuxo à interpretação imaginária.

Freud fabricou conceitos visando a ordenação daquilo que sobressaltava como desordem em sua clínica. O rigor técnico e teórico deve advir norteado pela advertência de que os conceitos não viveriam sem os fatos que os modificam em seu retorno. (Czermak, 2004, p. 112).

Não se trata aqui, portanto, de buscar articular dois saberes, fazendo da neurologia e psicanálise, uma neuropsicanálise, pois, como Freud e Lacan indicaram há uma distinção radical entre corpo e anatomia. Sendo assim, é por supor um descontínuo entre necessidade e desejo que esta investigação avançou. Este trabalho busca confirmar que o ato teórico de Freud ao fundar um outro lugar, uma Outra Cena, a do inconsciente, pôde de dentro do próprio campo da ciência, inaugurar uma nova região, ordenada por elementos de uma estrutura com causalidade e temporalidade próprias. Advertida de que estava prestes a entrar num terreno fértil para investigação de diferentes especialidades científicas, a primeira preocupação foi delimitar qual seria a porta de entrada, pois não se trata de buscar uma interface pura e simples no sentido de uma complementação teórica com outras disciplinas como, por exemplo, a neurologia e a filosofia.

Inicialmente foi, então, realizado um breve levantamento acerca do conceito de sensação fantasma, verificando-se que mais recentemente a neurologia tem se dedicado a uma investigação sobre a causalidade do fenômeno. No trilhamento neural das vias sinápticas, buscam encontrar o que essa ilusão do corpo tem a ensinar sobre o modo de constituição da consciência de si, localizando no cérebro o órgão responsável pela produção deste fenômeno. No primeiro capítulo será brevemente percorrida a relação da psicanálise com a ciência, e, na sequência uma leitura sobre alguns modos de conceber a sensação fantasma no âmbito da neurologia. Passando, então, pelo percurso histórico dos estudos acerca da sensação fantasma no campo da ciência, mais especificamente da neurologia. O objetivo não é realizar um estudo baseado em fatos históricos para tornar evidente o desenvolvimento científico, mas apenas encontrar pontos de ancoragem que ajudem a compreender um pouco mais sobre a posição da ciência frente ao fenômeno estudado. Caberá ainda nesse primeiro momento apontar o que a psicanálise introduziu de novo ao considerar o inconsciente estruturado como uma linguagem e inserir um objeto que só pode ser manejado no lugar de causa, subvertendo, assim, toda a concepção científica de objeto e sujeito. Eis apenas os alicerces desta pesquisa, etapa crucial,

para sedimentar a base conceitual com a qual será esquadrihado um determinado viés da teoria psicanalítica em torno dos temas do *Unheimlich* e da imagem.

No segundo capítulo foram selecionadas algumas ferramentas essenciais a esta empreitada. Deste modo, premissas conceituais serão retomadas para auxiliar no manejo do esquema óptico a ser realizado no terceiro capítulo sob a perspectiva de uma estrutura de linguagem. Por fim, será realizada a abordagem do *Unheimlich*, em sua relação com a angústia, que terá como bússola a indicação lacaniana sobre o lugar do falo na constituição da imagem.

A angústia é um sinal da aparição do objeto e Lacan afirmou que se trata aí de uma operação em que, com base no esquema óptico, “uma coisa qualquer” aparece no lugar do  $-\phi$ . A partir daí, será possível indagar a aparição desta ilusão dos amputados examinando-se os efeitos de uma mutilação do corpo em uma Outra Cena. Situando no campo da privação esse corte na carne, trata-se de pensar como a escuta dessa experiência ilusória poderia levar o sujeito à problemática da castração. Neste ponto, recorro à dimensão do olhar para considerar o real da falta. Veremos como é fazendo intervir o significante pela escuta analítica que se pode oferecer uma possibilidade de simbolização do vazio real.

## **CAPÍTULO 1. *WIEDERHOLUNGSZWANG* (Wz): DO AUTOMATISMO DA NEUROLOGIA À REPETIÇÃO NA PSICANÁLISE**

(...) O discurso da ciência não deixa nenhum lugar para o homem (LACAN, 1969-70/1996, p.171).

A clínica das desordens neurológicas poderia representar para a psicanálise um impasse ao seu avanço ou até mesmo um impedimento à sua existência. A comprovação da determinação de uma materialidade físico-química das sinapses e a própria estrutura topográfica do mapeamento cerebral poderiam, numa conclusão objetiva, provocar o extermínio do campo do sujeito. A destruição de uma região do cérebro decorrente da presença de um tumor, que provoca uma perda da memória, traz à psicanálise o desafio de sustentar-se enquanto um saber, uma vez que o próprio objeto de estudo estaria aniquilado.

Ao iniciar uma pesquisa a respeito de um fenômeno habitualmente reconhecido no domínio da neurologia, com o propósito de fazer circular o discurso da psicanálise em uma instituição predominantemente científica, fui provocada por alguns questionamentos. O que ainda há por pesquisar se o discurso da ciência já produziu uma verdadeira explicação sobre a sensação fantasma? Como falar de uma teoria do final do século XIX, início do século XX, em uma era de inovação tecnológica? Como dar credibilidade a uma pesquisa clínica numa era em que máquinas são capazes de comprovar a localização das diversas funções cerebrais, tais como linguagem, memória e emoção, através de imagens produzidas por aparatos tecnológicos cada vez mais precisos e sofisticados? Onde está o inconsciente, afinal?

A insistência em abordar aqui o campo científico da neurologia em sua relação com a psicanálise, ainda que dentro dos limites das nossas possibilidades, demonstra um certo embaraço inicial em torno da questão da materialidade do inconsciente. Em psicanálise, clínica e pesquisa estão sempre associadas. No ambiente hospitalar, em que se tem a predominância do saber da medicina, que tem como objeto de intervenção corpos adoecidos de pessoas, a premissa compartilhada é a de que pessoas têm corpos. Essa é a materialidade onde é possível intervir.

Trata-se, apenas, do corpo anatômico como objeto de intervenção. No discurso científico ocidental, a perspectiva localizacionista é dominante e a indagação sobre uma imagem anatômica que dê conta da existência do inconsciente é recorrente. Deste modo, nossa escolha por uma introdução ao tema mais detida numa diferenciação do objeto da psicanálise

em referência ao objeto das neurociências, se justifica para que possamos avançar numa perspectiva que visa a inclusão do discurso analítico no universo hospitalar, ainda que sem recorrer a equivalentes anatômicos e mantendo o lugar de *extimidade* necessária para que possamos operar.

Jean Bergès (2008), psicanalista francês com vasta experiência no campo dos diagnósticos em neurologia e psiquiatria infantil, afirmou em seminário realizado na década de 90, no hospital Saint-Anne, que “o corpo da neurologia nasce dos escombros da histeria” (p.30). Imagem interessante para uma discussão rente à problemática trazida por aquilo que na clínica se apresenta como uma dobradiça que toca dois campos, neurologia e psicanálise. Afinal, temos que considerar que se por um lado é pela passagem das imagens pelo real “esquivado com o imaginário do signo”(ibid) que a neurologia ganha consistência e reconhecimento com descobertas acerca das funções cerebrais na dita materialidade das sinapses, por outro lado a psicanálise aparece aí nesse mesmo ponto, evidenciando sua contribuição fundamental, ao trazer a dimensão da linguagem em sua relação com o sexual na regulação de todo e qualquer funcionamento inconsciente. Dito de outro modo, instaura-se uma erótica da cadeia significativa que determina o movimento metonímico do desejo, “graças a qual vocês podem ser levados pela ponta do nariz, e não simplesmente, é claro, a se deslocarem pelo corredor” (LACAN, 1971/ 2009, p. 46).

Logo, é preciso situar o presente estudo sob a perspectiva de rompimento, de uma vez por todas, com qualquer ambição de junção de saberes em prol de uma completude do conhecimento. Advinda da *démarche* cartesiana, a psicanálise nasce de um ato de passagem para outro campo, afinal, não se trata simplesmente de metodologias científicas diferentes para tratamento de um mesmo objeto ou de partes do mesmo objeto. Não! O que temos é uma diferença do objeto e do sujeito. São outras categorias, uma outra topologia, uma outra estrutura (LACAN, 1969-70; 1965, ALBERTI; ELIA, 2008; ELIA, 1999; LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2017; FIGALE, 2016).

Ressaltando que o signo designa a função em seu funcionamento, quanto ao real fundante deste corpo da neurologia, Bergès (2008) afirma, sem qualquer hesitação, que o signo nada mais é do que a retomada do imaginário em sua tentativa de ultrapassá-lo. “O signo é portanto, mais patognômico quando responde a um fantasma de unidade, de certeza” (p. 30).

Há um circuito marcado pela temporalidade onde podemos identificar estrutura, função e funcionamento. Avançando um pouco mais, Bergès (2008) afirma que há uma ultrapassagem da função, que supõe uma estrutura, por seu funcionamento. Uma determinada função está de

tal modo ligada a engrenagem do funcionamento, que seu amadurecimento é consequência da relação deste último com o ambiente, o outro, Outro.

O pai da psicanálise encontrou há muito tempo com o fato de que o essencial da pulsão é a sua satisfação e que um dos seus destinos é o recalque. Efeito do recalque original, o significante tem sua primazia ressaltada por Lacan. Infiltrada na estrutura do orgânico, a função tem seu elo com a pulsão e é pelos “acazos do funcionamento da função que o corpo da neurologia se constituiu” (ibid).

Ao considerar a dimensão do sexual, e, portanto, do significante nesse interjogo da relação entre estrutura, função e funcionamento no que diz respeito a toda problemática da constituição do corpo, a investigação psicanalítica trabalha com o conceito de repetição que vai além do automatismo comprovado pelas redes neurais. O significante é o operador no mecanismo de constituição da imagem especular que tem na insistência o *modus operandi* do inconsciente. Neste sentido, é preciso afirmar um sujeito que tem na materialidade do significante sua condição de existência, sem cair na armadilha de uma concepção substancialista do inconsciente: “dar corpo à realidade psíquica sem substantivá-la” (LACAN, 1964/1998, p. 74).

Dando sequência ao texto dessa dissertação, atravessando brevemente o universo da neurologia, peço licença para de forma preliminar realizar uma longa citação do seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. A grandeza dessa citação está em advertir, aquele que se propõe a estudar psicanálise, acerca da posição que se deve ocupar em toda e qualquer pesquisa, e clínica, em relação ao eu e a consciência:

O importante não é derrubar a consciência - não estamos procurando efetuar aqui grandes derrocadas de vidraças. Trata-se da extrema dificuldade que existe na experiência analítica em fornecer do sistema da consciência uma formulação dentro da ordem daquilo que Freud chama a referência energética, para situá-la no interjogo dos diferentes sistemas psíquicos.

O objeto central de nosso estudo este ano é o eu. Este eu tem de ser despojado do privilégio que recebe de uma certa evidência, que procura salientá-lo, de mil maneiras, que se trata apenas de uma contingência histórica. O lugar que ela ocupou na dedução filosófica é uma das manifestações mais claras disto. A noção do eu tira sua evidência atual de um certo prestígio conferido à consciência como experiência única, individual, irreduzível. A intuição do eu guarda, na medida em que está centrada numa experiência de consciência, um caráter cativante, do qual é preciso desprender-se para ter acesso à nossa concepção de sujeito. Procuro afastar vocês de sua atração a fim de permitir-lhes apreender, enfim, onde está, para Freud, a realidade do sujeito. No inconsciente, excluído do sistema do eu, o sujeito fala (LACAN, 1954-55/1998, p. 85).

## 1.1 A sensação fantasma

A apreensão da consciência para o que se pode considerar uma filosofia tradicional é um dos pilares para toda concepção de mundo. A problemática da ipseidade, da continuidade estrutural da realidade e da percepção não são temas novos, tampouco privilégio das diferentes ponderações do universo filosófico. A evocação desses temas é também objeto de pesquisa entre neurocientistas que tentam responder ao enigma da consciência de si através do funcionamento cerebral, sem provocar a desarticulação dos pilares sustentáculos da certeza científica. O deciframento da fisiologia é o caminho a ser seguido, buscando localização e causa da consciência humana e da produção da auto-imagem. Sob esta perspectiva, o enigmático fenômeno da sensação fantasma serve como um sinalizador da articulação entre o cérebro e a realidade, ao presentificar a possibilidade de uma sensação corporal ilusória produzida exclusivamente pela materialidade das vias neurais.

O fenômeno da sensação fantasma foi descrito pela primeira vez na literatura médica, no século XVI, por Ambroise Paré. Cirurgião do exército francês que desenvolveu métodos que marcaram o avanço das técnicas cirúrgicas de amputação, resultando no aumento da sobrevivência dos soldados e assim encontrando com a dor do membro fantasma. (RAMACHANDRAN e HIRSTEIN, 1998, p.164).

No século XVIII, temos o famoso caso de amputação do braço e síndrome do membro fantasma de um importante Almirante da Real Marinha Britânica, Sir Horatio Nelson que considerou a sensação fantasma como prova da existência da alma humana, acreditando que apesar da morte do orgânico sua alma persistia ali na perna fantasma. Refletindo sobre o que vivenciava, questionou-se, então, se este fenômeno não poderia se dar para todo o corpo humano no caso da morte (ibid).

Em 1866, o neurologista americano Silas Weir Mitchell, autor da expressão membro fantasma realizou uma importante descrição clínica da sensação fantasma através da obra de ficção *The case of George Dedlow* publicada na revista literária/cultural *The Atlantic Monthly*. Neste artigo o autor trabalha de forma detalhada tanto o fenômeno da sensação fantasma quanto os efeitos subjetivos de uma amputação, chegando também a formular uma hipótese para a causa do fenômeno.

Mitchell (1866) realiza uma descrição clínica em forma de narrativa retratando as vivências de um capitão, enquanto este realiza seu relatório sobre os soldados amputados na

Guerra Civil Americana. Escrito em primeira pessoa, a obra não se detém a um mero relato de sensações corpóreas e traz a experiência de angústia vivenciada pela via da amputação. Encontramos em seu texto uma diversidade de experiências vivenciadas pelo narrador protagonista a partir das modificações sofridas por amputações em seu próprio corpo. Refere-se, também, a alguns relatos que pôde escutar de companheiros de guerra e enfermaria.

Ao longo do texto há uma explicação para o fenômeno que deriva da premissa de que o conhecimento do próprio corpo é produzido a partir de estímulos que afetam as superfícies sensíveis. Os nervos são descritos enquanto responsáveis por transmitir esses estímulos para células da coluna vertebral e destes para o cérebro. Com a amputação os nervos passariam a identificar a mudança, porém em alguns casos haveria uma alteração que acarretaria uma irritação que poderia produzir nevralgias no membro perdido e com isso a dor manteria o cérebro consciente da parte que falta:

This pain keeps the brain ever mindful of the missing part, and, imperfectly at least, preserves to the man a consciousness of possessing that which he has not.

Where the pains come and go, as they do in certain cases, the subjective sensations thus occasioned are very curious, since in such cases the man loses and gains, and loses and regains, the consciousness of the presence of lost parts, so that he will tell you, "Now I feel my thumb,-now I feel my little finger (ibid., p. 10)<sup>3</sup>.

Ao final do texto, pouco a pouco, encaminha questionamentos que surpreendem pela delicadeza com que o autor foi traçando o lugar do personagem com suas questões sobre o existir num corpo:

Still more remarkable, however, were the physical changes which I now began to perceive. I found to my horror that at times I was less conscious of myself, of my own existence, than used to be the case. This sensation was so novel, that at first it quite bewildered me. I felt like asking some one constantly if I were really George Dedlow or not; but, well aware how absurd I should seem after such a question, I refrained from speaking of my case, and strove more keenly to analyze my feelings. At times the conviction of my want of being myself was overwhelming, and most painful. It was, as well as I can describe it, a deficiency in the egoistic sentiment of individuality. [...] Thus one half of me was absent or functionally dead. [...]

---

<sup>3</sup> Tradução livre: Essa dor mantém o cérebro sempre atento à parte que falta e, pelo menos imperfeitamente, preserva para o homem uma consciência de possuir o que ele não tem.

Onde as dores entram e vão, como fazem em certos casos, as sensações subjetivas assim ocasionadas são muito curiosas, pois, em tais casos, o homem perde e ganha, perde e recupera, a consciência da presença de partes perdidas, de modo que ele irá dizer-lhe: "Agora sinto o meu polegar, agora sinto meu dedo mindinho."

I thus reached the conclusion that a man is not his brain, or any one part of it, but all of his economy, and that to lose any part must lessen this sense of his own existence. I found but one person who properly appreciated this great truth (MITCHELL, 1866, p. 12-13)<sup>4</sup>

Ainda no âmbito da angústia e questionamentos sobre sua identidade, Silas Weir Mitchel termina com a seguinte frase: “It is needless to add, that I am not a happy fraction of a man; and that I am eager for the day when I shall rejoin the lost members of my corporeal family in another and a happier world” (p. 18)<sup>5</sup>.

Ciente de que qualquer questionamento sobre a perda da identidade seria da ordem do estranho, o personagem questiona-se delimitando a existência desse efeito da amputação no processo de identificação, imaginária. Ele sabe que se indagar sobre a continuidade dele ser ele mesmo após a perda de parte de seu corpo não é algo aceitável racionalmente. No entanto, não se abstém de marcar que para ele, em algum lugar esse questionamento é possível de ser feito, segue, inclusive, relacionando esta mudança no eu à diminuição de contato com o mundo externo que ocorre através da pele.

A vivência de George Dedlow remete a um caso clínico que, posteriormente será retomado. Tanto o personagem de Silas Weir Mitchel quanto o paciente, trazem os efeitos de sujeito no abalo da imagem corporal, a partir da presença/ausência do corpo fantasma. Ou, ainda, como formulou melhor uma paciente: “Eu sinto minha perna, mas não a tenho”.

Durante muito tempo este fenômeno foi descrito apenas como uma curiosidade clínica. Porém, recentemente, tem-se observado um ressurgimento deste tema nos estudos científicos no campo das neurociências. Algumas pesquisas buscam encontrar, a partir da sensação fantasma, indicações sobre o modo de constituição da imagem e esquema corporal. Essas formulações seguem, no que diz respeito a uma organização morfofuncional no cérebro

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Ainda mais notável, no entanto, foram as mudanças físicas que eu agora começava a perceber. Descobriu o meu horror que às vezes eu estava menos consciente de mim mesmo, da minha própria existência, do que costumava ser o caso. Essa sensação era tão nova, que, a princípio, me perplexo. Eu senti vontade de perguntar a alguém constantemente se eu fosse realmente George Dedlow ou não; Mas, bem consciente de quão absurdo eu deveria parecer depois de uma pergunta, eu me absteve de falar do meu caso e me esforcei mais para analisar meus sentimentos. Às vezes, a convicção de minha falta de ser eu mesmo era esmagadora e mais dolorosa. Foi, assim como eu posso descrever, uma deficiência no sentimento egoísta da individualidade. [...] Assim, metade de mim estava ausente ou funcionalmente morto. [...] Cheguei à conclusão de que um homem não é seu cérebro, nem qualquer parte dele, mas toda sua economia, e que perder qualquer parte deve diminuir esse senso de sua própria existência. Eu encontrei apenas uma pessoa que apreciou adequadamente essa grande verdade.

<sup>5</sup> Tradução livre: Não é necessário acrescentar, que não sou uma fração feliz de um homem; e que estou ansioso pelo dia em que eu vou voltar aos membros perdidos da minha família corpórea em outro e um mundo mais feliz.

humano, tendo como objetivo, também, identificar marcadores de percepção para rastrear plasticidade neural, diferenciando-se, assim, de uma ideia anterior que identificava o cérebro como algo estático e imutável onde conexões sinápticas uma vez estabelecidas não se modificariam (RAMACHANDRAN & HIRSTEIN, 1998, WOODHORSE, 2005, SIMÕES, 2012).

As neurociências, que atualmente contam com a ajuda dos exames de neuroimagens, têm se debruçado sobre os mecanismos orgânicos cerebrais e pesquisas são desenvolvidas buscando ver e localizar a produção do membro fantasma na anatomia e fisiologia do cérebro. Assim, percepções cinestésicas, cinéticas, exteroceptivas e sobrepostas são estudadas pelo que o paciente diz sentir (SIMÕES, 2012).

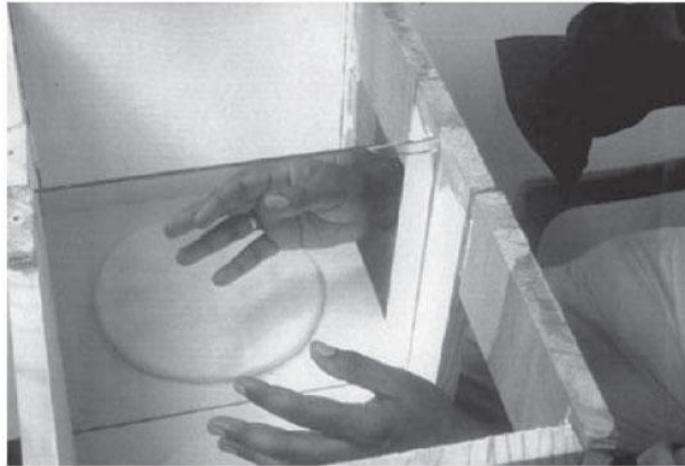
Willian James (1887) em seu artigo *The consciousness of lost limbs* retrata o que encontrou após questionário aplicado a cento e oitenta e cinco pessoas amputadas. O instrumento de investigação conta com 14 perguntas e tinha como foco indagar o aspecto sensorial do membro, tal como tamanho, temperatura, posicionamento, etc. Além disso, investigou também a relação do paciente com o controle motor do membro fantasma. Outro aspecto a observar era a relação entre as características dos membros reais, amputado e não amputado, e o membro fantasma. Willian James identificou a existência de algo que no momento do aparecimento da sensação fantasma estaria ligado a sentimentos e atenção dedicada à perda do membro.

A sensação fantasma seria para o autor vestígio de algo que antes tinha ligações reais com o orgânico. No entanto, o autor questiona-se sobre como pensar o papel idiossincrático deste aparecimento e relata não ter conseguido avançar nas diferenças individuais que encontrou.

## **1.2 Ramachandran em busca da arquitetura do cérebro**

O neurocientista indiano tem se debruçado sobre o fenômeno da sensação fanstasma: Vilayanur Ramachandran (1951), diretor do Centro do Cérebro e da Cognição da Universidade da Califórnia, em San Diego, e co-inventor da caixa de espelhos (Figura 1), aparato bastante conhecido no tratamento dos membros fantasmas e que tem como base submeter o cérebro à ilusão da imagem.

Figura 1- Caixa de espelhos



Fonte: SILVA, 2013.

Em 1998, Ramachandran publicou o livro *Phantoms in the brain – probing the mysteries of the human mind* (*Fantasma no cérebro – Uma investigação dos mistérios da mente humana*). Debruçando-se sobre casos clínicos e apoiado na teoria da neuroplasticidade, o pesquisador indiano desenvolve sua hipótese acerca do funcionamento cerebral que o permitiu compreender algumas desordens neurológicas, tais como o membro fantasma do amputado, a agnosia e a síndrome de Capgras. Partindo da perspectiva de uma distinção causal entre os transtornos psiquiátricos e neurológicos, localiza na lesão cerebral a explicação para estes últimos. Sustentando, assim, as causas do delírio de um Deus que fala num caso de epilepsia do lobo temporal como algo substancialmente diferente do delírio psicótico.

Investigando o funcionamento do cérebro nos distúrbios neurológicos, de modo experimental, buscou descobrir, a partir da experiência do membro fantasma, o mecanismo cerebral responsável pela construção da imagem corporal. É, portanto, na transferência desses pacientes da clínica para o laboratório que o cientista acredita que será revelada a arquitetura profunda de nossos cérebros (RAMACHANDRAN, 1998).

Na verdade, podemos começar onde Freud terminou, ingressando no que se poderia chamar de a era da epistemologia experimental (o estudo de como o cérebro representa o conhecimento e crença) e neuropsiquiatria cognitiva (a interface entre distúrbios físicos e mentais do cérebro), e começar a fazer experiências sobre os sistemas de crença, consciência, interações corpo-mente e outras características do comportamento humano (ibid, p.25).

Embora ciente da impossibilidade de abandonar os rastros clínicos do fenômeno através do relato do paciente, segue considerando a fala apenas como índice daquilo que busca

encontrar nas imagens dos exames, filmes e fotografias da anatomia e fisiologia do cérebro. Assim, apoiando-se em resultados cientificamente comprovados por ressonâncias e tomografias, Ramachandran afirma com convicção, após uma laboriosa investigação, ter resolvido o mistério dos membros fantasmas localizando-os no cérebro e não “em teorias *ad hoc* para síndromes singulares, como se uma condição estranha exigisse uma explicação igualmente estranha”. Neste ponto, refere-se de forma crítica a explicações que identifica ao campo da psiquiatria, a causalidade de síndromes estranhas relacionadas à educação do paciente (pensamentos ruins da infância) ou até na mãe do paciente (má educadora).

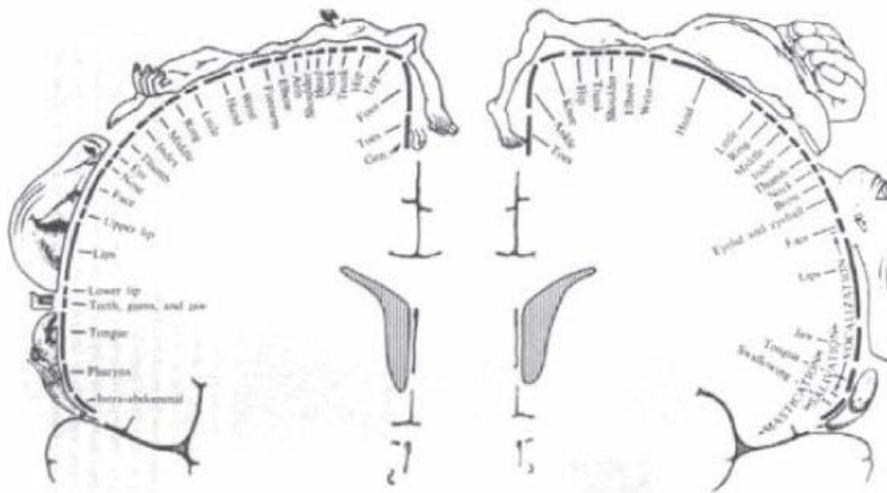
Na sequência, o neurologista critica veementemente duas explicações para o aparecimento do membro fantasma: a primeira está ligada à ideia de que esta aparição é o resultado da “racionalização do desejo” e a segunda é uma explicação biológica que relaciona à existência de neuromas no membro amputado. Tais inflamações seriam responsáveis por induzir os centros superiores do cérebro ao erro de considerar que o membro ainda permanece ali.

No que se refere à teoria psicanalítica, gostaríamos de salientar que, atualmente, Ramachandran pertence, assim como o reconhecido neurologista português Antonio Damásio, ao *Neuroscientific Advisory Board* do grupo norte-americano *The Pfeifer Center for Neuropsychophysiology*, tendo, inclusive, recebido, em 2013, um prêmio desta instituição. Mais adiante, serão encaminhadas algumas questões sobre essa junção de saberes entre neurologia e psicanálise.

A explicação de Ramachandran para o fenômeno da sensação fantasma ampara-se na descoberta da neuroplasticidade na memória do esquema corporal, mais especificamente nas descobertas da reorganização cortical encontrada pela equipe de Timothy Pons, publicadas em 1991. As pesquisas do neurocientista do *Laboratory of Neuropsychology at the National Institute of Mental Health and Vanderbilt University* foram realizadas através de lesões no cérebro dos macacos (PONS et. al, 1991). O resultado deste estudo foi a descoberta de que há uma reorganização das funções cerebrais e, deste modo, a ideia do cérebro como algo rígido foi amplamente modificada. A premissa do pesquisador era a existência de mapas cerebrais que correspondem ao esquema corporal, conforme demonstra a clássica imagem sobre a correspondência de partes do corpo no córtex cerebral: o “Homúnculo de Penfield” (Figura 2). O seu achado acerca da possibilidade de alterações nas conexões cerebrais consiste no fato de

que uma área responsável, por exemplo, por processar as informações sensoriais da mão paralisada do macaco, podem se modificar e passar a responder pelo rosto.

Figura 2 - Homúnculo de Penfield



Fonte: SILVA, 2013.

Com base nesses estudos que comprovam a possibilidade de reorganizações no funcionamento cerebral, Ramachandran (1998) realizou experiências com seres humanos que tiveram alguma parte do corpo amputado há menos de quatro semanas. Aplicando uma pressão entre as diferentes partes do corpo, o pesquisador ouviu dessas pessoas que a pressão aplicada ao rosto era sentida como se estivesse vindo do rosto e da mão fantasma. A explicação de tal resultado é associada ao fato de o território cortical correspondente ao braço localizar-se ao lado do rosto, havendo, por conseguinte, um remapeamento cerebral a partir de uma reorganização cortical do esquema corporal. A justificativa dessas modificações seria, portanto, a proximidade anatômica das estruturas cerebrais responsáveis pelo processamento das informações do esquema corporal:

(...) o fantasma surge não surge do coto, mas do rosto e da maxila., porque toda vez que Tom sorri ou movimenta o rosto e os lábios, o impulso ativa a área da “mão” em seu córtex, criando a ilusão de que sua mão ainda está ali. Estimulado por todos estes sinais falsos, o cérebro de Tom literalmente tem a alucinação de seu braço e talvez esta seja a essência do membro fantasma (p. 60-61).

Diante de tal descoberta, uma moderna técnica de neuroimagem, magnetoencefalograma (MEG), confirmou as modificações no córtex nos casos de amputação, mas o enigma da gênese destes novos caminhos não estava totalmente esclarecido. A maneira

como se forma a arquitetura cerebral ainda guardava mistérios, afinal qual seria a gênese da dor fantasma? Seguindo sua investigação, Ramachandran desenvolveu uma técnica que inclui o olhar sobre a imagem do próprio corpo e assim nasce a técnica do espelho, recurso terapêutico muito utilizado no tratamento dessa dor num corpo sem carne.

Na figura 1, é possível observar que o paciente posiciona sua mão diante do espelho plano de forma a criar a ilusão de uma mão no local da amputação, onde se aloja o membro fantasma. O objetivo é “enganar” o cérebro com a presença de uma mão virtual, que responde aos comandos da consciência através da movimentação da mão que possui materialidade anatômica, possui carne. Resulta desse manejo operatório em torno da imagem virtual: a presentificação de uma imagem no lugar da mão amputada, um simulacro fantasmático.

Embora faça algumas críticas às formulações freudianas, o psicanalista austríaco é referência recorrente no texto de Ramachandran. Ainda que sem diferenciar exatamente o ponto que o desvencilha e o que o liga ao pensamento de Freud, o pesquisador indiano demonstra ao longo do seu texto que reconhece as contribuições da teoria psicanalítica. Identifica a importância da grande descoberta freudiana - a dimensão inconsciente - desta recolhendo a concepção de que há um modelo estrutural de organização que prescindem da consciência. De forma geral as críticas são em relação ao apego que alguns pós-freudianos têm em relação ao sentido, às interpretações pela via do significado. Justamente o que na retomada teórica desenvolvida por Lacan também é questionado.

Todo esse campo da neurologia que trouxemos até aqui, ainda que de forma introdutória, nos indicam o caminho que as pesquisas nessa área tem seguido até aqui, porém a nossa questão no presente trabalho é, como já mencionamos anteriormente, demonstrar que todo esse conhecimento não invalida em nada o que a psicanálise pode formular a respeito da sensação fantasma numa outra dimensão onde as coisas acontecem. Afinal, podemos dizer, por exemplo, que umas das funções da boca é a voz, assim como sabemos que as articulações motoras do rosto estão ligadas a um determinado circuito pulsional. Não por oposição aos achados da neurologia, mas por fundar um outro campo, é preciso afirmar que em psicanálise “a boca” é um significante. A sensação, portanto, está numa dependência intrínseca ao significante, ao investimento pulsional, sendo ela própria significante.

Outros exemplos clínicos trazidos por Ramachandran apresentam uma associação entre o ato sexual e o aparecimento do pé fantasma, fato que associa também uma localização cerebral dos órgãos genitais próximas à do pé. Diante destes exemplos não é possível negar os efeitos

de outro campo próprio a investigação psicanalítica que é o da linguagem, do sexual. Se Tom, paciente do pesquisador, sente a mão quando seu rosto é tocado, em nossa clínica é comum a perna “aparecer” quando aquilo que é tocado pela fala é causa de angústia, como, por exemplo, a questão sexual e a da finitude. Além do que, o rosto tocado de Tom é, decididamente, *significante*.

Afirmamos que os neurologistas não estão desavisados de que embora precisem dar conta de uma estrutura anátomo-fisiológica, esta é somente a base de algo que ali mesmo se passa numa outra dimensão. No entanto, pesquisadores agem metonimicamente, de *significante* em *significante*, na tentativa de montar um quebra-cabeças de bilhões de peças. Psicanalistas avisados da importância da estrutura anátomo-fisiológica, dirigem-se a uma outra *dit-mansion* (LACAN, 1971/2009). Debruçados no enodamento entre real, simbólico e imaginário, partem de uma outra topologia e temporalidade que intervém na realidade, permitindo que a inscrição de uma percepção se torne memória somente porque há um investimento de linguagem. No universo da psicanálise: há pulsão e há *significante*.

Cabe, ainda, ressaltar que os neurologistas clínicos como Ramachandran (2008) se interessam por essa estrutura cerebral no intuito de elucidar função e funcionamento e não se reduzem a uma investigação localizacionista, por uma espécie de modularidade reducionista:

No estado atual das coisas, uma profusão de provas empíricas apóia a idéia de que de fato existem partes ou módulos especializados do cérebro para várias faculdades mentais. Mas o verdadeiro segredo para entender o cérebro está não somente em deslindar a estrutura e função de cada módulo, mas em descobrir como interagem uns com os outros para gerar todo o espectro de habilidades que chamamos de natureza humana.

É aqui que entram em cena os pacientes com problemas neurológicos singulares. (...) o estranho comportamento destes pacientes pode nos ajudar a resolver o mistério de como várias partes do cérebro criam uma representação útil do mundo externo e geram a ilusão de um “eu”, uma individualidade, que resiste no espaço e no tempo (p. 35).

### **1.3 Na fronteira entre neurologia e psicanálise: um abismo**

Há um grupo de pesquisa, formado por psicanalistas e neurologistas, nomeado como neuropsicanálise, que não coincide com o objetivo desta dissertação. Embora também preocupada com a função e funcionamento de uma estrutura de linguagem, a psicanálise

lacaniana é firme numa posição que a detém sobre uma Outra Cena, a do inconsciente. Aquela que como será desenvolvido a seguir, Freud mapeou desde os primórdios de seus escritos.

Para a psicanálise de orientação lacaniana há no movimento de ir e vir da rede neural envolvida no recolhimento das informações sensoriais, na comunicação entre neurônios (sinapses) necessária ao processo de identificação e reconhecimento da realidade, algo que é correlato daquilo que acontece numa dimensão a-significante, numa matriz simbólica anterior a própria constituição do eu e portanto, do advento do sujeito. Algo que se passa no campo do traço, da letra. Uma amputação do corpo pode levar o sujeito ao universo da privação, do real da falta.

Com o propósito de mediar a elaboração acerca do lugar de aparição da sensação fantasma no discurso, indagaremos se, num primeiro momento enquanto pura mancha no discurso do paciente, uma vez recolhida pelo analista, pode esta, no campo do olhar, possibilitar todo um trabalho de elaboração simbólica da privação à castração? Não há aqui qualquer pretensão de esgotar a temática por um esquadrinhamento minucioso acerca dos operadores em jogo na formação do fenômeno. Seria algo extenso demais para uma pesquisa de dissertação de mestrado. O objetivo aqui será apenas de percorrer um pouco a esfera por onde circula o fenômeno de modo a dar sustentação para que seja possível formular, de modo mais contundente, uma hipótese sobre a constituição propriamente dita de uma ilusão como essa.

A sensação fantasma pode ascender ao estatuto de significante ao presentificar uma dimensão da falta, enquanto presença do real do corpo. Este processo que como vimos é descrito pela neurologia como um corpo fantasma que apresenta sintomas tais como dor, câimbra, coceira, etc., ganhou pela escuta psicanalítica um outro lugar, o que se diz dela a inscreveu numa cadeia de significantes. Dito de outra maneira, a presença da escuta analítica, no endereçamento sob transferência, instituiu um lugar de produção inconsciente onde foi possível localizar a sensação fantasma numa estrutura de linguagem. Não se trata, portanto, de encontrar uma verdadeira causalidade psíquica da sensação fantasma no sentido científico, pois como será brevemente dito no próximo subcapítulo a causalidade em psicanálise diz respeito à incidência do objeto *a*.

Retomando o trabalho de Ramachandran, encontramos em sua produção teórica algumas citações diretas à Freud. O pesquisador em algumas passagens questiona a validade das interpretações freudianas acerca da causalidade psíquica naquilo que nomeia como uso de “terminologias obscuras”, “obsessão pelo sexo para explicar a condição humana”, assim como

à impossibilidade de verificação experimental da teoria. Por outro lado, apresenta também o reconhecimento explícito daquilo que foi a maior contribuição do psicanalista vienense para o campo científico e que é, justamente, a operação de corte que instaurou para sempre a dimensão de hiância em relação à verdade, colocando em cena a divisão constitutiva do sujeito e que a neurologia não pode por estrutura do discurso alcançar. Deste modo, ainda que de uma posição positivista, considera a importância da psicanálise enquanto uma das grandes revoluções científicas, assim como a copernicana e darwiniana, recorrendo neste ponto, de forma literal, à concepção freudiana que apontou nesses atos de corte da ciência um descentramento da posição humana. O neurologista indiano segue, então, reportando-se, assim, ao movimento de translação do saber realizado por Freud, através do qual este retirou de uma vez por todas o conhecimento do campo da consciência:

A terceira grande revolução científica, afirmava ele (modestamente), foi sua descoberta do inconsciente e o corolário de que a sensação humana de “ser responsável” é ilusória. Freud afirmava que tudo que fazemos na vida é governado por um caldeirão de emoções, impulsos e motivos inconscientes e que o que chamamos consciência é apenas a ponta do *iceberg*, uma elaborada racionalização *post hoc* de todos os nossos atos (RAMACHANDRAN, 2008, p.203).

Na sequência, afirmando manter-se numa direção do pensamento freudiano, ressalta o saber sobre a morte como a diferença fundamental do humano para outros animais e relaciona este fato à determinação do interesse pela cosmologia, evolução e ciências do cérebro. Visto que estas modificam a nossa relação com o tempo e espaço pela integração da nossa existência a algo maior, retirando nosso aniquilamento pela morte do campo da tragédia e colocando-a no nível de uma “jubilosa reunião com natureza” (ibid, p. 204). Observamos na estrutura de sua formulação que Ramachandran é sensível ao fato de que há um saber sobre a morte que, em sua relação com a angústia diante daquilo que nomeamos como castração, é determinante na constituição imaginária daquilo que ele nomeou como desejo e que aqui substituímos por interesse para manter o peso e valor da categoria psicanalítica.

#### **1.4 O acontecimento Freud - do laboratório ao divã**

A psicanálise não é uma *Weltanschauung* nem uma filosofia que pretende dar a chave do universo. Ela é comandada por uma visada que é historicamente definida pela elaboração da *noção de sujeito*. Ela coloca esta noção de maneira nova, reconduzindo o sujeito à sua dependência significante” (Lacan, 1964/1988, p. 78, grifo nosso).

Freud era médico. Neurologista que inventou a psicanálise. Teria Freud rompido com a neurologia?

O jovem, que iniciou a faculdade de medicina por acreditar que este era o melhor caminho para compreender enigmas e não por uma vontade de ser médico, após quarenta e um anos de atividade afirma a independência da psicanálise em relação à medicina: “meu autoconhecimento me diz que nunca fui realmente médico no sentido adequado” (FREUD, 1926/1996, p. 243).

Lançando mão de uma analogia com a radiologia, Freud ressalta como esta disciplina embora seja um ramo especializado da medicina, não se confunde com ela. Lembra-nos que a radiologia prescinde da medicina para desenvolver seus estudos acerca das leis físicas que regem o raio X. Seguindo esta linha de argumentação, delimita um campo de estudo próprio à psicanálise, visto que se dedica a processos mentais dos seres humanos que só podem ser estudados com seres humanos (ibid., p. 244).

Encontramos aqui a base da radicalidade de todo o desenvolvimento da psicanálise trazida ao longo da obra freudiana: o reconhecimento de algo que rompe com a natureza, sendo, desde então, impossível um reducionismo evolucionista para compreensão dos fenômenos próprios ao campo do humano, isto é, dos efeitos do corte operado na instauração pela linguagem.

De forma imperiosa e bela, Freud (ibid.) traz o que ele sabe sobre a ciência que ele mesmo criou:

... existe algo que eu *realmente* sei. Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa. O conhecimento trouxe êxito terapêutico. Era impossível tratar um paciente sem aprender algo de novo; foi impossível conseguir nova percepção sem perceber seus resultados benéficos. Nosso método analítico é o único em que essa preciosa conjunção é assegurada. É somente pela execução do nosso trabalho pastoral analítico que podemos aprofundar nossa compreensão que desponta da mente humana. Essa perspectiva de ganho científico tem sido a feição mais orgulhosa e feliz do trabalho analítico. Devemos sacrificá-la a bem de quaisquer considerações de natureza prática? (p. 246).

Freud sabia do que falava. Tendo iniciado seu trabalho em fisiologia nos microscópios do laboratório de Brücke, onde trabalhou de 1876 a 1882, foi em sua prática clínica que o pai da psicanálise foi sendo, então, pouco a pouco pelo discurso das histéricas conduzido ao divã, à cena do inconsciente.

Sua experiência clínica se deu de um jeito muito peculiar. Inicialmente foi trabalhar num hospital geral de Viena. Como relata em sua obra autobiográfica, Freud não se interessava pelas disciplinas médicas (FREUD, 1925/1996). Foi, então, a partir do contato que teve com a

psiquiatria, do trabalho desenvolvido pelo exímio professor Theodor Meynert, que, ele, então, decidiu se especializar no estudo das doenças nervosas. Sua formação inicial em fisiologia influenciava seu interesse de pesquisador na clínica da neuropatologia.

Após publicações histológicas e clínicas, Freud, em 1885, vai para Paris estudar com Charcot, onde teve um encontro clínico com as histéricas e seu tratamento pela hipnose. Com o pesquisador francês identificou que, mesmo com uma sintomatologia multiforme, havia na histeria uma lei e uma ordem.

Retornando ao seu universo acadêmico em Viena, com as novidades aprendidas em Paris, Freud não teve uma boa recepção. Acabou pedindo demissão do hospital e “foi expulso do laboratório de anatomia cerebral de Meynert”. Assim, isolado da sociedade de medicina, seguiu seu trabalho com doenças nervosas no consultório, tendo suas pesquisas, então, influenciadas, também, por outra corrente no campo da hipnose: o representante da escola de Nancy, Hyppolyte Bernheim (ROCHA, 2008).

O médico francês havia apresentando-lhe uma concepção que considera a palavra no fenômeno da sugestão da hipnose, diferenciando-se da “teoria somática” que Freud havia conhecido com Charcot:

Sob esse ponto de vista, todos os fenômenos hipnóticos seriam fenômenos psíquicos, efeitos de sugestões. A outra corrente, pelo contrário, sustenta a opinião de que o mecanismo de pelo menos algumas das manifestações do hipnotismo se baseia em modificações fisiológicas (FREUD, 1886/1996, p.83).

Desta maneira, diante de uma divergência científica trazida pela hipnose, localizamos aí sinais daquilo que foi a grande empreitada freudiana: a invenção do campo do inconsciente. Podemos afirmar que não foi buscando o meio termo, nem por uma tentativa de junção de dois campos, mas num “entredois” que Freud realizou sua descoberta. Seu método foi a escavação de um outro caminho, que como sabemos resultou na criação de uma outra região, uma outra topologia. Assim, como no trabalho da fundação de um túnel, sulcou o lugar do inconsciente pela escavação de um buraco antes não existente e, a partir de então, lá desde sempre. Freud implementou, como afirmou Lacan, uma “ruptura entre percepção e consciência (1964/1998, p. 58).

Num momento ainda inicial do seu trabalho, Freud afirmou que o caminho a percorrer não era o de uma separação exata entre o processo psíquico e a fisiologia do cérebro, tampouco da redução ao fenômeno da consciência à totalidade da atividade cerebral:

(...) é preciso desautorizar de plano a pergunta sobre se a hipnose mostra fenômenos psíquicos ou fisiológicos, e submeter a decisão a uma investigação especial para cada fenômeno singular (FREUD, 1886/1996, p.91).

Lacan (1954-56/2010) lembra-nos que o sentido de ser médico numa era hegeliana, ainda que não se conheça nada sobre o pensamento do filósofo alemão, é diferente de Esculápio, Hipócrates ou são Lucas. Estamos imbuídos da identificação do homem com seu saber e por isso não soa estranho que se diga “o homem tem um corpo”, apesar de afirmarmos ter recuperado a unidade humana, dividida pelo *cogito* cartesiano:

O médico com relação ao corpo tem a atitude do homem que está desmontando uma máquina. Por mais que se façam declarações de princípio, esta atitude é radical. Foi disto que Freud partiu, e este era seu ideal - trabalhar em anatomia patológica, em fisiologia anatômica, descobrir para que serve este aparelhinho complicado que se acha encarnado no sistema nervoso (p. 104).

#### **1.4.1 Ano 1900: A *Interpretação dos Sonhos***

Ano 1900. 100 anos antes do neurocientista Kandel ganhar o prêmio Nobel, Freud escreve *A interpretação dos sonhos*:

(...) todo o campo do chiste verbal é posto à disposição do trabalho do sonho. Não há por que nos surpreendermos com o papel desempenhado pelas palavras na formação do sonho. As palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambiguidade; e as neuroses (por exemplo, na estruturação de obsessões e fobias), não menos dos sonhos, servem-se à vontade das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce (p.372).

Freud (ibid) continua sua investigação clínico-teórica e constrói sua concepção de aparelho psíquico sem buscar amparo numa localização anatômica. Retrata este aparelho como um instrumento composto pelo que denominou como “instâncias” ou “sistemas”, regidos por uma ordem temporal:

Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. Com base nisso, a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que produz um dos estágios preliminares da imagem. No microscópio e

no telescópio, como sabemos, estes ocorrem, em parte, em pontos ideais, em regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho (p.567).

Essa questão da elaboração conceitual e topológica de um aparelho psíquico em Freud, é retomada por Lacan. Em seu segundo seminário, Lacan esquematiza uma descrição dos quatro esquemas enquanto marcas do progresso da própria teoria psicanalítica. Em sua formulação demonstra como o aparelho psíquico enquanto objeto de estudo da psicanálise foi sendo modificado em sua própria ideia de aparelho. Entretanto, Freud e Lacan nunca deixaram de recorrer a modelos como um modo de formalização conceitual.

Enquanto ficção, um modelo é uma criação daquilo que em si não tem existência como tal, não é um referente, porém é um instrumento teórico que visa dar forma a uma determinada estrutura de relações entre os elementos, um modo de acesso ao real (D'AGORD, 2015, p. 153).

Dito isso, podemos afirmar que foi por uma analogia a instrumentos que possibilitam um determinado acesso à imagem, tais como o microscópio, a máquina fotográfica e o espelho, que Freud e Lacan inventaram os modelos analíticos acerca da formação do eu, imagem em sua relação com o sujeito do inconsciente.

#### **1.4.2 Ano 2000: Neuropsicanálise**

Ano 2000, 100 anos após a publicação de *Interpretação dos Sonhos* de Freud, e o prêmio Nobel de Medicina foi para o professor Eric Richard Kandel. Importante neurocientista austríaco, naturalizado estadunidense, que um ano antes havia publicado o artigo *Biology and the Future of Psychoanalysis: A New Intellectual Framework for Psychiatry Revisited* (1999).

O pesquisador escreveu este artigo para responder a uma carta que havia sido dirigida a ele em função do seu artigo anterior, *A new intellectual framework for psychiatry* (1998). A indagação do leitor era sobre a contribuição da biologia para psicanálise, tema que ele considerou central para o futuro da psicanálise e que, portanto, merecia como resposta algo mais elaborado.

Kandel inicia seu artigo com citações de dois textos freudianos, *Uma introdução ao narcisismo* (1914) e *Além do princípio do prazer* (1920), nos quais encontramos um Freud esperançoso de que o desenvolvimento da ciência chegaria a demonstrar e até substituir, através da fisiologia e da química, o que formulava a partir de sua prática clínica. Cabe lembrar que o início de Freud foi em um laboratório de fisiologia. Freud era um cientista.

O que Kandel propõe nesse artigo é a reaproximação entre neurociência e psicanálise a fim de salvar esta última do que ele nomeia como seu declínio. O autor reconhece uma determinada potência na formulação teórica da psicanálise, mas sinaliza a falta do campo experimental nos moldes científicos como responsável por seu declínio. Kandel acredita que a neurociência é capaz de trazer novos elementos conceituais concedendo, deste modo, uma base científica à psicanálise e, portanto, mais promissora para o seu desenvolvimento do que a metapsicologia freudiana do início do século XX. Segue argumentando que aquilo que justamente foi sua potência inicial, sua *expertise* diríamos hoje, passou a ser o limite de seu avanço. O autor refere-se aqui à técnica da associação livre e a importância dada à privacidade dos conteúdos. O neurocientista afirma que a psicanálise era científica em seu objetivo, porém sem uma metodologia testável. A técnica da escuta de pacientes proporcionou um campo novo de conhecimento, mas não pôde prosseguir suas descobertas pela impossibilidade de verificação decorrente da ausência de técnicas de controle. Sob esta perspectiva, a psicanálise não permitiria distinguir o fato em si da semântica do fato.

O prêmio Nobel foi concedido ao professor da Universidade de Columbia por seus estudos acerca da memória no funcionamento cerebral, tendo na ocasião desenvolvido sua pesquisa com lesmas do mar. Sua descoberta foi como uma memória implícita, inconsciente e passageira, poderia se tornar definitiva após várias repetições.

O ano 2000 foi também o ano do primeiro congresso internacional de neuropsicanálise, realizado em Londres e da fundação da *Internacional Neuro-Psychoanalysis Society*.

Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo (2011), Kandel fala um pouco do que o motivou a pesquisar a memória. O relato de Kandel sobre a experiência que o levou a interessar-se pelo estudo da memória nos traz de volta ao campo psicanalítico.

O garoto Eric Kandel pilotava um carrinho de brinquedo, presente do aniversário de nove anos, quando soaram as pancadas na porta da casa. Eram nazistas vienenses, assanhados com anexação da Áustria perpetrada por Adolf Hitler em 1938. Os invasores expulsaram os donos da casa e saquearam tudo, até seus brinquedos. "Lembro as pancadas até hoje" As pancadas na porta ecoavam na cabeça do jovem Kandel décadas depois tão vivamente que ele resolveu dedicar a vida a explorar como um evento tão fugaz podia ficar gravado de maneira tão indelével. Hoje professor da Universidade de Columbia, ele foi o primeiro a desvendar a biologia molecular da transformação das coisas vindas dos sentidos, como as batidas na porta no meio da noite, em memória permanente

Em nome do avanço científico, da inovação, o campo da neuropsicanálise surgiu e segue expandido em seus estudos. Ao olhar dos neurocientistas a psicanálise tornou-se obsoleta tal como a alquimia quando comparada à química.

O que faz a diferença entre Aristóteles, por exemplo, e os modernos é justamente que a concepção aristotélica não é uma concepção matematizável, pois depende do sentido. Isso a torna obsoleta em relação às concepções atuais. Do mesmo modo, a alquimia, que acumulava tesouros de observação e experiência e chegou a produzir um conjunto de instrumentos que a própria química herdou, nunca chegou a realizar uma experiência exata. Mesmo que houvesse condições materiais para realizar uma medida, faltava à alquimia a ideia de que é possível medir com precisão (LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2017, p. 494).

Para reverter o atraso científico da doutrina freudiana, este grupo de neurocientistas e psicanalistas acredita que é preciso validar experimentalmente as descobertas de Freud. Afirmam que, apenas, com a contribuição de metodologias científicas, com instrumentos de controle que garantam a dimensão objetiva e, portanto, verdadeira dos achados clínicos será possível trazer inovações relevantes ao campo do saber sobre a mente.

Não será aqui explorado todos os argumentos do autor, tampouco os oito pontos da teoria psicanalítica para a qual Kandel acredita veementemente que a biologia poderia contribuir, dando-lhe uma compreensão da mente baseada no funcionamento do cérebro. Busca-se aqui situar um pouco em que campo estamos adentrando e a tomada de posição efetuada a partir do corte radical de Freud que por uma operação conceitual fundou um novo campo. (LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2013, p. 251). Este irreduzível à materialidade das sinapses e impossível de ser positivado, testado, objetivado.

Toda essa discussão sobre a relação entre ciência e psicanálise é de extrema importância, mas não é especificamente o objeto deste trabalho. Entretanto, é impossível deixar de fora esta discussão pelo fato de ser um tema já bastante explorado no campo científico e, também, pela existência de um ramo da neurociência que busca aproximar-se da psicanálise, da qual é preciso diferenciar a psicanálise de orientação lacaniana.

### **1.5 Lacan e a insistência na psicanálise**

Lacan era psiquiatra. Lacan leu a psicanálise em Freud. Sobre os limites entre a psiquiatria e a neurologia, o psicanalista escreveu em seu texto *Formulações sobre a causalidade psíquica* uma crítica contundente ao organo-dinamismo de Henry Ey<sup>6</sup>. A crítica

---

<sup>6</sup>Psiquiatra francês (1900-1977), diretor da revista *Évolution Psychiatrique* desde 1945. Em 1961, participou da fundação da Associação Mundial de Psiquiatria, da qual foi secretário geral por muitos anos. Baseou seus estudos na leitura que realizou da obra de Freud e Bleuler aproximando-os da teoria do neurologista inglês John Hughlings

lacaniana se baseia, inclusive, em desdobramentos retirados de achados dos alunos do próprio Ey, tais como Hécaen, Follin e Bonnafé, que demonstraram a impossibilidade de um escalonamento entre distúrbios neurológicos e psiquiátricos. Ou seja, Lacan (1946/1998) assegura categoricamente a impossibilidade de diferenciar por essência “a afasia da demência, a algia funcional da hipocondria, a alucinação das alucinações” (p. 155).

O grande equívoco para Lacan (ibid) está desde o ponto de partida, no qual é sustentado todo organo-dinamismo. Ey atribui a Descartes um dualismo absoluto entre orgânico e psíquico, deste retirando todo seu paralelismo psicofisiológico. Lacan alerta que Ey parece ignorar que Descartes está se referindo a um dualismo da extensão e do pensamento - *res extensa* e *res cogitans* – em busca da verdade do psiquismo e da loucura (p. 158).

O psicanalista francês é imperativo ao afirmar que “(...) não existe estado originário nem estado de necessidade pura. Desde a origem, a necessidade tem sua motivação no plano do desejo, isto é, de alguma coisa que se destina, no homem, a ter uma certa relação com o significante” (LACAN, 1954-55/2010, p. 227). Conforme alusão feita ao tema na seção anterior, não cabe uma busca pela confirmação da existência do inconsciente nas vias sinápticas, tampouco buscar um correspondente orgânico da operação em jogo no inconsciente.

Lacan retoma Freud em sua formulação inicial de um modelo do aparelho psíquico no texto *A carta 52*. E já ali, o pai da psicanálise destacava o papel crucial do signo, *Zeichen*, como a inscrição mnêmica que corresponderá alucinatoriamente à manifestação da necessidade (LACAN, 1954-55/2010, p. 228). Nesta carta, Freud apresenta de forma consistente a direção, ou dito de forma mais exata, o ato que garantiu, pelo acesso à veracidade do discurso analítico, um acesso à Verdade.

O primeiro ato de Freud (1915) pode ser localizado no texto metapsicológico onde elaborou conceitualmente a pulsão. Debruçando-se sobre o princípio do prazer, estava advertido de sua fragilidade conceitual. Sabia que se ocupava de uma hipótese que, sob a ótica da ciência, possuía uma imprecisão teórica, mas ainda assim seguiu trabalhando acerca do prazer-desprazer e tendência à descarga. Há na invenção freudiana a instauração do campo econômico próprio à dinâmica do desejo e prazer. Entendendo o desprazer como aumento do estímulo e o prazer como diminuição, o pensamento freudiano instala as bases daquilo que cinco anos depois

---

Jackson (1835-1911), que propôs uma base anatômica e fisiológica organizada hierarquicamente para a localização das funções cerebrais.

formulará no texto *Mais além do princípio do prazer*: um sistema que não busca um bem maior e sim sua própria abolição, perda (LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2013).

A decisão teórica de Freud foi a de:

manter-se fiel a uma hipótese, sem sabê-la verdadeira ou falsa, pelo que ela contém de potencial para encaminhar uma dada questão, pelo que possibilita de avanços na conceituação em desenvolvimento. Decisão solitária e, no limite, vertiginosa. (ibid, p. 251).

A homologia entre “ato teórico” e “ato analítico” é trazida por Lo Bianco e Costa-Moura (2013) apresentando a dimensão de corte do ato freudiano que culminou, pela introdução da ordem significante, na criação do campo e da *práxis* psicanalítica: “trata-se de responsabilizar-se por afirmar, sem concessões a qualquer ordem de empiria ou consenso já sabido e dado como certo, o que é indicado pela escuta do que é significante na fala dos pacientes” (p.251).

Assim como Newton que nada sabia da natureza da força, Freud avançou sua teoria sobre a dinâmica psíquica “constituindo um ‘real’ impossível sem eles. Neste ato teórico temos a própria noção de ética tal como formulada por Lacan, que se refere ao ato analítico. Ato de um sujeito que só depois pode advir, não se trata de um saber sobre algo que se constata anteriormente, mas em arriscar-se sem saber que se sabe. Explicita-se, assim, duas posições frente a verdade: “encontramos aqui o conflito entre a expectativa de um texto que fale a verdade sobre o verdadeiro e a presença de um outro texto que indica que à verdade falta saber” (LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2013).

A noção de objeto foi modificada em sua posição discursiva. Em psicanálise, e esta foi a invenção lacaniana, o objeto é objeto causa, causa de desejo. Anterior ao sujeito. Diferente do discurso universitário no qual somos todos constituídos e onde é o objeto o lugar do destino ao qual nos dirigimos; no discurso do analista o objeto é quem vai dirigir o sujeito fazendo incidir sobre ele o desejo.

... se o *discurso do analista* se torna prevalente, o que só pode acontecer de forma pontual, o que temos é um sujeito que se constitui por seu trabalho, por sua fala, ou melhor, por seu dizer causado pelo objeto que o terá feito desejar. Esse dizer guarda a estrutura do ato, que inaugura algo de novo, que faz as coisas se mexerem, que traz o risco da falha e que por ser ato se sustenta em um arbítrio com o qual temos que nos haver, sem poder prever as consequências (LACAN, 1967-68/2001 *apud* LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2013).

Freud lançou mão do arbítrio na construção da sua teoria, o que não significa que realizou algo tirânico ou por uma ingênua vontade sem compromisso com a veracidade. Ao

contrário, foi numa derivação do seu encontro com a verdade na fala de suas pacientes que, por um “constrangimento fulgurante”, pôs-se a escrever, sulcando com a palavra o real do inconsciente. Em ato (LO BIANCO; COSTA-MOURA, 2013).

A psicanálise não se contrapõe à ciência em sua “*démarche metodológica discursiva*”. Seguindo os trilhos da ciência clássica, o fará:

de modo a operar sobre o sujeito, e é nisso que reside a sua subversão em relação ao estatuto (foraclusão) do sujeito da ciência. De linhagem, filiação e procedência estritamente científicas, a psicanálise representa, contudo, a subversão da ciência, do sujeito da ciência, e é por isso que ela concebe o sujeito como sujeito do inconsciente, única condição em que a operação com e sobre ele se torna possível através de um dispositivo – a *techné* – artefato técnico criado por toda práxis de orientação científica para efetuar as operações formuladas por seu campo respectivo de saber – a *théoria* (ELIA, 2008, p.66-67).

Na clínica, encontrei-me com este “constrangimento fulgurante” no momento em que o paciente falava sobre a “bota que aperta o pé”, verdade que se revelou no dito e que tem seu assentimento no silêncio da surpresa que no instante seguinte cala paciente e analista. Não havia nada a mais por dizer, apenas reconhecer o que ainda restou como não saber. “Estranho”, apenas esta palavra diante da falta de sentido linear, na hiância própria do inconsciente.

Como no chiste, a palavra do paciente teve em seu retorno o encontro, na própria frase, com algo que não estava lá antes e que surgiu vindo de lugar algum, recolhendo e reconhecendo as tramas antes não existentes do inconsciente. Foi somente porque algo escapou às expensas de sua vontade, que uma verdade pôde ser recebida de sua fala como estranha e familiar. Num jogo posto em andamento pelo significante que pela fala fez aparecer uma formação do inconsciente.

Somente na cadeia discursiva o sujeito do inconsciente poderá advir. É na verdade que seu dizer porta, que se reconhece o saber inconsciente, efeito da linguagem. Não um saber pelo sentido do dito, mas pela falta de sentido neste dito, não se trata, portanto, de afirmá-lo no binômio verdadeiro ou falso.

Lo Bianco e Costa-Moura (2013) destacam o surgimento do conceito de fantasia neste ponto de impasse da teoria psicanalítica. Destacam que Freud e Lacan se deparam com a ausência de sentido no discurso do paciente que seria àquele do viés do verdadeiro/falso apoiado na realidade positivada. Por outro lado, constatam que um registro do sentido insiste em comparecer na fala. Se por um lado não cabe mais investigar a exatidão daquilo que o paciente traz do fato, é o dito sobre um fato que dá existência ao fato. Logo, é preciso escutar a verdade na fala.

Freud tentou edificar nesta base uma teoria do funcionamento do sistema nervoso, mostrando que o cérebro opera como órgão-tampão entre o homem e a realidade, como órgão de homeostasia. E ele vem então topar, ele tropeça, no sonho. Ele se dá conta de que o cérebro é uma máquina de sonhar. E é na máquina de sonhar que ele reencontra o que já estava lá, desde sempre, e que a gente não tinha se dado conta, ou seja, de que é no nível do mais orgânico e do mais simples, do mais imediato e do menos manejável, no nível do mais inconsciente, que o sentido e a fala se revelam e se desenvolvem por inteiro (LACAN, 1954-55/ 2010: 108).

### **1.6 Wiederholen não é Reproduzieren**

A impessoalidade do “isso fala” (*ça parle*) incide como fissura que determina um desnivelamento entre eu e sujeito. Um dizer que serve como ruptura na correspondência entre enunciado e enunciação, e que é determinante no estabelecimento do lugar do Outro na estrutura. Enunciado desprovido da função de revelar em si o sentido, haja vista que não recebemos significados pela audição, mas pelo efeito *a posteriori* pela escuta da enunciação enquanto efeito de uma cadeia de significantes que apenas carrega o sentido. Aquele que fala não é um dos eus, mas um Outro. (Lacan, 1969-1970/1992). Cabe recorrer à formulação lacaniana: *Moi, la Verité, Je parle. Je*, sujeito do inconsciente, da enunciação, situado entre dois significantes e o *Moi*, enquanto o eu que é efeito da ilusão imaginária. (LACAN, 1998, p.410).

A distinção entre rememoração e repetição, emerge do desacordo com o que seria da ordem de uma mera reprodução de lembranças pela consciência. Apenas pela rememoração, por seu *autômaton*, rede de significantes, levada até seu ponto de resistência, temos, assim, o acesso à repetição enquanto *tiquê*, encontro do real, explicitando que algo se impõe como à parte do pensamento neste encontro.

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições de resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (acts out). A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do recalcado para sua personalidade manifesta — suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter (FREUD, 1914/1996, p.167).

*Wiederholungszwang*, a compulsão à repetição, que sinalizou à Freud a divisão do sujeito, impedindo-o de seguir em direção a um psiquismo fechado, completo, totalitário,

compreendido por uma correspondência determinista do comportamento associado às redes neurais. Wz - Freud colocou enquanto traço de percepção em esquema no início de sua obra e que Lacan, criticamente, leu e frisou de forma crítica que não era de impressão que se tratava, mas de inscrição do traço: “Quando tiro partido da carta 52 a Fliess, é por ler nela o que Freud pôde enunciar, sob o termo que forjou - Wz, *Wahrnehmungszeichen* - como sendo o mais próximo do significante (...) Que Freud o escreva com duas letras prova tão pouco quanto eu que a letra é primária (LACAN, 1971/2003, p. 19).

Trata-se de afirmar a determinação de algo para além do *autômaton*, a presença de uma insistência que extrapola uma ordenação sequencial dos significantes. No atravessamento para uma outra dimensão onde determinantes inconscientes passam a estar implicados na determinação da realidade psíquica, Freud (1918/1996) destacou a função da fantasia no Homem dos Lobos, questionando-se sobre a aparição de um primeiro real, velado por trás da fantasia. Lacan (1955-56/2008) destacou a imposição do real como determinante no movimento que carrega o sujeito em sua divisão, lançando luz sobre a função do real na compulsão à repetição: “o que não veio à luz no simbólico aparece no real” (p.388).

O que se apresenta nos fenômenos das formações do inconsciente, chistes, lapsos, sonhos e sintomas, carrega um achado que se impõe, em descontinuidade ao enunciado, pela revelação da dimensão da ausência, do vazio, da perda, do que escapa ao sentido: “esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado, e mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda”. (LACAN, 1964/1998, p. 30).

Situado na dimensão da sincronia, temos um inconsciente evasivo traçado no nível do sujeito da enunciação, sujeito indeterminado, efeito evanescente no lugar de *extimidade* a dois significantes: “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960/1998, p.833; 1964/1998, p. 31). Lacan introduz na função de censura o elemento operatório do apagamento, o *Oblivium*, aquilo que apaga o significante como tal.

Essa hiância referida como *pré-ontológica* inaugura algo de muito primordial na própria elaboração da categoria de sujeito e que se refere à “primeira emergência do inconsciente, que é de não se prestar à ontologia”, mas a uma ética (LACAN, 1964/1998, p. 33). Não se trata de ser, tampouco do não-ser, e sim do não-realizado. Construção de difícil apreensão, pois afirma um inconsciente por uma substância não atributiva. A questão da ética psicanalítica se coloca no movimento pulsativo do inconsciente, uma verdade localizada na fenda por onde algo aparece em seu caráter evanescente, contingencial, determinado pela escansão, tempo de abertura e fechamento do inconsciente. Um tempo lógico entre dois pontos: “entre um instante de ver

em que algo é sempre elidido, se não perdido, da intuição mesma, e esse momento elusivo em que, precisamente, a apreensão do inconsciente não conclui, em que se trata sempre de uma recuperação lograda” (LACAN, 1964/1998, p. 36).

Trata-se de introduzir a função da repetição à necessidade do acaso (*Willkür*) - da transcrição e do arbitrário (*Zufall*) - das aproximações de Freud, tendo aí como premissa a incisão de uma cadeia significante anterior. (LACAN, 1956a/1998). O acaso, que se refere à lei da probabilidade não infinitiza, mas ao contrário limita. Na inscrição significante há um ordenamento que não obedece a lei da comutatividade, temos um manejo lógico que inclui a topologia significante como elemento determinante da operação. Um significante só pode operar se entra em função de seu lugar em relação a outro significante, aí não há cálculo que prescindia da posição ocupada por cada elemento numa operação. A repetição nunca é uma operação de adição, mas sempre de subtração, e nesta a ordem dos fatores não altera a perda como resultado. Não se trata de tentar mais uma vez com mais significados, conjugar mais experiência para então racionalmente entender melhor. A *práxis* analítica indica que algo insiste em perder-se novamente ao contornar o real fundado pela função de corte de significante (COSTA-MOURA, 2010). O real é aquilo que insiste em não se inscrever. O que se repete enquanto *tiquê* se produz por ordem do acaso, submetido a um real enquanto encontro faltoso. “*Wiederholen não é Reproduzieren*” (LACAN, 1998[1964], p. 52).

a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas o expressa pela atuação ou o atua (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo (FREUD, 1914/1996, p.165).

O caráter da repetição demonstra que essa não se reduz a uma mera reprodução, o que a torna bastante enigmática. Ainda mais se a colocamos sob a ótica de uma teoria que vinha se constituindo por uma estruturação amparada no binômio princípio de prazer-princípio de realidade. Como pensar a realização de desejo num sonho de angústia? Ciente do risco de colocar em xeque toda a sua teoria, Freud não recuou diante dos fatos clínicos que encontrou. A compulsão à repetição se impunha como uma verdade da qual era preciso ler sua própria teorização. Atento ao fato de que o caminho a seguir não podia mais se reduzir ao princípio do prazer, formulou um funcionamento alojado no “Além do princípio do prazer” (1920).

Por abrir uma hiância no cerne do simbólico, a repetição nos conduz ao não escrito do inconsciente, ao real, àquilo que não se pode ler por jamais ter sido inscrito numa cadeia significante. Assim, é que considerando uma vertente de um puro *tiquê* nos distanciamos do

escrito metafórico próprio ao sintoma, no entanto, é somente pelo movimento próprio ao *autômaton* que temos acesso à falta pela seriação significativa encadeada num discurso furado, que, como resto insiste enquanto *tiquê* fazendo-nos acessar uma escrita inconsciente de traços, alheia a significados.

Se enquanto eu “leio”, frequento um tempo e um espaço dados de antemão, pacificados, extrínsecos; e se, na medida em que “eu escrevo” constituo um espaço-tempo animado, mutável, intrínseco a esta escrita mesma, na perda a topologia é outra. Não há exterior; nem interior, não há orientação possível. Tudo é turbilhão e pulsa arrítmico. Trata-se do espaço definido pela “Outra Cena” e do tempo definido pelo ato (COSTA-MOURA, 2010, p. 282).

Sobre o *Fort-Da* enquanto símbolo da repetição da saída da mãe, como marca daquilo que instaura a divisão do sujeito, tem-se uma operação na qual o carretel não é a mãe, mas algo decalcado do sujeito que, por uma marca da falta, permanece nele representado, trata-se aqui do objeto *a*:

A hiância produzida pela ausência desenhada, e sempre aberta, permanece causa de um traçado centrífugo no qual o que falha não é o outro enquanto figura que o sujeito se projeta, mas aquele carretel ligado a ele próprio por um fio que ele segura – onde exprime o que, dele se destaca nessa prova, a automutilação a partir da qual a ordem da significância vai se pôr em perspectiva (LACAN, 1998[1964], p. 63)

Com as formulações produzidas pelo texto freudiano, foi possível a Lacan ler a repetição como tendo uma função *a*-significante, que traz um sujeito a reboque, numa espécie de “sirgar do sujeito”:

Freud (...) indica que só podemos aqui conceber o que se passa nos sonhos da neurose traumática ao nível do funcionamento mais primitivo – aquele em que se trata de obter a ligação da energia. (...) vemos aqui um ponto que o sujeito só pode aproximar-se dividindo-se a si mesmo, num certo número de instâncias. Poder-se-ia dizer o que se diz do reino dividido que aí perece qualquer concepção de unidade do psiquismo, do pretendido psiquismo totalizante, sintetizante, ascendendo para a consciência (LACAN, 1964/1998, p. 53).

É, portanto, no funcionamento do símbolo, no equívoco da palavra trazido pelo jogo entre significantes que algo passa a operar sinalizando um ponto de angústia: um corpo que traz o incômodo da “bota que aperta”, por uma existência que se dá, por repetição, no intervalo entre presença e ausência. Um corpo fantasma enigmático, que surge dando notícias de que há uma operação fundamental no registro imaginário determinante da constituição da imagem especular. Uma persistente ilusão, permanência da imagem corporal que sinaliza a distinção entre um corpo físico e sua imagem (THIBIERGE, 2011).

### 1.7 “O que é que a neurologia e a psicanálise ensinam mutuamente?”

Thibierge, psicanalista, e Morin, neurologista, têm desenvolvido um relevante trabalho na França acerca das desordens neurológica, sustentando o abismo que há entre neurologia e psicanálise. No artigo *Que s’enseignent mutuellement la psychanalyse et la neurologie? Syndromes de fausses reconnaissances et somatoparaphrénie* (2009), desenvolvem a temática, destacado que o campo de pesquisa de ambas advém dos achados clínicos, daquilo que as patologias apresentam como problemática à fisiologia de uma estrutura, ou seja, o funcionamento propriamente dito que se anuncia ali onde uma falha na função se revela. É nesse entrechoque que produzem elaborações fundamentais sem perspectiva de fusão entre saberes, uma orientação importante que serve, inclusive, à prática clínica de analistas que atuam em instituições hospitalares.

Encerra-se esse primeiro capítulo reproduzindo integralmente as indicações que a neurologista Morin e o psicanalista Thibierge (2009) deixam um ao outro, utilizando aqui a tradução de Lo Bianco, revisão de Rezende, psicanalistas participantes do Tempo Freudiano, instituição que tem um significativo percurso de trabalho em parceria com a *Association lacanienne internationale*:

#### Apport de la neurologie à la psychanalyse

La neurologie présente des variantes extrêmement parlantes et instructives de la relation d’exclusion mutuelle que nous avons relevée entre la consistance de l’image et la venue au premier plan de l’objet. Cela nous paraît conforter l’hypothèse que nous faisons de cette corrélation régulière entre le refoulement de l’objet et la consistance de l’image, c’est-à-dire la forme de la reconnaissance en général.<sup>4</sup>

#### Contribuição da neurologia à psicanálise

A neurologia apresenta variantes extremamente eloquentes e instrutivas da relação de exclusão mútua, que ressaltamos, entre a consistência da imagem e a vinda para o primeiro plano do objeto. Isso parece favorecer a hipótese que fazemos dessa correlação regular entre o recalque do objeto e a consistência da imagem, isto é, a forma do reconhecimento em geral.

#### Apport de la psychanalyse à la neurologie

Du point de vue du neurologue médecin de réadaptation, une lecture psychanalytique des observations exposées ici présente un intérêt pratique. Elle invite en effet les rééducateurs à ne pas plaquer trop vite sur le comportement de ces patients des notions

psychologiques « simples ». Par exemple, « deuil » ou « prise de conscience » sont souvent invoqués en matière de réadaptation. En pratique, même s'ils savent que l'anosognosie est d'origine lésionnelle, les rééducateurs ont spontanément tendance à tenter soit de convaincre le patient de l'existence et de l'intensité de son handicap, soit de comprendre pourquoi il ne peut « psychologiquement » supporter son handicap. Pourtant, lorsqu'ils tentent de faire prendre conscience au malade de son déficit, des risques qu'il lui fait courir, ils suscitent parfois des réactions agressives quasi paranoïaques, le patient s'estimant maltraité ou infantilisé. De fait, il semble illusoire d'espérer prise de conscience et motivation de la part de ces patients tant que l'image spéculaire, tout comme les rapports entre image du corps et objet, sont chez eux trop altérés.

### **Contribuição da psicanálise à neurologia**

Do ponto de vista do neurologista médico de readaptação, uma leitura psicanalítica das observações expostas aqui representa um interesse prático. Ela convida, com efeito, os reeducadores a não aplicar rapidamente demais, sobre o comportamento dos seus pacientes, noções psicológicas simples. Por exemplo, “luto” ou “tomada de consciência” são frequentemente evocados em matéria de readaptação. Na prática, mesmo se eles sabem que a anosognosia é de origem lesional, os reeducadores têm espontaneamente tendência a tentar, seja convencer o paciente da existência e da intensidade de sua deficiência, seja a compreender por que ele não pode “psicologicamente” suportar sua deficiência. No entanto, quando eles tentam fazer o doente tomar consciência de sua deficiência, os riscos que ela o faz correr, eles suscitam às vezes reações agressivas quase paranoicas, o paciente se sentindo maltratado ou infantilizado. De fato, parece ilusório esperar tomada de consciência e motivação por parte desses pacientes na medida em que a imagem especular, da mesma forma que as relações entre imagem do corpo e objeto, estão neles alteradas demais (p. 76-77).

## CAPÍTULO 2 – COMPLEXO DE CASTRAÇÃO: *VORSTELLUNG*, *VORSTELLUNGSREPRÄSENTANZ*, SIGNIFICANTE BINÁRIO

Há então, se assim podemos dizer, questão de vida e morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *Vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário (LACAN, 1964/1988, p. 207).

Thibierge (2011) investiga nas síndromes neurológicas os mecanismos pelos quais reconhecimento e identificação estão desarticulados, demonstrando, através de quadros clínicos, onde é possível encontrar uma desvinculação entre imagem e nome. O psicanalista se debruça sobre quadros clínicos como, por exemplo, as síndromes tais como a agnosia, por um não reconhecimento de objetos ou de suas propriedades (fisionomias, cores, etc), assim como a somatognosia, agnosia sobre o próprio corpo, como uma impossibilidade de identificação. Certificando-se, assim, de que intrincamento entre estes depende de uma operação no campo da linguagem, do significante.

A originalidade da pesquisa realizada pelo psicanalista francês está no cuidadoso exame que realizou acerca das abordagens neurológicas dos distúrbios do reconhecimento da imagem do corpo, essencialmente aqueles dos anos 1950 e 60, como por exemplo, Hecaen, Angerlegues, Ajuriaguerra, dentre outros que utilizaram como referência noções de esquema corporal e imagem corporal, tal como por exemplo, foi trabalhado por Paul Schilder (1994), dentre outros importantes pesquisadores. Diante de um enigma antigo que tem perpassado gerações de neurologistas e filósofos, Thibierge não recuou do desafio de encontrar nos fatos clínicos indícios das coordenadas de uma estrutura de linguagem constituintes da imagem na dimensão do inconsciente.

Advertido de que não se tratava de ignorar o trabalho da neurologia, de forma audaciosa introduziu o discurso da psicanálise em um campo dominado pela ciência por uma perspectiva cognitivista, mentalista, idealista, que tem contribuído com importantes avanços a partir da concepção de neuroplasticidade. Thibierge (2011) embora não se debruce sobre a ilusão do membro fantasma, a coloca dentre as desordens neurológicas que podem tornar visíveis elementos fundamentais para uma investigação acerca da relação entre imagem e aparição do objeto (p.175-76).

O estádio do espelho e o esquema óptico ganham relevo em seu estudo por ter sido o modo como Lacan apresentou de forma objetiva as operações inerentes ao registro imaginário e que serviram a Thibierge como instrumento operatório conceitual em uma análise minuciosa

das operações de reconhecimento e identificação. Embora não seja o escopo deste trabalho, é preciso explicitar o terreno pela qual a jornada que aqui ganha corpo perpassou. Pela grandeza do tema, reconhecimento e identificação mereceriam um importante esquadramento teórico que escapa ao propósito deste trabalho. Afinal, esse é todo o exemplar trabalho de Thibierge (2011) que resultou em seu livro: *Le Nom, l'Image, l'Objet*.

Define o reconhecimento como aquilo que se apresenta sobre a ordem do sensível dando-lhe um significado, de modo que silenciosamente esse sentido se integra imediatamente à experiência. Enquanto a identificação como o que designa o sujeito por uma experiência de nomeação, no campo do Outro. Thibierge (ibid) segue interrogando sobre o papel do simbólico naquilo que, para além das vias de associações neurais, faz ligar os objetos e os nomes no reconhecimento das imagens: “Podemos dizer que para nós a realidade, o reconhecimento, só pode se sustentar se não identificamos o objeto que comanda nosso desejo”, objeto *a*. (THIBIERGE, 2006).

Aproximando pouco a pouco tal problemática da ilusão do membro fantasma, caberá neste capítulo um delineamento sobre os efeitos do conceito de representação na medida em que reconhecimento e identificação, por uma sofisticação teórica de Thibierge, são desdobramentos de uma estrutura tipográfica do inconsciente.

O conceito de representação será aqui situado por uma referência ao que Freud formulou e Lacan com maestria manipulou de forma a deixar evidente a complexidade em jogo quando se trata de definir um processo de simbolização, enquanto condição de constituição da realidade. De forma categórica, Lacan afirmou, na base de seu ensino sobre realidade, que o significante é aquilo que intervém entre percepção e consciência.

## **2.1 O significante entre a percepção e a consciência**

Nome, imagem e objeto são três ordens de fatos elementares e essenciais ao pensamento filosófico e capazes de provocar infundáveis especulações. Tais termos, servem à psicanálise enquanto coordenadas imprescindíveis ao advento do sujeito, efeito de uma operação inconsciente, um jogo de linguagem em que o Outro e objeto *a* assumem posição de destaque. Trata-se de uma operação do significante que especifica o humano, que, por uma diferença em relação animal, é um corpo que deve suportar a estrutura do significante.

Descoberta psicanalítica que fez girar o lugar ocupado pela consciência - a *Bewusstsein* - reposicionando de uma vez por todas a questão da percepção - *Wahrnehmung*- e, conseqüentemente, a noção de realidade.

Estamos sempre muito seguros quanto à estabilidade de nossas percepções e de nossa realidade. E, sem grandes erros, chegamos a nomear tudo o que aparece em nosso campo perceptivo. Nem de longe imaginaríamos que se trata aí de uma operação bem complexa cuja aparente espontaneidade supõe, na verdade, uma certa modulação que depende do significante.

A experiência clínica mostra, aliás, que essa montagem pode se decompor em vários elementos constitutivos. É assim que veremos aparecer, na psicose, quadros clínicos em que o nome, a imagem e o objeto podem perfeitamente se dissociar (CZERMAK, M. 2007, p.11).

Para situar a Outra Cena em que a psicanálise, enquanto uma operação discursiva propõe sua ética, Lacan (1959-60/1997) recorreu ao que há de mais primordial. Entre *Wahrnehmung* e *Bewusstsein*, lembra-nos que Freud fez intervir a estrutura, uma *Bahnungen*, enquanto via de condução por um encadeamento, um trilhamento e não por uma mera facilitação, tal como foi traduzido o termo alemão antes da retomada lacaniana do texto. Este cuidado com uma mudança na referência do termo, explicita que é essencial diferenciar que estamos diante de uma ordenação significante submetida ao movimento pulsional sendo, portanto, indissociável da questão da satisfação.

O processo do pensamento, por ser regulado pelo princípio do prazer - *Lustprinzip* - agencia-se numa ordem que prioriza a economia própria do significante, inconsciente, e é por nossa tentativa, sempre frustrada, de tentar dele falar, que articulamos um sentido artificial e que é aí mesmo regulado pelo princípio de realidade.

Nesta perspectiva, representar não é um modo de fixar um sentido, mas, sobretudo, de indicar um lugar na estrutura que triunfa numa determinada relação secundária de significação, efeito do movimento metonímico de deslizamento da cadeia significante. Uma representação só atinge o objeto por contorná-lo, o que só se faz numa relação de perda do objeto em si, este inatingível pela palavra.

A inovação freudiana no campo das operações do pensamento, pela retirada da determinação destas do nível da consciência, lança luz sobre a relação entre o princípio da realidade e de prazer, naquilo que se passa no nível do inconsciente, os trilhamentos. Temos, portanto, a *Bahnung* freudiana, enquanto estrutura de um encadeamento de *Vorstellung* em *Vorstellung*, que por um refinamento teórico resultou na concepção da cadeia significante

lacaniana. Este trilhamento regido pelo princípio do prazer, nada mais é do que a inscrição da experiência enquanto significante, isto é, o ordenamento próprio da cadeia significante.

O processo primário, tal como elaborado no *Traumdeutung* (FREUD, 1900/1996), tende a se exercer no sentido de incidir numa identidade de percepção, ainda que esta não coincida com o real e que seja sempre ilusória. A percepção é fundamentalmente regida pelo princípio do prazer, daí a originalidade da teoria psicanalítica. Não podendo, de forma alguma, ser reduzido ao papel de intermediador, o princípio do prazer é um sistema autônomo regido por leis próprias que se interpõe “sobre o arco basal e se define não apenas por ser o efeito de um empecilho surgido, mas propriamente falando, por constituir um obstáculo à função” (LACAN, 1968-69/2008, p. 188).

Freud afirma a sua hipótese de um aparelho regulador do inconsciente que tem seu funcionamento regido por uma economia responsável por apreciar pensamentos e não apenas os comportamentos. Eis o “acontecimento Freud”, a descoberta da função do inconsciente que rompe com o fundamento de todo o pensamento filosófico, “posto que o mundo inteiro está suspenso no sonho do mundo”:

“Ele não consiste noutra coisa senão a suspensão da rotação celeste, que era tida, na perspectiva tradicional, como o fundamento que englobava todas as reflexões... Trata-se do questionamento radical de qualquer efeito de representação, do desaparecimento de qualquer convivência com o representante como tal” (LACAN, 1968-69/2008, p.189).

Uma outra tendência evidenciada nas palavras de Lacan, ainda acerca do *Entwurf*, refere-se à identidade de percepção posta em andamento pelo processo secundário. Estamos aqui diante de um funcionamento do aparelho psíquico que em sua função de examinar e verificar é conduzido por uma “trama de fundo da experiência”, constituída por trilhamentos anteriores, conforme o sistema de *Wunsch*, que insiste em sua busca por satisfação. Assim, nos é apresentado numa primeira visada este curto circuito, enquanto um “duplo entrecruzamento dos efeitos do princípio de realidade e princípio do prazer”, que por um encadeamento entre significantes é capaz de produzir um sujeito.

Tentando tornar isso mais evidente faz-se necessário sustentar a radicalidade trazida pela oposição entre impressão e inscrição. Há no curto circuito estabelecido pelo princípio do prazer, que se estabelece numa dialética polar ao princípio de realidade, a intervenção do significante que recorta com seus artifícios o que passa a estar lá antes dele, mas somente por efeito dele. Paradoxo posto à toda lógica positivista enquanto condição de existência do objeto. Na *Carta 52*, Freud já havia concebido a inscrição do signo como condição da percepção e,

como consequência, a memória enquanto uma escrita, mantendo com a consciência uma relação de exclusão.

Entre percepção e consciência, há, por conseguinte, algo mais elaborado do que simplesmente uma decodificação que nos colocaria em uma suposta condição de meros espectadores do mundo externo, uma espécie de consciências constituídas por impressões. Lacan em seu ensino (1959-60/1997) segue rente à novidade freudiana acerca da determinação inconsciente própria ao ato de perceber, da qual deriva o ato de memória que a cada vez se inscreve numa articulação de linguagem “que vai do mais arcaico inconsciente à forma articulada da fala no sujeito (LACAN, p. 67).

Graças ao avanço trazido pela linguística de Saussure, Lacan intervém sobre o algoritmo saussureano, invertendo a ordem do signo. Submetido à supremacia do significante, coloca uma barra entre significante e significado, desmontando a certeza da correspondência biunívoca entre estes: “A estrutura do significante se caracteriza pela *articulação* e pela introdução da *diferença* que funda os diferentes” (COUTINHO JORGE & FERREIRA, 2005, p. 49).

O texto freudiano pôde, então, ser lido sob os fundamentos da diacronia e sincronia próprias à ação significante. A consequência deste deciframento de um texto até então considerado pré-psicanalítico foi enorme. Lacan colocou em curso uma retomada da essência do pensamento de Freud que, em todo seu potencial de inventividade e inovação, buscou na estrutura do funcionamento da linguagem a engenhosidade topográfica dos processos do inconsciente. A subversão lacaniana imputa à percepção humana um ordenamento pela via da inscrição numa dependência radical ao significante e ao traço.

## **2.2 Elementos de uma *Niederschrift*: Significante e traço**

A representação de palavras é a escrita (LACAN, 1971/2009, p. 80).

O significado não é o que se ouve. O que se ouve é o significante (LACAN, 1972-1973/1985, p. 47).

*Niederschrift* é a palavra que Lacan retomou da referida carta dirigida a Fliess, marcando, assim, o caráter de signo de uma primeira inscrição que é constituinte do sujeito e do objeto numa mesma operação. A palavra alemã *Niederschrift* remete a uma escrita no campo da formalidade, que obedece a um ordenamento simbólico submetido a regras, leis próprias de

uma estrutura. Neste caso, podemos identificar que se trata do que Lacan formulou acerca do inconsciente estruturado como uma linguagem, na qual incide ressonâncias de um tempo lógico.

A técnica da associação livre enquanto meio de acesso à cadeia significante foi encontrada por Freud no discurso da paciente Emmy Von N que lhe pediu que silenciasse para escutá-la (1892-93/1996). Tal intervenção de Emmy, em sua tentativa de fazer calar Freud, o posicionou naquilo que mais tarde pôde ser elaborado como lugar do analista. Desde então, o estatuto que foi sendo dado à escuta analítica enquanto instrumento de trabalho do psicanalista permitiram a Freud e Lacan identificar e reconhecer achados clínicos fundamentais na fala de seus pacientes. A constituição de toda uma teorização que supõe na estrutura de um discurso do inconsciente seu lugar de pesquisa e intervenção, encontra a determinação da fala por elementos de linguagem e tempo que lhes são próprios.

Garantindo um fluxo à palavra não mais controlado por uma busca por significados, o encadeamento da fala não é mais

determinado pela formalização racional de uma narrativa, a psicanálise teve aí sua evolução. Sob esta perspectiva, Freud encontrou, num primeiro momento, uma escrita a ser decifrada na perna paralisada da histérica enquanto efeito de uma manobra inconsciente. Significações ocultas, disfarçadas, que só por seus rastros pré-conscientes poderiam ser seguidas.

Na sequência com atos falhos, sonhos e chistes, as formações do inconsciente sinalizaram a função da hiância no tropeço do discurso em sua estrutura e funcionamento. “Nossos atos falhados são atos que são bem-sucedidos, nossas palavras que tropeçam, são palavras que confessam” (LACAN, 1953-54/1994, p. 302). Lacan denominou essa hiância do inconsciente como *pré-ontológica* delimitando o campo psicanalítico enquanto não ontológico, não se tratando, portanto, do ser da consciência. De forma alguma, a análise poderia depois desses achados desconcertantes ser reduzida à uma filosofia da ipseidade. O inconsciente “não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não realizado” (LACAN, 1964/1998, p. 33-34).

Dito de outra maneira, se inicialmente tais produções deveriam ser decifradas por portarem um saber, os passos seguintes da psicanálise, pelo ensino lacaniano, nos conduziram da palavra ao significante, atribuindo a este uma supremacia em relação ao significado, e por fim à letra. Enquanto “tropeço” na enunciação de uma frase, o ato falho é aquilo que cai. Freud ficou siderado por esta aparição de algo misteriosamente intencional, mas de uma “estranha temporalidade”. Um achado de algo que se produzia na hiância, anunciando o caráter descontínuo do inconsciente e determinante do sujeito: “A ruptura, a fenda, o traço da abertura

faz surgir a ausência - como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas ao contrário faz surgir o silêncio” (LACAN, 1964/1998, p. 31).

O escritor espanhol Gabriel García Márquez descreve em seu livro “Cem anos de solidão”, determinado momento em que os habitantes de Macondo vivenciam uma nova experiência: as palavras começam a ser esquecidas e, para evitar que os objetos sejam dissociados de seus nomes, eles escrevem e colam os nomes que denominam cada objeto. Uma tentativa de garantir, pela palavra, a existência dos objetos.

Lacan (1960-61/1992) iniciou seu seminário sobre *A transferência* referenciando três enunciados:

- “No começo era o Verbo”
- “ I am anfang war die Tat”<sup>7</sup>
- “No princípio era a *práxis*”

Na sequência seguiu afirmando que na dimensão analítica o que se impõe aí é o valor de enunciação que acaba por incidir no *ex-nihilo* da criação em sua relação com a palavra e, portanto, recaindo na primeira fórmula “No começo era o verbo”. Lacan, atento às ressonâncias que advém desta enunciação, propõe aí mesmo uma subversão da própria ideia de começo da qual havia retirado muitas consequências em seu seminário anterior “A ética da psicanálise”.

Para compreender o que se passa na esfera da experiência psicanalítica do sujeito do inconsciente é preciso se submeter à premissa de que não há um antes da linguagem. A realidade nasce da inscrição significante entre percepção e consciência enquanto acontecimento à cada vez.

Se há uma anterioridade ao sujeito, é a do traço, que embora a-significante, resto indizível, não o é, de modo algum, sem a linguagem. Retomando o que se enuncia em “No princípio era o verbo”, Lacan por substituição afirma: “No princípio é o traço unário”. Uma introdução do aparelho do traço unário no real como condição de constituição do sujeito, entre real e sujeito há o traço unário (LACAN, 1962-63/2005).

---

O traço unário surge no lugar do apagamento do objeto, sendo antes um traço distintivo, de pura diferença, que marca a divisão do sujeito pela própria linguagem, onde algo, que diz respeito ao objeto, se perde. Por isso, como um *nome*, marca um a um, na sua singularidade. O nome próprio seria um exemplo de traço unário, na medida em que se situa como marca distintiva e não se traduz. Na constituição do sujeito, o traço unário tem função de bastão, como traço distintivo, tanto mais distintivo quanto mais está apagado, pois é na medida em que se reduz ao traço sem

qualidades, isto é, quanto mais ele é semelhante, puro bastão, mais ele funciona como suporte da diferença (RINALDI, 2008, p. 60).

Há aí uma intervenção não no nível da qualidade ou do significado, mas do traço como aviso de que é de um exterior ao sujeito de que se trata. Freud em seu texto “A negativa” reafirma que não se trata simplesmente de encontrar uma identificação entre o objeto da percepção e a representação a ela correspondente, mas de uma busca por certificar-se da presença do objeto, o objeto primordial, Outro. Deste modo o teste de realidade somente se estabelecerá sob a condição de busca por este reencontro. É a função representativa instaurada, portanto, a partir da perda do objeto em sua relação com o princípio de realidade. Numa organização de memória, encadeada por um trilhamento significativo, regulado pelo princípio do prazer, o sujeito rodeia em busca desse objeto desde sempre perdido. Assim, “de *Vorstellung* em *Vorstellung* mantém a busca sempre a uma certa distância daquilo em torno do que ele gira” (LACAN, 1959-60/1997, p. 77).

“...é por meio disso que chega a consciência tudo o que se refere aos processos do pensamento, a esses ensaios miúdos do encaminhamento de *Vorstellung* em *Vortellung*, de representação em representação, em torno do que todo o mundo se organiza. É na medida que algo no circuito sensação-motricidade vem interessar, num certo nível, o sistema  $\psi$  que algo é retroativamente percebido, sensível sob a forma de *Wortvorstellung*” (1959-60/1997, p. 65).

Na inscrição significativa temos a *Wortvorstellungen*, enquanto um discurso que por articulação remete aos processos do pensamento, permitindo pelos efeitos de hiância que se produza uma passagem do pré-consciente à consciência. Pela gravitação de *Vorstellungen* uma ordem, uma esfera se produz enquanto fechamento pelo significado. Entretanto, é fora deste nível da palavra que, por uma ordenação gramatical no nível da pulsão, encontramos, no inconsciente a *Vorstellungsrepräsentanz*, o representante da representação, o significativo propriamente dito. Eis a dimensão simbólica, onde de forma evanescente, numa representação entre dois significantes, advém o sujeito do inconsciente: O significativo é o que representa o sujeito para outro significativo.

Freud (1900/1996) afirma que há no relato do sonho a presença de “um texto sagrado” que apresenta nas fendas desse discurso sua escrita e determinação:

Se pensarmos que os meios de representação nos sonhos são principalmente imagens visuais e não palavras, veremos que é ainda mais apropriado comparar os sonhos a um sistema de escrita do que a uma linguagem. Na realidade, a interpretação dos sonhos é totalmente análoga ao deciframento de uma antiga escrita pictográfica, como os hieróglifos egípcios. Em ambos os casos há certos elementos que não se

destinam a ser interpretados (ou lidos, segundo for o caso), mas têm por intenção servir de ‘determinativos’, ou seja, estabelecer o significado de algum outro elemento. A ambiguidade dos diversos elementos dos sonhos encontra paralelo nesses antigos sistemas de escrita, bem como a omissão de várias relações, que em ambos os casos tem de ser suprida pelo contexto (FREUD, 1913/1987, p. 212).

Lacan (1971/2009) faz referência às imagens do sonho enquanto “representações de palavra”, tornando explícita a existência anterior da palavra, ressaltando nesta representação por imagem uma escrita: “a palavra já está aí *antes* que vocês façam sua representação escrita, com tudo que ela comporta” (p. 81). A experiência psicanalítica desde seus primórdios deu relevo à relação entre escrita e inscrição, numa investigação minuciosa acerca dos traços, da letra em relação ao lugar da palavra. Lacan desenvolve sua teoria do inconsciente estruturado como uma linguagem aprimorando a obra freudiana, destacando a função da letra e do significante por referência ao objeto. Ressaltando, sempre, o caráter determinante da linguagem em uma estruturação que é própria da condição humana, fundante e fundada pelo inconsciente.

Só que é uma linguagem em meio à qual apareceu sua escrita. Isso não significa, é claro, que se deva dar o menor crédito - e quando o daríamos, não é? - a essas imagens que passeiam pelos sonhos. Uma vez que sabemos que elas são representações de palavra, já que se trata de um rébus, isso se traduz, *überträgt*, no que Freud chama de pensamentos, *die Gedanken*, do inconsciente (LACAN, 1971/2009, p. 83).

Deste modo, seja nos sintomas histéricos, sonhos, chistes e atos falhos, o que Freud e Lacan iluminaram sob a ótica e ética da psicanálise foi a existência de um texto inconsciente a ser lido, decifrado e, posteriormente, levado ao limite imposto pelo rochedo do real, o impossível de tudo saber daquilo que “não cessa de não se inscrever”.

Elaboração lacaniana que, como já visto aqui, pôde ser lida como ressonância daquilo que Freud escreveu, de forma ainda muito incipiente, sobre a memória decorrente de uma sucessão de inscrições, ou ainda melhor, por retranscrições - *Umschrijf* - das percepções - *Wahrnehmungen*:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias- a uma retranscrição. Assim, o que há de novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações (1896/1996, p. 281).

Importante aqui salientar que nessa leitura do texto inconsciente, em sua relação com uma outra concepção de memória, destacou-se o caráter sexual determinante dos trilhamentos

sob a égide do recalque em seu jogo. O recalque tomado enquanto um dos destinos da satisfação pulsional.

Inscrição do traço mnêmico que por um encadeamento gramatical do significante, em sua lei combinatória, pode ter como efeito a historicização. Observa-se no sintoma e nos sonhos os efeitos dessa estrutura que, por uma relação metafórica, enlaçam de forma gramatical uma escrita no corpo. Cabe salientar que em toda operação de simbolização resta um traço, algo que permanecerá para sempre a-significante, resto indizível, um real que insiste em não se inscrever (COSTA-MOURA, 2010; LEITE, 2014, COSTA, 2001). Campo propício ao lugar ocupado pelo traço unário, não especularizável, enquanto ponto central da identificação referente a toda constituição da imagem do *infans*.

O corpo no significante faz traço e traço que é um Uno. Traduzi o *einzigster zug* que Freud enuncia em seu escrito sobre a identificação como traço unário. Ao redor deste traço unário gira toda a questão do escrito. A este respeito, que o hieróglifo seja egípcio ou chinês, dá no mesmo. Sempre se trata de uma configuração do traço (Lacan 1975/1986, p.15).

Lacan (1958-59/2016) retoma a pegada de Robson Crusó enquanto o que há de mais apagado, o traço, o do Um contável, que é suporte do significante, este discriminativo, do campo da diferença. É do objeto que o traço surge, retendo sua unicidade, e somente pela intervenção significante que é possível fazer do rastro da pegada, um passo. “Não é o rastro apagado que constitui o significante. O que inaugura o significante é o fato de que o rastro se coloca como possível de ser apagado” (p. 95).

O pai da psicanálise teorizou sobre a memória dando ênfase à noção de traço mnêmico, ainda que não tenha feito isto de forma sistemática, foi uma formulação muito preciosa e que Lacan não deixou passar despercebido. O traço é sempre inconsciente e dotado de valor de determinação. O traço é inacessível à rememoração, mas da ordem da insistência, da repetição. Definidos como duráveis, os traços são a base da memória freudiana, são marcas que, na condição de restos, têm o *status* de memória, porém inacessível à consciência. “As mais intensas e tenazes dessas lembranças são aquelas deixadas pelos processos que nunca alcançaram a consciência” (FREUD, 1920/1996, p. 25).

Elia (2008) pontua que tanto Freud quanto Lacan “exibem uma prevalência do real, do que não é alcançável pela palavra, ex-siste a ela, mas que pode ser cernido pela letra, pela escrita” (p. 71).

A subversão do sujeito é o ato lacaniano que se refere a uma causalidade do objeto *a*, este que se refere ao que escapa a todo e qualquer registro positivado da memória. Inicialmente encontrado nos lapsos de memória, é também por Thibierge revelado por uma falha na operação entre nome e objeto, tal como ocorre nas agnosias.

Cabe aqui delimitar que estamos falando do objeto *a*, causa de desejo e que tem como representante da falta, o falo, definido por Lacan como o significante primordial. A representação fálica pode ser destacada aqui enquanto um simulacro que representa algo inapreensível pelo significante e que, portanto, só pode ser um representante de representação (LACAN, 1957-58/1999; 1958/1998; 1964/1998; COSTA, 2014).

### **2.3 O sensorial é o objeto *a* - algumas palavras sobre a pulsão em sua relação com o *das Ding* freudiano**

Uma das vicissitudes da pulsão (...) é, com efeito, o aparecimento do sujeito. Inversamente o aparecimento do sujeito está ligado ao funcionamento da pulsão. Com efeito a condição do sujeito, que é a de ser um efeito do significante, faz dele uma pura falta no significante. Ele é apenas representado (VANDERMESCH, 2009, p. 88).

A noção de realidade foi toda a questão trabalhada até então sob os termos do princípio de realidade e de prazer numa metapsicologia que produz, por seus rastros, por reflexo, uma ética transcendental tal como proposta por Lacan, uma ética do desejo da qual o sujeito advém determinado por sua posição na cadeia significante, representado no entre-dois. Pura falta do objeto *a* que o causa.

O discurso da psicanálise opera por uma submissão ao sensorial que está em jogo na representação fundamental, algo que diz respeito a um objeto que aparece numa cena a ser inscrita, mas que é justamente aquilo que só aparece enquanto negativo, vazio de sentido, por uma impossibilidade de significantização. Representação de um objeto que não pode ser positivado, que não se presta a uma apreensão fenomenológica tal como os estudos filosóficos da representação o considerariam (LACAN, 1962-3/2005; COSTA-MOURA, 2011).

Retomando o exemplo lacaniano sobre a circuncisão, Costa-Moura (ibid) trabalha tirando as consequências do real desta operação na carne que engendra, pelo significante, a marca da castração:

com o conseqüente aparecimento do desejo do Outro como inusitado, Lacan mostra que na função geral do objeto o corpo está envolvido, não na acepção ativa que se poderia esperar a partir da percepção, por exemplo, mas sim pelo que há aí de inerte, de extraído, de separado e que prefigura a castração. Assim, ocuparão este lugar os

objetos que o sujeito perde naturalmente (o seio, os excrementos), os suportes que o sujeito encontra para o desejo do Outro (seu olhar, sua voz) e também a pulsão como atividade de revolver estes objetos, para com isto resgatar, restaurar a sua perda (p. 229)

Freud (1915/1996) o deduziu ao criar o conceito de *Trieb* (pulsão) “situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (p. 127).

A pulsão, por seu caráter sempre parcial, nunca atinge o objeto, segue seu percurso submetida ao campo gravitacional da *Vorstellung*, ela contorna o objeto, sem que seja capturada pelo buraco negro de das Ding. “(...) A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (p. 167). Enquanto efeito da presença de significante, “as pulsões são no corpo o eco do fato de que há um dizer” (Lacan, 1975-1976/2007, p.18).

No movimento de contorno pulsional do objeto regulado pela gravitação dos significantes, é possível circunscrever o modo como se dá a especificação de zonas erógenas como operação constituinte do corpo. Delimitação de áreas de borda que, como na criação do vaso pelas mãos do oleiro, criam também o orifício, o vazio, das Ding. A pulsão, escrita  $\$ \diamond D$ , “designa o tesouro dos significantes na cadeia inconsciente” (VANDERMERSCH, 2009, p. 83).

Algo escapa a todo esse mecanismo do significante e, enquanto resto dessa operação, uma falta incide enquanto insistência de significantização. Recorrendo à força do significante na nomeação de um conceito, Lacan diferenciou Wort, em alemão, de Mot, em francês para se referir a especificidade do que está em jogo ao situar *das Ding* no centro da estrutura enquanto um excluído interior em relação ao eu. Sobretudo, retomando a diferença entre Wort e Mot, temos no primeiro significante a relação entre a palavra e a fala, enquanto Mot está associada aquilo que cala, “nenhuma palavra”. O das Ding é da ordem do Mot, o fora do significado, realidade muda anterior ao recalque, mas que ordena, comanda. A Coisa em torno da qual *Vorstellung* gravita.

*Sache* é a coisa-produto da intervenção humana e, portanto, governada, determinada, pela linguagem, o que não é, em absoluto, da mesma ordem que, a Coisa, de *das Ding*: “O que há em das Ding é o verdadeiro segredo. Pois há um segredo desse princípio de realidade”

(LACAN, 1959-1960/1997), p. 61). O *das Ding* identificado enquanto “resíduos [do objeto] que fogem de serem julgados” (FREUD, 1895/1996, p. 386).

No contorno pulsional que constitui corpo, imagem e eu, é por uma extração que algo cai dessa operação: o objeto *a* que enquanto falta real só pode ser representado por uma *Vorstellungsgrepräsentanz*.

#### **2.4 *Nebenmensch* – a manutenção de uma boa distância**

*Nebenmensch* é outro termo freudiano retomado por Lacan e do qual se serve para situar uma alteridade estranha no campo do *das Ding*, lugar ocupado pela mãe que encarna esse Outro primordial, estabelecendo entre o eu e *das Ding* uma relação de perda do objeto. Para nomear essa distância Lacan criou o neologismo *extimité*, que em português convencionou-se traduzir por extimo, extimidade, e, que podemos correlacionar como aquilo que é trabalhado por Freud como característica fundamental do *Unheimlich*, o estranho familiar.

Uma vez dito isso, basta resgatar o *das Ding* enquanto “segredo” para constatarmos em que ordenamento teórico ele está sendo formulado. O *das Ding* em sua posição éxtima ao eu-organismo, mantém-se à distância como regulador daquilo que insiste em movimentar o sujeito em seu eterno retorno ao mesmo lugar. Essa formulação evidencia uma parte do complexo *Nebenmensch* em que “O prazer não se articula na economia humana senão numa relação com esse ponto, certamente deixado vazio, enigmático, mas que apresenta uma certa relação com o que é para o homem a realidade” (Lacan, 1959-1960/ 1997, p. 54).

Aqui o segredo insurge do vazio deixado como rastro da incidência de uma teoria do objeto que possui um ordenamento atributivo, consistente e que é da ordem do arranjo gramatical, de *Vorstellung*, numa regulação *Lust-Unlust*. Temos, assim, pela incidência da divisão original da realidade, o objeto em sua outra dimensão, a do *Freemde*, o estranho, um segredo incompreensível. Eis aí o lugar de aparição do vazio enquanto o primeiro exterior que é *das Ding*, esse Outro, em torno do qual se orienta o encaminhamento do sujeito no mundo dos desejos em busca do objeto perdido. Busca incessante que, pela manutenção da distância de *das Ding*, se permite no máximo tornar-se um andarilho pelas coordenadas de prazer. “A primeira apreensão da realidade pelo sujeito se dá pelo Outro que articula o “à-parte e a similitude, a separação e a identidade” (LACAN, 1959-60/1997, p. 68).

Simultaneamente à inscrição do traço como afirmação (*bejahung*) temos a extração de algo que por uma falta de significação, ressoa como estranho. O complexo do *nebemensch*, esse *Outro* pré-histórico, se divide:

“em dois componentes, dos quais um produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como uma coisa, enquanto o outro pode ser compreendido por meio da atividade de memória – isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo [do sujeito]” (FREUD, 1985/1996, p. 448).

[...] das Ding no centro, e em volta o mundo subjetivo do inconsciente organizado em relações significantes, para vocês verem a dificuldade de sua representação topológica. Pois esse das Ding está justamente no centro, no sentido de estar excluído (LACAN, 1959- 60, p. 92).

A experiência do *Nebemensch* ganha relevo ao demonstrar que há no corte simbólico do significante a constituição de um corpo por esse Outro. Uma ferida narcísica, que pela especificação no contorno pulsional resta enquanto furo, um vazio extimo, estranho. Na incidência de um corte real, mutilador, encontra-se a causa de uma anamorfose da imagem que tem como efeito o aparecimento daquilo que insiste como resto, real do corpo, a aparição do objeto a

Enfatiza-se aqui a condição de existência *das Ding* pelo recorte da palavra, que, pela impossibilidade de tudo nomear, em seu trajeto de circunscrição constitutiva do *Sache* deixa um resto, um buraco. A nomeação é efeito de significante. é apenas porque o grito surge que o silêncio ganha sua existência como estando lá antes. Eis a inauguração de uma dimensão comandada por um tempo lógico, onde temos o efeito *a posteriori* equivocando a ideia de um começo. Tal inversão da temporalidade impossibilita de afirmarmos, até mesmo, que antes era tudo nada, baseado numa concepção de que no advento da palavra surgiria a realidade, objetos criados pelo discurso e não somente reconhecidos ou descobertos. O que a psicanálise descobre e vai operar de forma radical é com essa outra temporalidade, afirmando que é apenas porque a palavra o criou, que o objeto passa a estar lá antes, desde sempre velado, prestes a ser descoberto. A metáfora trazida por Lacan acerca do vazio criado pelas mãos do homem na confecção do vaso nos serve enquanto imagem desse contorno significante que faz surgir a Coisa. O vaso que como veremos estará presente no esquema óptico de Lacan.

## 2.5 *Vorstellungsrepräsentanz*: significação fálica, uma escrita da falta

Lacan formula o caráter estrutural daquilo que está em jogo na história do mito, dos romances familiares: na *dit-mansion* do significante e da letra. Neologismo criado para conceituar o lugar onde habita o dito que, está desde sempre, submetido à condição da inscrição do significante primordial, o falo, aquele que comparece no lugar da falta, um verdadeiro *Vorstellungsrepräsentanz*. Referência ao  $(-\phi)$  que ocupa o lugar de S2 na estrutura com a função de fundar a significação por uma relação de pareamento e diferença à S1, aquilo “o que está no Outro recalcado e como significante”, operação determinante do advento do sujeito no intervalo entre S1 -S2 (p.153).

Tesouro de significantes, o Outro materno é num primeiro momento o objeto da perda imaginária, que somente por uma operação simbólica será inscrita como falta,  $(-\phi)$ , e enquanto tal só pode ser situada no texto da Lei, este articulado no nível do significante, que autorizado pelo Nome-do-Pai, o pai simbólico, remaneja a falta para o lugar do furo, a falta real, objeto *a*.

Dito de outro modo, o pai imaginário, é por determinação significante, pela cultura, aquele que porta a lei e como tal é o responsável por empreender a operação de “mutilação fundamental”, a castração, inscrevendo numa outra dimensão a perda imaginária, isto é, constituindo a falta fálica enquanto simbólica. Eis o mito edípico lido por sua *dit-mansion* estrutural.

O fato é que o desejo seja ele qual for, tem no sujeito essa referência fálica. É o desejo do sujeito, sem dúvida, mas, na medida em que o próprio sujeito recebeu sua significação, ele tem que extrair seu poder de sujeito de um signo, e esse signo, ele só o obtém ao se mutilar de alguma coisa por cuja falta tudo será valorizado. Isso não é uma coisa deduzida. É dado pela experiência analítica. É o essencial da descoberta de Freud (LACAN, 1957-58/1999: p. 285).

Conceituar algo tomando como referência a noção de simulacro é inusitado por retomar a dimensão do equívoco, da imprecisão, própria ao campo da representação. Entretanto, é exatamente por aí que Lacan inicia sua elaboração acerca do falo, porém não o concebe pela via da representação, mas como representante da diferença anatômica enquanto significante. Será examinado, por ora, esta problemática do falo num percurso que vai da imagem ao significante e que, portanto, não tem como mandato o acesso ao objeto enquanto significado, mas como significação, um efeito evanescente, mas consistente em sua função. É preciso salientar de antemão que, na operação que permite o falo surgir enquanto um objeto simulacro, um significante, há uma perda, trata-se da perda do objeto em si, este inacessível ao significante, trata-se aí do campo de aparição do objeto *a*.

Retomando o modo como Freud formulou seu saber partindo da noção de simulacro que o falo, enquanto imagem, ocupou na Antiguidade, Lacan desenvolve-o como conceito primordial na instauração da estrutura de linguagem. Insígnia encontrada nas imagens pintadas em diferentes objetos, o falo era um objeto poderoso, símbolo da fecundidade e da potência. Sua relação com a sexualidade, Freud reconhece e legitima. Desenvolve, assim, sua teoria em torno do complexo de Édipo tendo como referência a questão fálica. Retirando da dialética da diferenciação entre os sexos, Lacan o situa de forma mais precisa na antítese entre o fálico e o castrado (COSTA; BONFIM, 2014, p. 230 - 31).

O falo como representante do desejo, que como sabemos não é o mesmo que necessidade nem demanda, é por Lacan o objeto primordial, dentre tantos outros, articulado ao objeto *a*, este irreduzível ao significante. Toda a dificuldade de manter o rigor na definição desses dois conceitos, falo e objeto *a*, está num determinado modo de operar num campo em psicanálise que é o da negativa. Lacan inicia situando o falo no campo da perda imaginária e, posteriormente, na imagem da falta que é simbólico. Ou seja, trabalhando com algo que só tem sua existência como representante da representação da ausência do objeto e que só pode ser reconhecido por seus efeitos de significação.

Dito isso, responde-se à crítica mais comum à teoria psicanalítica acerca do falo, pois já se torna impossível colapsar falo e pênis, mas separá-los de uma vez por todas não é a indicação lacaniana. Novamente, situados sob o risco da imprecisão. No entanto, nos contentar em dizer que não é bem assim e nada mais não é um propósito.

Em um primeiro momento de seu ensino, Lacan formula o Outro do Outro, em que o Outro é a sede dessa lei de linguagem e o Nome-do-Pai seria no nível do significante o representante do Outro no Outro. Entretanto, posteriormente tal formulação é revisada e afirma que não há Outro do Outro, teorizando aí a falta real, falta no Outro.

“A criança pequena nada tem de auto-erótica” (ibid, p.233) é sempre por referência ao outro que se constitui. Esta é a premissa lacaniana que orienta a diferença no encaminhamento dado àquilo que diz respeito ao processo de identificação da criança a uma imagem, um outro, tal como podemos ver acontecer no estágio do espelho. Imagem virtual, que existe e não existe. A *Urbild* do eu. Tempo primeiro do Édipo em que a criança precisa identificar-se especularmente com o falo, objeto imaginário de satisfação do desejo da mãe. A criança quer ser o falo. Momento em que localizamos o desejo enquanto desejo de desejo. É pela cristalização do eu, nesse referenciamento à realidade, que são abertas as possibilidades

fundamentais do imaginário. É pelo caráter ilusório da imagem do corpo, nessa experiência de realidade, que é determinado um certo modo do sujeito se relacionar com a realidade.

Ao falar de *Urbild* está referenciada uma conquista primeira da imagem, em um domínio do eu, série de tipos, formas e representações. Mas há um limite e este é dado pelo Ideal do Eu com o qual o sujeito se identifica no nível paterno em direção ao simbólico. O pai num segundo tempo intervém como privador da mãe, intervindo aí a lei do pai. Cabe a criança se debruçar sobre o enigma de ter ou não ter o falo. “O falo passa de objeto imaginário do desejo da mãe, a significante do desejo do Outro” (COSTA; BONFIM, 2014, p. 237). Enfim, será na saída do Édipo, seu terceiro tempo, que o falo então passa a ser daquele a quem a mãe remete a lei, o pai. Chega-se por aí à questão da significação fálica.

Está aí situada a operação necessária à inscrição do próprio registro simbólico e a importância do falo em sua função de significação, conforme leitura lacaniana que dá a ele o estatuto de significante e “introduz o sujeito em sua existência e em sua posição sexual” (COSTA., 2014, p.238).

Lacan destaca o falo como objeto primordial, inicialmente localizado no imaginário e, ao final, no simbólico, significante primordia, enquanto representante de representação da falta, uma imagem negativa, (-  $\phi$ ). Um objeto que por sua ausência na dimensão especular tem seu efeito. É em relação com o complexo de castração que o falo tem seu lugar na instauração do desejo: “é o esvanecimento da função fálica no nível em que se espera que ele funcione, que constitui o princípio da angústia de castração” (LACAN, 1962-63/2005, p. 283). Trata-se aqui da incompletude estrutural e estruturante.

## **2.6 Frustração, Privação e Castração: modos de lidar com a falta**

Com a definição de três "categorias" diferenciadas, Lacan explicita um certo desnivelamento acerca da relação de objeto intrinsecamente determinada de acordo com o registro que o concerne (LACAN, 1956-57/1994, p.37). Para que haja uma compreensão do funcionamento do sujeito em relação ao seu desejo, é indispensável situar sua posição frente à perda, à falta ou ao vazio do objeto. A diferenciação do modo como cada umas destas categorias está concernida a uma determinada posição subjetiva, frente a cada um dos três tempos lógicos em voga no complexo de castração, revela os recursos operatórios que estão à disposição do sujeito em sua tentativa de elaboração da mutilação de seu corpo. Uma mudança radical no real que incide no campo imaginário ecoando no simbólico.

Frustração, privação e castração correspondem respectivamente a uma posição ocupada pelo objeto em termos de estrutura no campo tridimensional do imaginário, real e simbólico. O terceiro tempo do complexo de castração corresponde à passagem da função fálica do plano imaginário ao simbólico, uma passagem da perda à falta, constituindo-se como falta simbólica. Enquanto representante de representação, significante primordial que põe em jogo a teia de significantes, o falo ultrapassa, por uma operação de corte mediada pelo Nome-do-pai, a dimensão do simulacro. No atravessamento da posição ocupada como imagem do objeto de desejo da mãe, há uma passagem da frustração, por não ser possível ocupar o lugar do falo, à impossibilidade do falo. Este primeiro momento de ser ou não ser o falo é ultrapassado por um tempo lógico onde a questão passa do de ter não ter o objeto fálico, para a inexistência do falo. Dedução lógica que culmina a ascensão do falo à condição de símbolo de uma falta real, objeto *a*, objeto concernente à condição humana, que põe em funcionamento metonímico a rede de significantes, enquanto próprio ao campo do desejo. A hipótese de que essa "falta real", ou seja, uma falta estranha à toda e qualquer representação no campo do significante, possa aparecer enquanto pura falta ao sujeito, a quem se supõe essa falta, é toda a questão da privação. Trata-se da falta da falta, a presença do objeto *a*.

Por uma espécie de redobramento do real, Lacan observa que, "sendo o real pleno por sua própria natureza, é preciso, para fazer um *furo real*, introduzir nele um objeto simbólico" (ibid, p.250), uma concepção de que "uma privação só pode ser efetivamente concebida para um ser que articule algo no plano simbólico" (ibid, p.100). Por sua total inacessibilidade ao campo do significante o objeto *a*, *este* objeto enquanto correspondente da falta real, será responsável pela instauração de toda uma causalidade do sujeito regida por uma ética psicanalítica. É, portanto, o vazio cósmico, o buraco negro, que determina a estrutura em que todo o campo gravitacional se movimenta, por um funcionamento de linguagem, na tentativa de uma significantização que mantenha o sujeito numa distância opaca do objeto *a*, este objeto vazio causa de angústia e desejo.

Evidencia-se aqui que essa falta só pode ser formulada do lugar do Outro, desde que esteja em um lugar absolutamente descentrado em relação ao lugar do sujeito, falante e, conseqüentemente, faltante. Freud ao tentar dar conta da noção de objeto identificou um que é acessível ao campo da representação, *Sache* e outro que não, *das Ding*. As categorias de privação e castração tornam visíveis essa heterogeneidade do objeto. Uma face simbólica do objeto faltante ocupa pela via da castração o lugar de significante primordial que inclusive

precipita o próprio funcionamento da cadeia significante. Como uma segunda face temos a falta real, intervindo como puro vazio, sem sentido que permite que um encadeamento gravite ao seu redor sem nunca a alcançar.

Ao reconhecer uma grafia de significantes própria à estrutura do inconsciente e capaz de intervir no campo mesmo da percepção, afirma-se uma realidade do sujeito constituída por uma apropriação da fantasia fundamental que por uma operação de enodamento, por efeito de simbolização, passa de um roteiro imaginário à lógica do objeto (TYSZLER, 2007). Na *práxis* psicanalítica é indispensável:

Apropriar-se dela [da fantasia], pois é a janela para o mundo; o filhote do homem vê o que ele nomeia erradamente como “realidade” através do prisma de sua fantasia; janela, portanto, para o impossível de representar, senão pelas lentes de uma fantasia; janela para o real, seria uma fórmula mais adequada (ibid, p. 101).

Na escuta analítica o que se propõe não é conscientizar o paciente de uma realidade verdadeira. A fala endereçada, sob transferência, permite que ocorra uma outra operação no campo simbólico, que não trata a estruturação da memória no nível somente do imaginário:

A aposta, numa psicanálise, é que o sujeito neurótico não dedique sua vida inteira a se esquecer do recalco. Trata-se de algo que o constituiu como sujeito: ele passou por isso, ele é o resultado disso, e o recalca. Em última instância, na análise, o sujeito aprende a falar, aprende a lidar com a palavra. Aprende que é de um furo o lugar de onde isso fala (DE MIRANDA E CASTRO, 2009).

## **2.7. *Che vuoi?* - A dúvida que incide sobre o sujeito: “Cadê a sua perna, tia?”**

Um dos grandes problemas que o neurótico encontra é que, ao invés de tentar resolver suas questões pela via  $\$ \langle \rangle a$ , ele passa seu tempo tentando fazer isso pela via, em impasse, de  $i(a)$  (CZERMARK, 2007, p. 12).

A clínica é imperiosa num estudo psicanalítico e uma paciente ilustra com sua experiência como no registro do inconsciente opera uma outra temporalidade e outra causalidade, enfatizando no enodamento dos três registros, diferentes dimensões onde as coisas acontecem. Comprovação clínica do desnivelamento entre sujeito e eu.

O relato é de uma mulher de vinte anos aproximadamente que foi atendida pela primeira vez há três anos atrás. Em poucos dias, dois ou três dias, ela teve a notícia da necessidade de realizar uma amputação decorrente de um tumor e logo em seguida o procedimento cirúrgico foi efetivado. Na ocasião em que foi amputada, dizia-se que ela “reagiu muito bem”, “aceitando

a amputação” e “demonstrando ser forte”, teve importantes acontecimentos felizes em sua vida que confirmavam a hipótese de que ela havia elaborado a amputação muito rapidamente. Sempre dizia que não precisava do atendimento com a analista e negava qualquer sensação fantasma. “Estava bem”. A qualquer sinal do membro fantasma, o que ocorreu, segundo ela, pouquíssimas vezes “lembrava a seu cérebro que não tinha mais perna e que estava tudo bem, logo, então, ele sumia”.

Seguiu sua vida e após três anos retornou ao ambulatório procurando a analista por uma situação na sua vida que a fez se deparar com a possibilidade de encontrar crianças que, de forma inadvertida, perguntariam a ela pelo pé amputado. Diz antever essa pergunta e que isso a assusta. De forma muito surpresa e muito atenta ao que estava lhe ocorrendo diz: “É um tempo estranho. É como se eu só estivesse amputando agora. Até a sensação fantasma que eu nunca tive, agora estou tendo e muito. É estranho, sinto que só agora estou podendo perder a minha perna”. “Na época fiquei forte para os outros e não pude chorar”. Enfim, pôde ela demandar o espaço de atendimento.

Este caso ilustra como o registro imaginário pode tamponar a problemática em torno da falta do objeto, com uma espécie de elaboração que não passa por uma simbolização, e que, portanto, em nada modifica a relação do sujeito em relação à privação e castração. Assim sendo, é por uma atualização do *Che vuoi?*, trazido pela possibilidade da pergunta da criança, que, indagada sobre sua falta, a angústia aparece sinalizando-lhe que há um trabalho por fazer. Fica evidente neste caso que no campo da imagem não se trata de uma simples elaboração da amputação no nível da consciência.

Seu estranhamento sobre uma outra temporalidade, que se impõe como exigência de simbolização da mutilação pelo abalo sísmico da imagem, revela o lugar do inconsciente na causalidade da realidade psíquica, trazendo à tona a dimensão significante como um registro fundamental em sua relação com o real. Um real que insiste em retornar, causando angústia na medida em que o sujeito é convocado na dimensão do olhar. Como pode este olhar interrogativo incidir sobre o sujeito enquanto causa? Por quais trilhamentos uma produção ilusória do corpo se efetiva? À que realidade a sensação fantasma se conjuga?

A proposta desta outra abordagem acerca do tema é mediada essencialmente por uma mudança no conceito de memória, que ganhou um estatuto de estrutura de linguagem, graças a uma intromissão do significante entre a percepção e consciência. Introduziu-se ainda nesse campo a inscrição do traço, da letra enquanto resto insignificável, um real que insiste em não se inscrever, porém sem jamais ser deixado para trás.

Freud e Lacan foram pouco a pouco dissecando e elaborando elementos fundamentais de uma organização tipográfica que tem no significante, em sua relação com o traço, seu maior expoente na estruturação da leitura de uma escrita. Escrita que tem em si uma dimensão não legível no campo da significação. Afinal, “a linguagem não é feita para designar as coisas. Mas esse logro é estrutural na linguagem humana e, num certo sentido, é nele que está fundada a verificação de toda verdade” (LACAN, 1953-54/1994, p. 281).

Thibierge ressalta nas agnosias o modo como uma significação pode ser perdida, na medida que é o nome próprio quem a simboliza. Uma significação perdida, não o é de forma isolada, pois como este capítulo teve como objetivo demonstrar há uma estrutura simbólica que é discriminativa por ser encadeada. Um significante só o é por referência a outro significante por um valor diferencial. Uma perda de significação nunca será sem consequência para outras significações, ou até mesmo, para algo da própria ordem da operação de significação. A perda de significação pode incidir, inclusive, no aparecimento dos traços elementares ou do objeto.

Nos casos trabalhados por Thibierge, uma pessoa pode não conseguir nomear um objeto, sem que, no entanto, a presença deste seja ignorada. Mas, ao contrário, pode ocorrer que o objeto permaneça ali, enquanto fonte de angústia, por uma presença real do objeto insignificantizável, o estranho familiar de Freud.

Numa primeira visada, pode parecer que esse contorno teórico pela significantização não se coaduna com a nossa problemática, entretanto, destacamos no caso clínico acima como a dimensão do olhar entra em Cena, na pergunta da criança, determinando uma exigência de significação acerca da imagem que ali se revela estranha. Embora imaginariamente esta mulher estivesse recomposta, a mutilação que sofrera não atravessou o registro simbólico, não incidindo, portanto, na simbolização da imagem.

Não se trata aqui de refutar a teoria de Ramachandran que demonstra pelas vias neurais o funcionamento de um mecanismo de neuroplasticidade, condição anátomo-fisiológica para a atualização do esquema corporal após uma amputação. O propósito desta pesquisa foi apenas tornar visível a incidência de uma outra determinação na realidade do sujeito. Fatos clínicos comprovam que não é o órgão da consciência que faz ver uma mutilação no próprio corpo, de forma a atualizar a castração, exigindo uma simbolização da perda da imagem. Não são os olhos, mas o olhar que incide sobre o sujeito revelando-se enquanto o objeto *a*, atualizando assim a problemática da castração.

## CAPÍTULO 3 – A ILUSÃO DOS AMPUTADOS: ANAMORFOSE E *UNHEIMLICH*

Figura 3- *O falso espelho*



René Magritte, 1928.

### 3.1 Eu, sujeito, imagem

O sujeito é efeito da experiência pela qual, tal como Lacan descreveu no estágio do espelho, o humano se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo. Uma operação que só se faz possível numa articulação intermediada pelo Outro da linguagem, que no esquema óptico ocupa o lugar do espelho. (Lacan, 1953-1954). O imaginário situado no olho da consciência é o véu que se coloca frente à uma determinação simbólica. Deste modo o axioma subversivo do cogito cartesiano ganha sua determinação: “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. (...) O que cumpre um dizer que é: eu não sou lá onde sou juguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não posso pensar” (Lacan, 1957/1998, p.521).

Enquanto *shifter*, Lacan definiu o eu como aquilo que designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento (Lacan, 1960/1998, p.814). Este eu emerge da imagem unificada pelo espelho, mas que pela própria formulação do *cogito* cai na dimensão do equívoco, do paradoxo. Referenciado pela dimensão do Outro, o simbólico incide sobre o eu designando o sujeito que se revela pela enunciação. Não mais pela significação atributiva das imagens, mas por uma falta-a-ser.

#### 3.1.1 Narciso apaixonou-se pelo outro, mancha no espelho d'água

(...) “nunc duo concordēs anima moriemur in una”- “agora morreremos os dois, concordēs, uma única alma”- fala de Narciso em OVÍDEO. *Metamorphoses* [III, 473].

No texto “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, Freud (1914/1996) dá os devidos créditos pela descrição clínica do narcisismo (*Narcissus*) ao importante psiquiatra russo da época, estudioso na área de criminologia, Paul Näcke. O pesquisador já havia descrito o narcisismo como uma forma mais grave do auto-erotismo, localizando-a no campo da perversão e relacionando-a a pacientes com desordens psiquiátricas (p.81).

No entanto, em 1920, o próprio Freud retificou sua referência a Paul Näcke afirmando que Havelock Ellis já havia utilizado o termo. Porém, o próprio Havelock Ellis nega, e diz que havia apenas utilizado, em 1898 a expressão “tendência a ser como Narciso” (ibid).

Alguns estudiosos do campo psicanalítico buscaram a origem do termo narcisismo e encontraram outras referências ao mito, tanto na poesia quanto no campo científico, anteriores a Paul Näcke e Havelock Ellis. Segundo Guimarães e Endo, a primeira associação da fenomenologia psicopatológica ao mito de Narciso pode ser encontrada na obra *Le fétichismo dans l’amour*, de Alfred Binet (1888). Embora não tenha cunhado a nomenclatura narcisismo, Binet avançou na formulação antes realizada por Charcot e Magnan sobre o feticismo. Em seu trabalho faz uma referência ao mito de Narciso numa passagem em que descreveu a possibilidade do feticista ter como objeto uma parte dele mesmo e não de uma mulher. Segundo os autores, Binet antecipou o que Freud posteriormente nomeou como “escolha narcísica de objeto”, ainda que tivesse colocando-a no campo exclusivo da perversão feticista

Os referidos estudos de Paul Näcke também se restringiram ao campo da perversão, e podemos afirmar, que aquilo em que Freud pôde avançar foi justamente na denominação do narcisismo como algo próprio do mecanismo da constituição do Eu, isto é, de uma modalidade de investimento pulsional inspirado no mito de Narciso<sup>8</sup>.

Desta maneira, portanto, Freud nomeou o narcisismo como sendo uma operação universal no campo do humano. Evitando uma referência ao Nazismo (*Nazismus*), por uma possível eufonia, o conceito freudiano nasce como *Narzissmus*, ao invés de *Narzissismus* (ibid). Fato que pode parecer um cuidado exagerado com a palavra, porém se tratando de psicanálise não o é. Ainda mais uma palavra relacionada ao extermínio de dessemelhantes, os judeus, grupo ao qual próprio Freud pertencia e que era justificado pela via da identificação.

Destacamos que com esse ato na escrita Freud demonstrou seu objetivo de retirar o narcisismo de uma vez por todas de um entendimento que o colocava no campo exclusivo da

---

<sup>8</sup> Referência aqui ao mito de Narciso.

[http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito\\_filosofia\\_arquivos/narciso.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/narciso.pdf)

perversão numa lógica maniqueísta. O fundador da psicanálise instituiu o narcisismo, então, como algo fundamental da constituição própria do humano. Tratando-se, assim, de uma operação psíquica que permite o homem ser o único animal capaz de identificar e reconhecer a sua própria imagem e, como consequência, saber da sua existência e, portanto, de uma certa forma de saber da própria morte.

O trabalho de Freud sobre a questão do narcisismo como determinante para constituição do Eu passa, sem dúvida, pelo mito de *Narciso*, numa retomada da função de *Eco*, personagem que tem sido pouco lembrada nos estudos psicanalíticos, mas de grande importância no mito de Narciso.

A referência ao encontro de Eco e Narciso insere a dimensão da voz e do outro como elementos fundamentais na constituição da imagem. Eco era uma bela ninfa que havia sido condenada por Hera a perder o domínio sobre a própria voz após enganá-la com sua fala incessante. Na ocasião, a deusa Hera enciumada e desconfiada que Zeus, seu marido e deus do Olimpo, estava a traí-la com as ninfas, havia sido distraída pela conversa de Eco. Esta era uma ninfa conhecida por falar demais e querer sempre ter a última palavra nas conversas. Ao perceber que Eco ali falava para enganá-la e assim permitir que as ninfas fugissem, a deusa a condenou a só falar após alguém iniciar a conversa, além disso, sua fala passaria a ser mera repetição das últimas palavras do outro. “Só conservarás o uso dessa língua com que me iludiste, para uma coisa de que gostas tanto: responder. Continuarás a dizer a última palavra, mas nunca poderá falar em primeiro lugar”

Narciso era filho do deus-rio Cephisus e da ninfa Liriope. No seu nascimento sua mãe consultou o adivinho Tirésias que lhe disse de forma enigmática: “*si se non noverit*” (p.348), isto é, que Narciso viveria desde que nunca conhecesse a si mesmo. Ele cresceu e passou a ser cobiçado pelas ninfas por sua extrema beleza, as quais sempre rejeitou por preferir viver sem nunca ter sido capturado pelo amor.

Eco também se apaixonou pela beleza de Narciso. Os personagens do mito iniciam um diálogo que nunca poderia ter sido iniciado por ela e no qual a sua voz trazia apenas a repetição das últimas palavras do próprio Narciso, portanto uma espécie de monólogo que fazia reverberar o som da própria voz.

Eco resolve, então, se aproximar e ao vê-la, Narciso assusta-se e foge. Desolada pelo desprezo de Narciso, Eco isolou-se nas cavernas, entre rochedos e montanhas, até por fim transformar-se em rocha. Sua voz, porém, permaneceu ali, ainda como apenas repetição da última palavra daquele que venha a falar perto dela. Neste encontro com Narciso, Eco entra na

narrativa do mito no lugar da voz, pura repetição da última palavra que retorna sobre quem a profere.

Nemêsis, deusa do destino e da vingança, escuta o pedido de várias ninfas decepcionadas por Narciso e o condena a apaixonar-se por alguém inacessível. E é ao encontrar com um outro, sua imagem nas águas límpidas do lago, que Narciso se encanta por este outro, sem identificar como ele mesmo, como sua imagem. Passagem que reforça a ideia de que o eu é o outro. Narciso, então, morre ao tentar aproximar-se da imagem, que ele somente pode ver como outro (BALBO, 2003), sem saber que este outro à sua frente era o reflexo de si. Assim, da submersão mortífera pela captura por sua própria imagem, Narciso ressurgiu através de uma metamorfose que o transforma em flor:

Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando. As cores e o vigor deixaram seu corpo, e quando ele gritava "Ai, ai", Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu. As ninfas choraram seu triste destino. Prepararam uma pira funerária e teriam cremado seu corpo se o tivessem encontrado. No lugar onde faleceu, entretanto, as ninfas encontraram apenas uma flor roxa, rodeada de folhas brancas. E, em memória do jovem Narciso, aquela flor passou a ser conhecida pelo seu nome. Dizem ainda, que quando a sombra de Narciso atravessou o rio Estige, em direção ao Hades, ela debruçou-se sobre suas águas para contemplar sua figura.

O que advém da morte de Narciso, da alienação em sua própria imagem, identificado ao eu enquanto função de desconhecimento, é uma flor. Esta breve leitura do mito, auxilia no trabalho sobre o estádio do espelho e esquema óptico que será realizado na sequência. Destacando aqui o fato de Lacan utilizar a imagem das flores para preenchimento do vaso.

### 3.1.2 O desnivelamento estrutural entre *Moi* e *Je*

(...) basta dois espelhos opostos para se criar um labirinto (BORGES, 1980/ 2011, p. 112).

A equiparação entre as categorias sujeito e eu é um equívoco do qual, de antemão, precisamos estar prevenidos. Contudo, escapar dessa tendência aproximativa entre elas pode simplesmente ser a manutenção, pela via da oposição, de uma correspondência inicial no estabelecimento de uma mesma superfície. Portanto, apenas afirmar que o sujeito não é o eu não institui em si o desnivelamento fundamental entre o *Je* e o *moi*. Há naquilo que Lacan nomeou como a subversão do sujeito uma abertura de um outro lugar, uma outra zona, um outro nível onde funciona toda uma economia que escapa ao terreno imaginário do eu.

Freud descreveu o eu como uma projeção de superfície e o eu ideal resultante de uma série de identificações ao objeto. A identificação ao objeto foi bastante trabalhada como princípio do luto, pois, é por uma identificação ao objeto que o Eu pode esvair-se juntamente como o objeto perdido, tal como ocorre na melancolia, pela regressão do amor à identificação. “Regressão em que o *a* continua a ser, o que é, instrumento. Assim, temos como modelo do processo em jogo no luto uma passagem por esse investimento no objeto e, então, a separação do Eu, numa diferenciação entre ser e ter. “É *com* o que somos que podemos ter ou não (...)” (LACAN, p. 132).

Ao avançar em sua produção teórica, Freud percebe a dificuldade de equiparar a consciência com o eu. Persiste em seus estudos até poder formular o “insituável” da consciência. Reposiciona, então, os termos de sua teoria numa *revolução copernicana* que, pela descentralização do eu, realoca seu modelo na dialética entre Sujeito e Eu. Por consequência, será à excentricidade do sujeito e não ao eixo da “*aretê* de sua espécie” ou “um *aretê* individual” que a psicanálise dedicará seus estudos. Não estamos, portanto, nem no plano dos filósofos, tampouco dos moralistas (LACAN, 1954-55/1985, p. 18-19).

A frase do poeta Rimbaud a que Lacan recorre na formulação de um axioma “*Je est un autre*”, o [Eu] é um outro, transmite-nos justamente que há uma outra ordenação de planos e que esta tem como consequência a extimidade do sujeito num outro eixo.

Uma imagem estudada pela óptica é utilizada por Lacan para situar o equívoco que estava presente, por exemplo, na psicologia do ego em que Hartmann, por acreditar na tendência que todos temos de que nós somos nós, criou uma “entificação” do indivíduo. Nessa perspectiva, ou como Lacan diz, nessa “loucura bastante comum” ignoramos a separação entre planos introduzida pela psicanálise entre Sujeito e Eu, (ibid). Quanto ao fenômeno óptico trata-se, então, da diplopia, onde temos a criação de duas imagens a partir de um único objeto ou, ainda, como no experimento que ao se colocar duas imagens muito próximas, elas são acopladas até tornarem-se, ilusoriamente, uma.

No modelo do “ego autônomo” o que vem estremecer, irromper e instaurar essa zaragata, neste ponto de uma suposta unidade do Eu, é a libido. Nessa constituição da imagem narcísica onde o Eu se reconhece como “Eu sou isso”, há uma ação psíquica que instaura pela via do narcisismo secundário um contorno imaginário. Freud traz em seu texto *Além do princípio do prazer*, justamente o conceito que instaura o lugar do furo, da castração, trata-se do conceito de pulsão de morte. Conceito que instaurou “uma fissura, uma perturbação na relação vital” do homem (ibid, p. 56). Há aqui o resgate do dualismo onde podemos identificar

a “autonomia do simbólico” que permite uma formulação mais sofisticada acerca da função simbólica enquanto “presença na ausência e a ausência na presença”.

Podemos falar da ambiguidade do Eu que precisa ser considerado como função, mas também como símbolo: “O eu, função imaginária, só intervém na vida psíquica como símbolo”. Lacan propôs para estudar este descentramento do Eu uma leitura sobre seu “valor funcional” (p. 25) para o advento do Sujeito. Um Eu que, enquanto função imaginária intervém na vida psíquica como símbolo: “O Bororo diz [eu] sou um papagaio, nós dizemos [eu] sou um eu” (p. 59).

Partindo, então, da premissa de que “a realidade axial do sujeito não está no seu eu” é que buscamos situar o campo de intervenção psicanalítica. Diferente das neurociências que vêm na consciência o seu grande enigma e objeto, a psicanálise não se d/etém no que o Eu conhece de si, mas justamente sobre o que se desconhece. Aparentemente estamos nos deslocando para um paradoxo ilógico porque rigorosamente o lugar de encontro desse Sujeito não é outro senão o da fala. Seguimos advertidos de que a fala não é sem o Eu.

Daí a importância de sustentarmos esse paradoxo, pois supor um descentramento permite escutar o inconsciente em sua aparição na fala por seus lapsos, atos falhos, sonhos. A condição contingencial do sujeito que surge na hiância, no tropeço, no furo da linguagem situa o Eu na condição de objeto que preenche a função imaginária. Há na equivocidade da fala o encontro com a fala plena (LACAN, 1954/1998).

Lacan descreve o estádio do espelho como o modelo de “uma identificação por se referir à transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (1949/1989, p.97). Uma transformação produzida no sujeito que é derivada da constituição da imagem na qual o bebê, ainda muito precocemente, ainda aquém do chimpanzé no campo da inteligência, se antecipa e se fixa.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1966, p. 97).

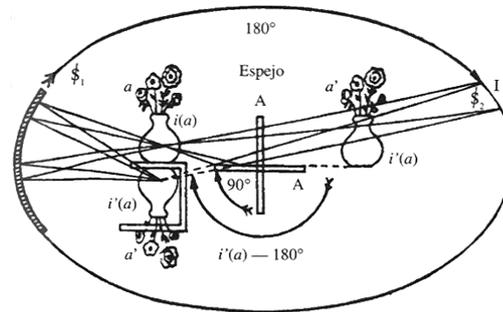
### 3.1.3 Imagem, um vaso com flores

Com o automatismo mental, estamos sobre a borda desse campo exterior do cone que faz aparecer então uma deformação lógica de outra forma invisível<sup>9</sup> (TYZSLER, 1994).

---

<sup>9</sup> Tradução: Luiza Ribeiro, revisão Anna Carolina Lo Bianco.

Figura 4 – Esquema óptico completo



Esquema completo

FONTE: LACAN, 1960/1998.

Vaso e flores são os objetos presentes no esquema óptico lacaniano que foi baseado no esquema do buquê invertido do professor H. Bouasse. Trata-se de objetos mantidos por Lacan que, acredito, comportam uma série de referentes essenciais à esquematização da manobra óptica constituinte da imagem. Como chave fundamental ao manejo da imagem em relação à problemática da castração, é importante situar na estrutura do esquema os elementos que a compõe e as posições ocupadas pela imagem nos diferentes registros representados por esta analogia.

Contempla-se no esquema completo (Figura 4) a imagem em três níveis da estrutura: a imagem virtual-  $i'(a)$ - situada no interior do espelho plano, registro do imaginário, e que é formada pelo reflexo de uma imagem real -  $i(a)$  – situada entre o espelho côncavo e o plano, cuja aparição é dependente direta da presença do espelho côncavo. Esta imagem real, é assim denominada no campo da física, por formar-se em um ponto exterior ao espelho, no espaço do mundo real. Sobre esta imagem tem-se um experimento bastante conhecido que é o do “porquinho” (Figura) responsável por fazer arregalar os olhos da criança, que ao tentar pegá-lo encontra com uma dimensão da existência que tem sua consistência no campo fantasmático. Uma presença visível, mas fugaz, evanescente, pois basta um passo ao lado e ela desaparece.

Há ainda uma imagem não especular, aquela situada sob a barra, o objeto  $a$ , inacessível ao olho, que se encontra capturado pela imagem virtual –  $i'(a)$ , aquela do “eu sou o outro” em que o falo pode ser situado como uma imagem da falta. Por este arranjo o sujeito pode daí advir, da hiância entre imagem real e imagem virtual. Este sujeito não pode ser equiparado à imagem virtual, completa que sidera o olho. Afinal, é justamente em um lugar *extimo* a esse arranjo  $i'(a)$  - inundado pela base especular constituída pelos significantes do Outro - que ele por uma

afânise, separação, daí advém causado pelo objeto *a*, este situado fora do campo visual e que é insignificantizável.

O vaso é descrito por Lacan como aquele que comporta a libido, como já foi aqui lembrado, este objeto feito pelas mãos humanas é uma *Sache* marca do significante que o diferencia de *das Ding*. Mas, no instante de criação do vaso, surge também o vazio. O vaso é, neste sentido, aquilo que comporta o real enquanto vazio instaurado como resto de uma operação de linguagem que contorna o objeto *a*, em um ato de fundação. Tem-se aqui o falo enquanto vazio representado, lacuna,  $-\phi$ , que é cortado da imagem por seu preenchimento com flores. É, portanto, somente porque tem o vazio no interior do vaso que as flores podem preenchê-lo de modo a completar a imagem, flores que na morte de Narciso emergiram no lago especular apenas como um representante.

Situado no interior de uma dialética do narcisismo temos o investimento da função especular como um tempo fundamental da relação imaginária. Entretanto, nem todo investimento libidinal pode ser situado no nível da imagem especular, há um resto, uma falta representada pelo falo: “Em toda medida em que se realiza aqui em  $i(a)$ , o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. Apesar de o falo ser, sem dúvida, uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível do imaginário como ele é (...) cortado da imagem especular (LACAN, 1962-63/2005, p. 49).

O corpo institui duas dimensões, uma do registro da imagem especular e outra que não pode ter sua imagem, trata-se aqui da relação entre o falo, menos *phi*, e o objeto *a*. Num recurso à estrutura de linguagem, o esquema óptico é perpassado pelo significante. O falo em sua função de significante primordial, operador de significação, coloca em funcionamento a representação entre significantes, que metonimicamente gravitam de um significante a outro, mas sempre por referência ao significante primário, representante simbólico da falta. Há aí uma dimensão anterior ao significante, porém, como já visto anteriormente, condicionada à incidência da linguagem. Referência aqui feita ao efeito da extração do objeto *a* que tem sua marca na insistência do traço irreduzível ao significante. Traço unário, do 1 1 1 1, responsável pela unidade de identificação da imagem real -  $i(a)$  (LACAN, 1962-63/2005).

Figura 5

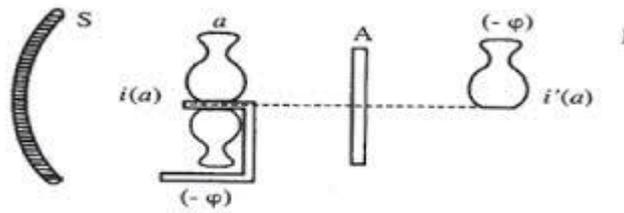


Figura 4 – Esquema óptico simplificado. Lacan, 1962-1963/2005, p. 49.

Apenas enquanto imagem virtual é que o homem acessa o corpo no registro imaginário, sendo a ele inacessível a falta e o vazio, o falo e o objeto *a*. A ele aparece apenas a imagem preenchendo o lugar da falta fálica, um vaso com flores, enquanto reflexo de uma imagem real, o falo situado no lado direito do esquema, como a imagem da falta, reflexo do *a* recalcado do lado esquerdo, posicionado sob a barra.

No lugar do Outro (A), que nada mais é que o simbólico fazendo função de espelho, perfila a imagem refletida e falaciosa, o eu imaginário. Esta imagem é responsável por orientar e polarizar o desejo que nela se encontra velado, relacionado como ausência, mas sob risco eminente da aparição do vazio inapreensível que é o objeto *a*. Enquanto reserva operatória, libido, temos o menos-*phi* que resiste à imagem especular por estar intrincada no corpo por uma espécie de “gozo autista” que permanece ali pronto a intervir como instrumento de sua relação com o outro, parceiro do jogo sexual (ibid).

A designação do lugar do menos-*phi* só nos é acessível pelo sinal da angústia que neste ponto de ficção na relação com o Outro, aparece como angústia de castração. Cabe salientar que a problemática da castração que se torna o embaraço do ser falante não reside em sua própria castração, mas na castração que é a do Outro, na qual se constitui. “Dedicar sua castração à garantia do Outro, é diante disso que o neurótico se detém” (ibid, p. 56). Evidencia-se sob toda essa esquemática a estrutura do sujeito em sua relação com a dialética do desejo, visto que a fórmula da fantasia, ( $\$ \langle \rangle a$ ), só pode daí ser deduzida em sua relação com o complexo de castração.

A impossibilidade de substantivar o sujeito é explicitada na estrutura de constituição da imagem, pois o sujeito é ninguém. Enquanto decomposto, despedaçado, ele é aspirado pelo engano da imagem realizada no outro. Em sua imagem especular encontra uma suposta unidade para só então ocupar uma posição na dialética do desejo, esta suportada pela castração do Outro. Buscando, assim, enlaces metonímicos do objeto, numa tecelagem enredada e determinada por

significantes em busca de significantizações. Um movimento que mantém o sujeito fotografando a vida. Criando a cada vez anteparos, quadros, frente ao real da morte, impedindo, assim que a morte invada a vida (LACAN, 1954-55/2010; 1959-60/1997, 1964/1985). Ou, como escreve Clarice Lispector (2009): “Viver não é coragem, saber que se vive é coragem.” (p.11).

A morte é o escrínio do Nada” (Heidegger, 2002, p. 156). Seria esse encontro com a morte, na notícia da própria morte, uma possibilidade de aparição do objeto *a*? Lacan fala da distância que o significante nos permite manter da morte engenharia arquitetônica do significante. Um real primordial que padece de significante polo de atração, buraco negro que move o desejo, mas na carona da pulsão de morte. O vazio do vaso preenchido pela imagem e que tem como contorno a rede de significantes. Contorno pulsional constitutivo da borda e do orifício do corpo.

Dando continuidade à aparição do vazio de sentido, do objeto *a*, é hora de retomar a formulação lacaniana acerca da angústia e que serviu de bússola na determinação de todo o percurso até aqui:

A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar (-  $\phi$ ), que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo *a* do objeto do desejo. Eu disse alguma coisa – entendam uma coisa qualquer (LACAN, 1962-63/2005, p.51).

A ilusão dos amputados é uma formação que aparece justamente aí nesse ponto da imagem, entre a presença e a ausência, como uma tentativa de completar a imagem por um novo preenchimento. Contudo, por seu caráter evanescente trata-se de uma aparição que impõe à estrutura uma dimensão estranha e que por um ravinamento na superfície consistente da imagem permite a passagem da luz iluminando o que há antes do espelho, isto é, aparição da falta da falta. Ou, como pôde ser lido na fala do paciente que se situa na Faixa de Gaza, uma aparição que por um instante preenche o campo imaginário, mas, que por não ter a consistência simbólica que faz suporte à imagem virtual, retorna em um campo real revelando o puro objeto *a*.

Se até aqui foi seguida a indicação freudiana de orientar a pesquisa psicanalítica numa investigação em torno de uma determinação advinda do campo da linguagem, uma pequena curvatura neste campo se faz na inserção da angústia como mecanismo que sinaliza a presença de algo que escapa à estrutura significante, mas que só tem sua existência como efeito desta: trata-se do fenômeno do *Unheimlichkeit*.

Só raramente um psicanalista se sente impelido a pesquisar o tema da estética, mesmo quando por estética se entende não simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir (FREUD, S., 1919/1996, p. 237).

### 3.2 *Unheimlich e Angústia*

É em vão que tua imagem chega ao meu encontro  
E não me entra onde estou, que mostra-a apenas  
Voltando-te para mim só poderias achar  
Na parede do meu olhar tua sombra sonhada

Eu sou esse infeliz comparável aos espelhos  
Que podem refletir mas que não podem ver  
Como eles meu olho é vazio e como eles habitado  
Pela ausência de ti que faz sua cegueira”  
E assim depois Aragon segue:  
“Assim disse uma vez Na-Nadi,  
quando o convidaram para uma circuncisão (p. 25)  
(Aragon *apud* LACAN, 1998[1964], p. 24).

Passaremos a nos valer agora do conceito de *Unheimlich* e, para tanto, recorreremos à experiência trazida pelo paciente que após amputação decidiu enterrar sua mão, para depois afirmar que se sentiu como um fantasma em seu próprio enterro. Sem nos aprofundarmos nas peculiaridades deste caso clínico, propomos trabalharmos apenas com o recorte do caráter pontual desta experiência, nos detendo, dessa forma, cuidadosamente sobre o estatuto do *Unheimlich* enquanto elo essencial à toda problemática da castração. Estamos, por conseguinte, demonstrando como é importante o que um achado clínico como este pode revelar em prol de avanços tanto em nossa teoria, quanto em nossa clínica.

Considerar esta experiência fantasmagórica como ponto de partida explícita quais sinais seguimos quando se trata de uma formulação teórica psicanalítica. Isto posto, manteremos nosso posicionamento no fio clínico/teórico que não abdica de ter como metodologia de pesquisa o mesmo instrumento de intervenção, isto é, a escuta daquilo que um caso clínico é capaz de revelar como Verdade. Neste sentido, trabalhamos, sem dúvida, numa determinada linha de pesquisa que prioritariamente é orientada pelo ponto de incidência da angústia recolhida pela escuta em nossa clínica.

Lembramos aqui do caso de um homem que, em acompanhamento com a psicóloga havia há aproximadamente um ano e seis meses, fala da perda da perna, revelando sua angústia no advento do membro fantasma. Afirma que num primeiro instante a presença do membro

amputado o faz esquecer que amputou, mas que neste mesmo instante, a sensação fantasma é justamente o sinal de que a perna não está mais ali. Portanto, identificamos em sua fala algo que, por uma experiência que nos remete a uma estrutura tal como a da “banda de Moebius”, a sua sensação fantasma faz esquecer/lembrar da amputação: o “lembra que a perna faz falta” (sic).

Este homem afirma querer esquecer que é amputado, diríamos recalcar a dimensão do corpo em sua finitude, mas a sensação fantasma não deixa. Sente-se nesse instante de angústia numa Faixa de Gaza, zona de conflito. Diz não aceitar a amputação, pois isso seria sentir-se deficiente, inútil. Sente horror diante da impossibilidade que encontra para realizar atividades que “antes” o identificavam como “bom” filho, pai, homem, marido. “Sempre fez tudo o que tinha que fazer”. “Agora não pode fazer, falta-lhe um pedaço”.

A amputação lembra o câncer, e, diante do encontro com a própria morte, vive o horror. Uma sensação estranha. Tenta manter a imagem anterior para os outros, no espaço do atendimento com a psicóloga afirma que essa imagem pode cair. Lá fora ele sorri, dentro do consultório chora.

Apostamos que em sua fala há um trabalho de elaboração deste corte radical que se operou em seu corpo e em sua imagem. Suportando a angústia que advém nesse atravessamento, encaminha suas questões num movimento que vai da privação à castração.

Há claramente nesse caso um abalo no Eu e o aparecimento de sua divisão aponta para o conflito e, talvez, para um possível questionamento sobre seu lugar no mundo, seu destino. As certezas imaginárias que o fixavam no lugar do bom pai, bom marido e bom filho foram estremecidas por um sismo da imagem.

Lacan ao introduzir o objeto *a* ilumina alguns pontos no que tange à questão do olhar e da castração. Édipo vê o que fez, mais do que isso, vê seus olhos no chão, mas quem pode na verdade olhar o Édipo são seus olhos. Seus olhos ali fora do seu corpo na função de objeto. Estamos aqui no nível escópico do objeto olhar, objeto que se desvela como *a*.

É pela separação do saber racional, pois é só sabendo do crime cometido por ele, sem que soubesse estar cometendo, que Édipo pode enfim ter acesso à verdade que já havia lhe determinado. Assim, é vendo o que fez, mesmo tentando fugir do destino que já lhe havia sido determinado, que Édipo é arrancado em direção ao Estranho. Um ponto de ruptura no espelho pela imagem do Outro privando-o de ver sua imagem. Com os olhos jogados no chão, não é Édipo que olha. Mas é ele que é olhado em sua dimensão trágica pelo objeto olhar, que pela via do Outro incide como causa que o determina. Aí, na ruptura do espelho, temos o aparecimento

da mancha como imagem numa equivalência ao olhar (COSTA-MOURA; COSTA-MOURA, 2011).

Dispomos aqui nitidamente da relação de uma imagem que desvela algo capaz de provocar a angústia diretamente relacionada à castração e ao desejo. Nossa proposta é somente nos mantermos na linha de pesquisa tal como indicada por Lacan (1962-1963/2004), que não abdica de dar lugar ao corte, à hiância que persiste quando se trata de relacionar imagem e significante numa articulação mais precisa do estágio do espelho. Seguiremos advertidos de que não se trata de considerar a existência de dois tempos, do imaginário e do simbólico, mas dos efeitos de um “entrejogo dos dois” numa intervenção sobre o real, cada qual com sua trama. Eis a causalidade psíquica que aqui buscamos (p.39).

Trata-se aí do enodamento que destacamos na experiência da sensação fantasma, tal como a trouxemos através daquele último fragmento clínico em que o paciente na fissura de sua imagem especular afirma sentir-se instalado na “Faixa de Gaza”. Área demarcada pelo efeito ilusório da sensação fantasma que revela a dimensão de uma presença-ausência daquilo que agora podemos nomear mais apropriadamente como o falo. Referimo-nos também à sensação fantasmagórica do homem que, presente no cemitério em seu próprio enterro, relata um instante de angústia que nos sinaliza que esse rompimento da imagem especular é efeito do desvelamento do objeto pela experiência da notícia da própria morte.

A sensação fantasma, neste caso, aparece justamente aí nesse lugar da dimensão fálica que sem a cobertura imaginária, evidencia não a falta, mas a falta da falta, fazendo assim emergir a angústia. Um destino revelado sem o véu do sentido antes “garantido” pela via imaginária. Afinal, um bom filho, marido e pai não mereceria tal castigo.

Um ano e meio após a amputação afirma ainda vivenciar o horror de encontrar com o olhar materno. Não encontrou até hoje com a sua mãe. Lembramos neste ponto, do exemplo lacaniano acerca da impossibilidade de ver sua própria imagem desconhecida “no espelho enigmático do globo ocular do inseto” (1962-63/ 2004, p. 14).

Reconhecemos nestes exemplos clínicos importantes efeitos psíquicos decorrentes do encontro com a “notícia da própria morte”, isto é, pela finitude do corpo colocada em cena em situações de uma amputação no corpo. Cabe aqui salientar a formulação que a clínica evidenciou sobre o que seria esta experiência que denominamos como “notícia da própria morte”.

Há aqui uma diferença entre um “saber que vamos morrer” ou que “a morte é o destino de todos nós” e aquilo que se desvela na “experiência da própria morte”. Freud em seu artigo

“Sobre a Transitoriedade” (1915) falava sobre o encontro com a dimensão de finitude como aquilo que tornaria a vida mais bela. Nesta formulação estamos diante daquilo que por uma certa racionalidade é possível formular do encontro com dimensão da morte e, a partir deste, uma determinada posição que torna a vida mais bela.

No entanto, parece-nos que algo a mais aparece quando se trata não de racionalizar a morte, mas ter dela uma experiência de horror, de puro estranho. Experiência da morte como Verdade. Trata-se aí de algo que, amparados por nossa clínica, ousaríamos dizer: um real esburacando a imagem. Neste ponto onde temos o sinal da angústia, temos o sujeito diante do aparecimento de uma mancha no campo da imagem, sem que haja, no entanto, uma realização especular. A imagem pura do objeto enquanto mancha esparramada tal como no experimento da anamorfose, introduzindo a dimensão de opacidade.

E é sob essa perspectiva que relançamos o problema da sensação fantasma no campo do aparecimento do *Unheimlich*, onde temos o objeto como causa, objeto *a* que é essencial para localização do sujeito numa estrutura de linguagem. Numa investigação sobre a angústia na relação do humano com sua própria morte, Lacan destaca não encontrar este afeto no “ser-para-morte” de Heidegger. Eis a novidade psicanalítica que não busca assepticizar o campo excluindo a angústia no manejo da questão ontológica, tampouco torná-lo obscuro demais de modo que apenas permaneçamos na imprecisão. Tornada índice essencial ao manejo clínico, será apenas nos mantendo numa “distância opaca” da angústia que saímos em direção ao objeto não para alcançá-lo, dissecá-lo, para nele, então, encontrar uma explicação existencial do ser, deixando-se cortar por ele e daí recolher seus efeitos de significante.

Em seu seminário sobre a “Ética da psicanálise” descreveu a dimensão do belo no entre-duas-mortes de Antígona, numa relação com o puro desejo, sem o anteparo do imaginário. Lá na tragédia, trata-se de um fascínio causado no espectador, leitor, pela imagem de Antígona, uma imagem não especularizável, a do objeto *a*, no que tange à castração, à própria morte.

A escolha da ficção em trabalhos psicanalíticos para demonstrar esta experiência deve-se ao fato de se tratar de algo raro e fugaz na vida real. Enquanto numa quimera o estranho ganha uma certa permanência: “Trata-se de uma espécie de ponto ideal, mas sumamente precioso para nós já que esse efeito nos permite ver a função da fantasia” (FREUD, 1919/1996, p.266; LACAN, 1962-63/2004, p.59).

O tema da morte é por excelência aquilo que aciona o sentimento de estranheza, mas não é de qualquer modo que vivenciamos essa sensação. É necessário considerar o recalque como operador da estrutura inconsciente, para que possamos nos manter na linha de elaboração

que estamos seguindo. É somente pela suposição de que há recalque e retorno do recalcado, que poderemos compreender como um encontro com a Verdade da própria morte não é o mesmo que saber que a morte existe. É indispensável que o sujeito esteja numa determinada posição frente à castração, de onde é possível ser atingido pela Verdade.

Freud (1919/1996) já havia ressaltado o fato de que a morte nos contos de fadas não é capaz de provocar o *Unheimlich* tal como ocorre, por exemplo, nos contos fantásticos de Hoffman. Há nestes últimos uma proximidade com a vida comum, com a realidade composta de elementos identificáveis a nossa própria realidade, não estando, deste modo, o efeito de estranheza relacionado diretamente ao conteúdo, saber sobre a morte, mas sua referência à castração, na cadeia significativa como articulação estrutural da fantasia neurótica. Recolher esses efeitos na experiência de uma amputação não é possível em todos os casos, é preciso uma certa posição que suporte a angústia que daí advém.

Há no humano, em função da linguagem, um recurso ao simbólico que nos permite contornar o real, constituindo a realidade de uma existência. A fantasia contorna o objeto e nessa operação alguma coisa resta nesse ponto de torção. Algo que por hiância escapa à dimensão do sentido. “Um real da causa que se furta à representação” (COSTA-MOURA; COSTA-MOURA, 2011). Estamos adentrando no plano da castração constitutiva, o lugar do objeto *a* na estrutura, desde sempre recalcado, causa de desejo. Trata-se aqui daquilo que é, como Freud trabalhou acerca do Estranho, algo familiar que foi recalcado. Estamos na própria dimensão da morte, da castração, isto é, da perda primordial.

A morte, nos dirá Freud (1915/1996), não encontrará representação inconsciente, não temos um significante último que responda pela significação, nos dirá Lacan. O encontro com a morte é sempre atravessado pelo simbólico e imaginário, na constituição da fantasia primordial tal como veremos na constituição da imagem. Porém, nunca representada. Não há um significante último que corresponda a um significado da morte.

Reconduzido por seu trabalho à “antiga concepção animista do universo”, em que se vivia verdadeiramente numa concepção de mundo habitado por espíritos humanos, Freud supõe que haveria restado resquícios dessa ideia, porém agora sob recalque. Daí o caráter familiar de coisas assustadoras que provocam o sentimento de estranheza: “algo que deveria ter permanecido oculto mais veio à luz” (ibid, p.258).

Sobre nossa relação com a morte identifica dois fatores: “a força da nossa reação emocional original à morte e a insuficiência do nosso conhecimento científico a respeito dela” (ibid:259). Indo mais além, há uma incompreensão estrutural acerca da ideia da própria

mortalidade e no que tange sua atitude para os seus mortos temos atitudes ambivalentes reduzidas “a um sentimento unilateral de piedade que nos afasta da verdade sobre a morte” (ibid:260).

Membros arrancados, uma cabeça decepada, mão cortada pelo pulso, como num conto fantástico de Hauff, pés que dançam por si próprios, como no livro de Shaeffer que mencionei acima – todas essas coisas têm algo peculiarmente estranho a respeito delas, particularmente quando, como no último exemplo, mostram-se, além do mais, capazes de atividade independente. Como já sabemos, essa espécie de estranheza origina-se da sua proximidade ao complexo de castração. Para algumas pessoas a idéia de ser enterrado vivo por engano é a coisa mais estranha de todas (ibid, p. 261).

O pai da psicanálise enfrentou uma grande dificuldade para nomear de forma rigorosa a nuance dessa sensibilidade específica. Referia-se a uma sensação diante de algumas coisas que não despertam apenas o medo, mas desamparo, dúvida e hesitação. Logo, identificou que lhe faltava uma palavra que fosse capaz de exprimir com exatidão aquilo que marcando uma presença escapava ao sentido.

Falamos, portanto, da característica inerente a este desconhecido que como veremos é, de forma paradoxal, familiar: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (ibid, p. 238).

Diante desse enigma, Freud procurou elementos no uso linguístico que pudessem auxiliá-lo em sua investigação. Identificou que havia um desenvolvimento do significado da palavra *Unheimlich*, localizando nisso uma importante pista para sua pesquisa. Não se contentando com um significado primeiro, dissecou, com a ajuda de Theodor Reik, a palavra não só na etimologia alemã, mas também em outras línguas (latim, grego, inglês, francês, etc).

Entretanto, foi na própria língua alemã que Freud descobriu nos “diferentes matizes” da palavra uma equívocidade que levou em direção à ambígua. Constatou no plano do significado um modo de constituição da palavra que contava com a inclusão do seu avesso, *Heimlich* e *Unheimlich*:

(...) ‘*Heimlich*’? O que você entende por *Heimlich*? ‘Bem, ... são como uma fonte enterrada ou açude seco. Não se pode passar por ali sem ter sempre a sensação de que a água vai brotar de novo.’ ‘Oh, nós chamamos a isso de ‘*unheimlich*’; vocês chamam de ‘*heimlich*’. Bem, o que faz você pensar que há algo secreto e suspeito acerca dessa família? (Gutzkow apud FREUD, 1919/1996, p. 241).

Há no texto freudiano um esquadramento do campo do *Unheimlich* como algo para além de assustador, algo que pode, tanto em *Heimlich* quanto em *Unheimlich*, incluir aquilo que aparece como oculto, inacessível ao conhecimento:

Em geral, somos lembrados de que a palavra 'heimlich' não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora de vista. *Unheimlich* é habitualmente usado, conforme aprendemos, apenas como o contrário do primeiro significado de 'heimlich'. Por outro lado, (...) Segundo Schelling, *unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz (FREUD, 1919/1996, p. 243)

Usaremos neste momento um pouco do recurso à literatura fantástica que aparece exatamente no momento em que Freud circunscreveu o termo como uma subespécie daquilo que é ao mesmo tempo familiar, desagradável e oculto. Reportando-se, neste momento, à leitura realizada pelo psiquiatra alemão Jentsch que se dedicou a estudar o efeito produzido pela literatura fantástica do escritor alemão E.T.A. Hoffmann (2010), mencionando mais especificamente o texto *O Homem da Areia*.

Freud dissecou ponto a ponto o conto literário, reescrevendo uma espécie de resumo da história e, por fim, demonstrando a trajetória de sua leitura acerca da estranheza tal como lhe foi provocada por este texto. Toda essa dedicação certifica sua hipótese acerca do *Unheimlich*, que revela sua íntima relação com o fenômeno da castração, à qual é criteriosamente sustentada.

*O Homem da Areia* (2010) é a imagem utilizada para amedrontar as crianças. Neste conto observamos o pequeno personagem Nataniel ouvindo de sua babá as seguintes informações aterrorizantes e que na obra seguem associadas ao medo da morte do pai:

(...) é um homem perverso que chega quando as crianças não vão para a cama, e joga punhados de areia nos olhos delas, de modo que estes saltam sangrando da cabeça. Ele coloca então os olhos num saco e os leva para a Lua, para alimentar seus filhos. Eles estão acomodados lá em cima, no ninho, e seus bicos são curvos como bicos de coruja, e eles os usam para morder os olhos dos meninos e das meninas desobedientes (HOFFMANN, 2010).

Recorrendo à experiência psicanalítica, Freud (1919/1996) nos ensina que o temor do ferimento nos olhos aparece como um correlato do temor de castração. Temos no autocegamento de Édipo uma forma amenizada da castração como castigo ao crime de incesto. Para aproximar ainda mais da questão da psicanálise acerca da relação entre a angústia e o complexo de castração, podemos substituir o *Homem da areia* “pelo pai temido, de cujas as mãos é esperada a castração” (ibid, p.249).

E.T.A. Hoffmann tem o talento de criar no leitor um tipo de incerteza que, inicialmente, nos faz indagar se estamos passeando pelo “mundo real ou por um mundo puramente fantástico, de sua própria criação”. Poderia fazer as duas coisas, mas escolhe “como palco da sua ação um mundo povoado de espíritos e, demônios e fantasmas”. Ao leitor só resta se “curvar à sua

decisão e considerar o cenário como sendo real, pelo tempo em que nos colocamos nas suas mãos” (ibid, 248).

Não se trata aqui, portanto, de uma questão de incerteza intelectual: sabemos agora que não devemos estar observando o produto da imaginação de um louco, por trás da qual nós, com a superioridade das mentes racionais, estamos aptos a detectar a sensata verdade; e, ainda assim, esse conhecimento não diminui em nada a impressão de estranheza. A teoria da incerteza intelectual é, assim, incapaz de explicar aquela impressão (HOFFMANN, 1993).

Doravante, avançaremos no texto freudiano investigando o fenômeno do duplo num outro conto deste “mestre incomparável do estranho na literatura” (FREUD, 1919/1996, p. 251): *O Elixir do Diabo*. Embora possa parecer que estamos nos afastando demais do nosso tema, pretendemos demonstrar como a nossa opção por seguir fio a fio a tecelagem conceitual do *Unheimlich* neste texto, justifica-se pela proximidade explícita com diversos elementos do nosso tema de pesquisa.

Recorremos ao que o próprio Lacan (1962-63/ 2004) salienta sobre a importância dada por Freud aos textos hoffmanianos uma vez que estes apresentam o cerne da experiência da relação entre *Heimlich* e *Unheimlich*, visto que “a definição do *Unheimlich* é ser *heimlich*. É o que está no lugar do *Heim* que é *Unheim*” (p. 57). Acatando o achado de Freud, formula que este *Heim* corresponde ao lugar designado como *menos-phi*:

Digamos que, se essa palavra tem algum sentido na experiência humana, é o da casa do homem. Dêem à palavra “casa” todas as ressonâncias que quiserem, inclusive astrológicas. O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos.

Esse lugar representa a ausência em que estamos. Supondo-se o que acontece, que ele se revele tal como é – ou seja, que revele ser a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência – ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo, com o que traz de estranheza radical. (...) ele nos faz aparecer como objeto, por nos revelar a não autonomia do sujeito (p. 58).

Há no ensino lacaniano, uma articulação do tema do estranho ao da angústia, sem que, no entanto, se trate de uma equiparação entre esses dois conceitos. É preciso aqui apenas antecipar que a angústia é o afeto ligado a tudo que venha a aparecer no lugar do *menos-phi*, afirmativa que tem como expoente o fenômeno do *Unheimlichkeit*.

Diferente do primeiro conto, Freud ([1919] 1996) não se dispõe a realizar um resumo sobre o *Elixir do Diabo* e justifica essa diferença pelo caráter “obscuro e intricado” da história. Além disso, destaca que tem algo nesse texto que fica para além do esclarecimento dos fatos, causando justamente o sentimento de estranheza (p. 251). Indica-nos de algum modo que

somente a leitura em si do conto transmitirá o que é da ordem da estranheza pela própria sensação de estranheza provocada no leitor. Algo que não está no sentido em si, mas na falta dele que precisa ser experienciada.

Sobre a apresentação do acontecimento do duplo:

Se restringe a falar de forma condensada a princípio sobre como tantos personagens podem ser idênticos com fenômenos telepáticos e destaca: “Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes, através das diversas gerações que se sucedem (ibid, p. 252).

Freud recorre à abordagem acerca do duplo tal como elaborada por Otto Rank, que estudou a relação com os espelhos, sombras, crença na alma e medo da morte. Em prol da segurança do ego atingido pelo medo de destruição, a permanência da alma aparece como “primeiro duplo do corpo” trazido pela negação da morte. No entanto, será pelo mecanismo da inversão que o duplo que antes era a “a garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte” (ibid).

Na constituição egóica, Freud afirma que a ideia de duplo não é extinta após o que nomeia como narcisismo primário. Para ele novos significados vão alojando o duplo que passa a constituir uma divisão psíquica manifesta pela sensação de uma auto-observação, dando a uma parte do ego um caráter objetal. Entretanto, mesmo após esse trabalho teórico, não parece ainda ter encontrado uma explicação satisfatória para o que levaria o ego a projetar para fora algo que passa a adquirir a qualidade de estranho a si mesmo.

No desenvolvimento de sua pesquisa identifica os fatores determinantes para uma transformação de algo assustador em estranho: bruxaria, animismo e magia, onipotência dos pensamentos, repetição involuntária e atitude do homem para com a morte e o complexo de castração.

Para Freud (1919/1996), o efeito do estranho se apresenta quando temos a obliteração da diferença entre imaginário e realidade: “(...) quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza” (p. 261).

### 3.3 Anamorfose e olhar

O olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia da castração (LACAN, 1964/1998, p. 74)

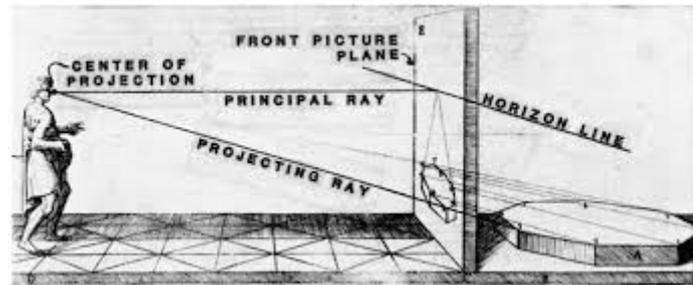
Arrisco aqui realizar uma passagem do *Unheimlich* para o campo da anamorfose, em uma transposição da manobra efetuada sobre o esquema óptico. Nada além do que uma transposição do campo do esquema óptico para o quadro de modo a ilustrar o que se passa na clínica. Calcada nas concepções de realidade e imagem enquanto categorias derivadas da presença do Outro e do objeto *a*, e me inclinando aos dizeres dos pacientes, deles extraindo ensinamentos sobre a fisiologia do significante, acatei um saber que se produziu neste percurso clínico e teórico. Uma pesquisa amparada por aportes conceituais rigorosos, que a todo momento se colocaram à prova diante de cada fato clínico. A anamorfose parece resgatar uma manipulação em torno daquilo que há de primitivo na constituição de uma imagem, suas linhas de estruturação.

As anamorfozes são imagens que se apresentam distorcidas ou mesmo dilatadas ao olhar de um observador, mas que são passíveis de se restituírem através de um ponto de vista rigidamente determinado, como que “imagens destruídas” que se restabelecem consoante a mobilização do espectador, fruidor, para um lugar privilegiado de observação. São, portanto, imagens evasivas que implicam um retorno (TRINDADE, 201, p.85).

Todo o trabalho duro realizado até então por conceitos difíceis de apreender e outros ainda obscuros, pode ter resultado em um texto árido, porém sustento que foi necessário atravessá-lo para que fosse possível escrever sobre o olhar sem cair no campo do puro visual, estético, por um rompimento com uma dialética do verdadeiro e da aparência, que supõe uma percepção idéica. Um caminhar pelo trilho que busca “dar corpo à realidade psíquica sem substantivá-la” (LACAN, 1964/1998, p. 74).

Apropriando-se de uma técnica de pintura, Lacan recorre à perspectiva para diferenciar o sujeito geometral cartesiano do sujeito da psicanálise. Brunelleschi (1377-1446), arquiteto florentino realizou um protótipo da técnica em que a única possibilidade de se ver um determinada forma no quadro era posicionando o olhar por um furo, operando dessa forma uma *esquize* entre o olho e o olhar. Incidindo sobre ele um desvio, o olhar do espectador torna-se um lugar invisível. “É o furo o olhar elidido do campo visual (QUINET, 2002 p. 144-45).

Figura 6 – Método da Perspectiva



Fonte: TRINDADE, 2015.

Quanto ao desenvolvimento técnico, os métodos da diagonal do quadrado e do trapézio, dos terceiros pontos, dos pontos de distância e da intersecção da pirâmide visual, foram a base de construção das primeiras anamorfoses planas. Permitiram, por exemplo, a transformação homológica do quadrado em trapézio e vice-versa. Posteriormente, foram surgindo outros dispositivos ou mecanismos geradores anamorfoses, como, por exemplo, a utilização de superfícies especulares, de forma e curvatura variada, como os espelhos planos, poliédricos, cilíndricos, cónicos e esféricos, côncavos e convexos, originando as anamorfoses onde as imagens se restituem (TRINDADE, 2015).

Instalando um espaço puramente matemático, novos espaços são criados dentro do quadro e uma imagem acaba por se formar num ponto que só pode ser visto posicionando o olho numa determinada posição. Esta construção da perspectiva mais tradicional refere-se ao ponto geometral do sujeito cartesiano por uma demarcação do espaço ao invés da visão (ibid).

No entanto, a perspectiva, enquanto construção simbólica matemática, serve ao efeito da anamorfose que instrumentaliza a apreensão do espaço, por esse jogo óptico, deixando cair o campo do olhar. A anamorfose, que tem na perspectiva sua técnica, mancha o quadro de forma que uma imagem só se constitua por uma manipulação óptica que intervém na posição do olhar. Indicando no âmbito escópico, a inscrição da falta e do furo no quadro.

(...) a anamorfose é um esforço para restaurar o sentido verdadeiro da pesquisa artística – os artistas utilizam a descoberta das propriedades das linhas para fazer ressurgir alguma coisa que esteja justamente lá onde não se sabe mais para onde se virar – ou seja exatamente em lugar nenhum (LACAN, 1906/1997, p. 170).

A anamorfose demonstra que não há imagem antes no quadro, apenas linhas constitutivas, o quadro apenas se inscreve como imagem na incidência do olhar. Lacan nomeia

o quadro como uma armadilha ao olhar, trata-se de uma verdadeira captura pela anamorfose no quadro dos embaixadores, que ficam reduzidos a um espaço secundário, no instante que, como por um susto, a mancha constitui-se caveira. (...), “a ilusão, ela mesma, de algum modo transcende a si mesma, se destrói, mostrando que ela não está lá senão enquanto significante” (p. 170).

Portanto, não se trata de uma deformação reversível ou de um restabelecimento da imagem distorcida, mas da formação propriamente dita da imagem enquanto uma operação estrutural do significante. Na anamorfose do quadro “Os embaixadores”, apenas um olho posicionado na diagonal, de viés, é capaz de olhar a aparição da caveira, estranho revelado como estando desde sempre ali velado no que antes era pura mancha. O que antes estava invisível no quadro toma a cena, nadificando o sujeito na “encarnação imajada do menos-fi” da castração:

Holbein nos torna visível algo que não é outra coisa senão o sujeito como nadificado – nadificado numa forma que é, falando propriamente, a encarnação imajada do menos-fi  $[(-\phi)]$  da castração, a qual centra para nós toda a organização dos desejos através do quadro das pulsões fundamentais (LACAN, 2008, p. 88).

Figura 7 – *Os embaixadores*



HOLBEIN, 1533.

Assim, a pintura ao desorganizar o campo da percepção, retrata que o sujeito em causa não é aquele da consciência reflexiva, mas sim do desejo. Recorrendo à pintura de Holbein, Lacan afirma que ela “reflete nosso próprio nada na figura do crânio de caveira. Utilização, portanto, da dimensão geomtral da visão para cativar o sujeito, relação evidente ao desejo que, no entanto, resta enigmático” (Lacan, 1998, pp. 94-95).

O sujeito não se resume ao puntiforme, numa referência ao ponto geomtral, a partir de onde é apreendida a perspectiva. É no fundo do olho que localiza o quadro que se pinta e onde lá estou carreado pela fantasia, último anteparo, mancha, da imagem frente ao real. (LACAN, 1998, p. 98).

No domínio chamado de geomtral, é a luz que dá o fio que nos liga ponto a ponto do objeto e que, “no lugar em que atravessa a rede em forma de tela sobre a qual vamos demarcar a imagem, ele vai funcionar muito bem como fio”, sob a condição de que a propagação da luz seja sempre em linha reta. Entretanto, o campo do olhar diverge desse campo geométrico da visão. Não é no ponto geomtral que é possível encontrar o sujeito, pois o que o filósofo esquece, ao considerar sua representação numa aposta da luz reta, é que há nesta um ponto de refração, de desvio, demarcando um mecanismo complexo determinante do campo visual na estrutura do olho.

Capturado pela aparência o ser não encontra em seu lugar aquilo que procura, pois na refração da luz, a imagem se difunde, preenche, transborda. Entretanto, a iluminação direta e excessiva pode também cegar. Como exemplificação desta relação do sujeito a um ponto de luz e sua subversão a toda e qualquer óptica geométrica, Lacan recorre à visão do brilho da lata de sardinhas que boiava sobre as ondas do mar. No intuito de transmitir seu ensino acerca daquilo que, na condição de uma estrutura determinante, intervém na hiância entre o olho e olhar, na elisão de uma relação geomtral, ele demonstra o desacordo entre paisagem e perspectiva. Afirmando de forma categórica que, uma vez situado no ponto luminoso, sim, é a lata quem o olha.

Situando o olhar do lado de fora, inverte-se a posição do sujeito que acreditava tudo ver para um sujeito que afirma “Sou olhado – sou quadro”. Na instalação da extimidade enquanto um lugar onde é possível situar este “ponto de olhar” é possível compreender de que maneira a mediação entre quadro e olhar ganha sua substância. “O quadro, certamente, está em meu olho. Mas eu estou no quadro” (1964/1998, p. 94). Surge aí a figura do anteparo, um *écran* opaco, não atravessável, um eu-mancha que opera em dissensão com o espaço óptico geomtral, um “jogo da luz com a opacidade” (ibid, p.96).

Ainda por referência ao quadro “Os embaixadores”, Quinet (2002) afirma que ao olhá-lo de frente vemos a representação da nobreza, a ordem imaginária da boa forma, o campo

visível da fenomenologia. No entanto, a mudança de posição do espectador que se desloca a uma lateralidade do quadro “tudo que era representação desaparece e o sujeito é confrontado por sua falta-a-ser... representado pela caveira que o olha” (p.150).

A noção de sujeito tem sua constituição submetida a uma operação de significante, o ato cirúrgico de extração de algo de si que constitui o objeto *a* como órgão, isto é, o falo enquanto símbolo da falta (*-phi*) e não enquanto a falta em si. No nível escópico temos o olhar funcionando como objeto *a*, no nível da pulsão invocadora, aquela mais próxima da experiência inconsciente do desejo do Outro, que indaga o sujeito sobre seu desejo: *Che vuoi?* (LACAN, 1964/1998).

No campo da visão, da percepção, algo é elidido nessa operação de representação formadora do campo ilusório da imagem, anteparo da fantasia fundamental frente à presença do real. Lacan, retoma no mimetismo dos ocelos, a função da mancha identificada à do olhar, enfatizando de que modo esta inversão em relação à fenomenologia nos encaminha por uma anterioridade de um dado-a-ver em relação ao visto. Segue, então, extraindo deste exemplo, a função de corte em sua fina navalha de comando e elisão, na tentativa de apercepção explicitado por um olhar que permitiria um eu vendo-se ver: “(...) a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que o comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma de visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se consciência” (ibid, p. 75).

Uma experiência vivenciada de forma estranha, pelo homem que decide ir ao seu próprio enterro e que enuncia a angústia vivenciada ao se ver reduzido à mão dentro de um caixão, enterrada no cemitério, e ele ali, por um instante, “morto vivo” (sic). Notícias da sua condição de finitude não por um arranjo imaginário e simbólico que pôde enlaçar a castração fundante da falta constitutiva do desejo, mas por um real que incide enquanto falta da falta, pura presença do objeto *a*.

Esta cena do paciente ilustra o que o ensino lacaniano altera quanto ao essencial do campo fenomenológico da percepção. O relato deste paciente disponibiliza a operação em que o olhar, numa certa equivalência ao objeto *a*, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração. Enquanto “objeto *a* reduzido, por sua natureza, a uma função puntiforme, evanescente”, o olhar “deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência – essa ignorância tão característica de todo o progresso do pensamento nessa via constituída pela pesquisa filosófica.” (Lacan, 1998, p. 80).

A divisão do sujeito em relação à sua própria imagem faz com que seja possível afirmar nossa *esquize* por nossa extimidade em relação ao corpo. Carreamos isso por enunciados –“meu

corpo”, “tenho corpo” - que tem no pronome possessivo o equívoco entre sujeito e eu. O homem ao enterrar seu corpo, sabe que é ele quem está lá, acessando assim a sua *esquize* apensa ao corpo. Afinal, o que é este corpo se não eu?

Essa esquize constitui a dimensão característica da descoberta e da experiência analítica, que nos faz apreender o real, em sua incidência dialética, como originalmente mal-vindo. É por isso, precisamente, que o real é, no sujeito, o maior cúmplice da pulsão (...) (Lacan, 1964/1998, p. 73).

Essa armadilha do olhar, posta em cena pela anamorfose, está presente em todo e qualquer quadro, pois “é precisamente ao procurar o olhar em cada um de seus pontos que vocês o verão desaparecer” (Lacan, 2008, p. 91). Questionamos se uma escuta analítica pode, sob transferência, fazer da mancha ilusória do pé que insiste em se presentificar na forma de uma ilusão, uma possibilidade de elaborar a castração que ali se revela? Realizar uma foto-grafia deste invisível, sempre presente, tornando-o visível pela tela que efetua contornos próprios de escrituração significativa constituinte de uma imagem.

Procura-se, então, transformar a anamorfose da mancha em componente no quadro da fantasia na qual o sujeito tem sua hiância entre ver e ser visto. A mancha adquire a função de velar e revelar o olhar, objeto a, pela tela-anteparo que se interpõe entre o sujeito do *cogito* e o objeto escópico. A divisão do sujeito.

o mundo é onivoyeur, mas não é exibicionista (...) ele não provoca o nosso olhar. Quando começa a provocá-lo, então começa também o sentimento de estranheza (LACAN, 1964/1985, p.76).

...mais-além da aparência não há a coisa em si, há o olhar (ibid., p.101).

Lacan empreende uma inversão da expectativa que se tem sobre o olho como determinante da realidade, ressalta a presença do olhar como fundante do campo do sujeito: “eu entendo, e Maurice Merleau-Ponty nos mostra isto, que somos seres olhados no espetáculo do mundo. O que nos faz consciência nos institui ao mesmo tempo, como *speculum mundi*. Não haverá satisfação em estar sob esse olhar (...) que nos discerne e que, de saída, faz de nós os seus olhados, mas sem que isso se nos mostre?” (1964/1998, p.76).

A imagem enquanto último anteparo frente ao real torna possível um contorno do que sem ela é puro estranho. Ao analista cabe a tarefa de dar lugar ao sujeito na hiância provocada pela incidência do significante entre percepção e consciência. Apoiada no labirinto da imagem, como dois espelhos colocados frente a frente, a esquize do sujeito se constitui no intervalo, no entre-dois, no buraco inaugurado pela apercepção. A tentativa inócua e esperançosa de ver-se

vendo. Cabe questionar o sujeito sobre essa mancha, produção da qual ele se demite como sujeito, deixando à cargo do seu cérebro a responsabilidade daquilo que se determina nele- “Eu sei que não sou eu, é meu cérebro”.

Tal como no grafo do desejo temos a fantasia como anteparo à inconsistência do Outro, é somente porque há uma inscrição do sujeito do desejo que o quadro ganha sua função. Trata-se do sujeito se diferenciar enquanto tal na função do quadro. “Imitar, é sem dúvida reproduzir uma imagem. Mas, fundamentalmente, é para o sujeito, inserir-se numa função cujo exercício o apreende” (ibid, p. 98).

Na mutilação do corpo, uma perda incide na imagem e é enunciada como “eu não sou mais o mesmo”, “as pessoas me vêem como inútil”, “virei um aleijado”. Por vezes, velada por uma tentativa de denegação do acometimento radical em seu corpo, aparece como: “isso não mudou em nada, sou a mesma de antes”, “continuarei fazendo tudo como sempre fiz”.

Enxergar a perda no nível da frustração é uma forma de entrar no sofrimento decorrente de uma mutilação, na maneira como o corte atinge a cada um. A perda enganchada ao lugar do imaginário que vela a castração, é uma porta de entrada comum na clínica com pessoas amputadas. Entretanto, por vezes, é o real de uma privação que aparece desvelado, iluminado pelo “susto causado” por “um aviso da morte”, como afirma um homem ao falar dos efeitos em sua posição no desejo após se submeter a uma cirurgia mutiladora.

Ainda tendo atravessado situações limites, “entre a vida e a morte”, a pessoa pode manter-se na frustração, na perda imaginária que recobre todo o campo da castração. Referência aqui a uma certa posição que supõe um ser completo antes: “Antes disso acontecer eu fazia o que eu queria, não dependia de ninguém”, “Agora saio na rua e todos me olham esquisito”, “Não tinha problema algum para arrumar namorada, hoje em dia penso muitas vezes antes de me aproximar de uma mulher, porque já penso em como ela irá me olhar”, “Agora me acho feia”. O pano de fundo desses enunciados é a posição do sujeito frente à castração, e o que isso revela do lugar que sua imagem ocupa em sua economia numa referência a esse significante primordial, símbolo da falta.

Diante da aparição do olhar, enquanto objeto *a*, não simbolizado em sua condição de falta central, elaborada no complexo de castração, tem-se a apresentação sem tela da falta da falta. Consequentemente vê-se o sujeito reduzido à sua natureza, evanescente, finita. Desamparo do sujeito sem o recurso da aparência que o protegia, retirada da imagem enquanto último anteparo frente ao real (p. 77).

A questão do olhar é ponto recorrente na fala dos pacientes que formulam esta experiência do olhar do outro enquanto congelado no vazio deixado pela perna amputada. Não cabe aqui compreender essa experiência de forma à reduzi-la apenas à vergonha imaginária de “ser visto amputado”. Caso essa fosse a opção desse trabalho, inúmeras elucubrações no campo imaginário poderiam daí se desdobrar no campo da subjetividade. Entretanto, o recorte que optamos por realizar coloca esse olhar no campo indicado por Lacan, o da pulsão e do objeto *a*.

Faixa de gaza, anamorfose delimitada pela sensação fantasma conforme relato do paciente que em seu atendimento afirma que a ilusão da perna o faz esquecer que tem perna, mas no momento seguinte o faz lembrar. Movimento de balança entre o lugar da alienação em que uma imagem ilusória pode recobrir a falta e o desvelamento absoluto do real, da falta da falta (-φ).

Cabe aqui lembrar que a falta, enquanto operador inconsciente, refere-se àquilo que mobiliza e permite a emergência do desejo e que, como veremos nos esquemas lacanianos, é articulado à função do Eu e advento do sujeito. Sendo a morte um objeto não apreensível pela cadeia significante, podemos supor que há ali uma operação necessária à presentificação da falta, do objeto *a*. Nos referimos aqui a um real inapreensível pela mediação simbólica. Um vazio que ali persiste pela não correspondência biunívoca a uma imagem. A identificação é abalada em sua estrutura imaginária e as vicissitudes ecoam no eu, que é, sobretudo, corporal.

Aqui foi apresentada a problemática acerca da formação de uma ilusão do corpo em sua relação com a castração. A angústia não é o equivalente do estranho, mas um sinal afetivo que surge na relação com esse algo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-*phi*, símbolo da falta. “Aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, a imagem da falta” (ibid., p.51).

Toda essa questão do olhar e mancha é localizada por Lacan como marca da função de repetição. Insistência daquilo, que apagado enquanto marca, deixa rastros de mancha. repetição do vestígio, repetição daquilo que não cessa de não se inscrever. Tentativa de repetição para que o traço seja simbolizado, função lógica da falta, causa de angústia/desejo.

Escolho para finalizar o trabalho, a pergunta que incidiu como enigma para mim em 2013, em uma ocasião em que fui convidada para participar da pesquisa multidisciplinar “Corpo e finitude”, uma parceria entre o Instituto Nacional do Câncer – INCA, Universidade Federal da UFRJ e o Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia – INTO.

O que se coloca para o nosso estudo é o efeito que terá na posição subjetiva o encontro com algo que atinja radicalmente a anatomia. Se, para a constituição corporal, é necessária essa operação subjetiva, de que maneira um tumor que se instala no corpo afeta o psíquico no ser falante – o que acontece a essa operação subjetiva pela ligação desse sujeito com um corpo que se apresenta enfermo? (CASTRO-ARANTES; LO BIANCO, 2013, p. 2519).

Se para haver constituição corporal é preciso uma operação, então, algo que atinja radicalmente a anatomia (como um tumor), terá necessariamente efeitos na posição subjetiva do ser falante – sua relação com o Outro, suas modalidades discursivas, suas condutas sexuais e suas relações com os outros –, uma vez que isso atualiza a posição do sujeito frente à castração (ibid, 2520).

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que me determina fundamentalmente no visível é o olhar que está do lado de fora. É pelo olhar que entro na luz, e é do olhar que recebo seu efeito. Donde se tira que o olhar é o instrumento pelo qual a luz se encarna e pelo qual - se vocês me permitem servir-me de um termo, como faço frequentemente, decompondo-o - sou foto-grafado (LACAN, 1964/1998, p. 104).

A palavra fotografia tem sua origem no grego *phosgraphein*, que significa literalmente “marcar a luz”, “registrar a luz”, entrar na luz ou desenhar na luz”. É formada da junção entre dois elementos *phos* ou *photo*, que significa “luz”, e *graphein*, que quer dizer “marcar”, “desenhar” ou registrar. Lacan recorre a esta palavra no momento em que está trabalhando com o objeto *a* acerca da problemática da função central simbólica da falta, denominada pelo algarítimo (- φ). Neste seminário de 14 de março de 1964, afirma de forma imperativa que o “*O objeto a, no campo do visível, é o olhar*”.

Em *Literaterra a dit-mansion da lettre en souffrance* é retomada. Na invocação da luz Lacan (1971/2003) avisa que está demonstrando o lugar onde a *lettre* faz furo. Dar ênfase ao que este ensino transmite é de suma importância quando se está tentando articular a aparição do objeto *a* na clínica com pessoas que são diretamente afetadas por uma espécie de fístula aberta no registro do imaginário deixando entrever o real. Ravinamento entre imagem e simbólico que faz entrever o real. Luz que não pode ser vista de frente, mas que sua presença sinaliza o lugar do furo.

Na clínica o mais comum é encontrar na ilusão dos amputados corpos marcados por algo bastante rudimentar no campo do significante, ousaria dizer, manchas referidas como sensações: coceiras, dores e câimbras. É pela escuta analítica, desalojando o eu de sua própria casa, pela inclusão desse fenômeno numa cadeia associativa, que é possível encontrar com a *dit-mansion* onde é possível, sob uma manobra simbólica que tem seus efeitos no campo da óptica, realizar uma nova foto-grafia do corpo.

A foto-grafia pode ser aqui compreendida como um atravessamento pelo simbólico de um sujeito preso à uma temporalidade material e cronológica, para um sujeito/objeto metamorfoseado em uma imagem, não mais preso ao espaço físico, mas ao referente, na imortalidade do significante. Uma escrita.

Chegando ao momento de conclusão dessa dissertação encontro com a dissertação de Maria Bernadete Conte em que a autora indaga se uma fotografia pode ser um equivalente da fantasia. Mas esta já é outra dissertação: “Fotografia é a inscrição imediata a um tempo póstumo” (BRAUNE, apud CONTE, p. 11).

Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que precisamente eles nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém ‘in absentia’ ou ‘in effigie’” (FREUD, 1912/1996).

A relação ao real de que se trata na transferência foi expressa por Freud nestes termos, que nada pode ser apreendido *in effigie, in absentia* – e é referido a esta passagem freudiana que Lacan indaga: “não nos é dada a transferência como *effigie*, em relação à ausência? Esta ambiguidade da realidade em causa na transferência, só podemos chegar a desembrulhá-la a partir da função do real na repetição”. Real que suporta a fantasia e fantasia que protege o real (LACAN, 1964/1998, p. 56).

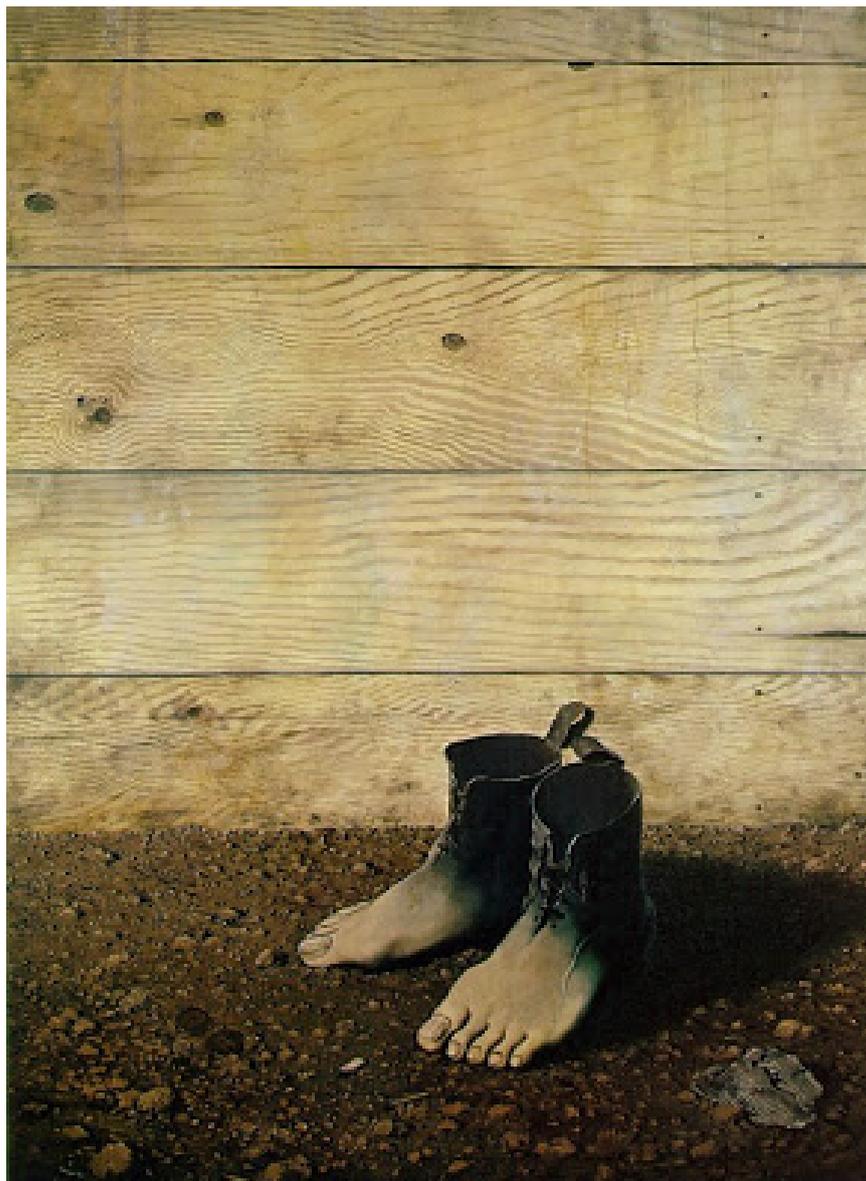


Figura 8: *Le modèle rouge* – Magritte.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano. Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 779-802, set. 2008.

BERGÈS, J. O corpo na Neurologia e na Psicanálise: lições clínicas de um psicanalista de crianças. Porto Alegre: CMC Editora, 2005/2008.

BERGÈS, J.; BALBO G. *Psicose, autismo e falha cognitiva na criança*. Porto Alegre: CMC, 2003.

CASTRO, J.M. *Ritmo e Oralidade: O Texto da Psicanálise*. Rio de Janeiro: UFRJ, IP, 2009.

CASTRO-ARANTES, J.M. e; LO BIANCO, A.C. (2013). Corpo e finitude: a escuta do sofrimento como instrumento de trabalho em instituição oncológica. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2515-2522.

COSTA, A. (2001). Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

COSTA, A.; BONFIM, Flavia. (2014). Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 17, Dec., n. 2, p. 229-245.

CONTE, M.B. (2009). *Para além da imagem: Proposta de um matema para a fotografia*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes: 2009.

COSTA-MOURA, F. (2006). O inconsciente entre a causa e o que ela afeta. *In: Psychê — Ano X — nº 19 — São Paulo — set-dez/2006 — p. 81-94.*

\_\_\_\_\_. Ler, escrever, perder: psicanálise e mathesis. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 269-284.

COSTA-MOURA, F.; COSTA-MOURA, R. (2011). Objeto A: ética e estrutura. *Ágora (Rio J.)*. 2011, vol.14, n.2, pp.225-242.

CZERMAK, M. Patronímias, Questões da Clínica Lacaniana das Psicoses. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2012.

\_\_\_\_\_. *A porta de entrada e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano. 2013.

CZERMAK, M., THIBIERGE, S., & ROCHA, A.C. (2007). *A operação do significante: o nome, a imagem, o objeto*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano & Association Lacanienne Internationale.

CZERMAK, M. e TYSZLER, J.J. (orgs.). *A pulsão na psicose: oralidade, mania e melancolia*. Rio: Tempo Freudiano, 2009.

D'AGORD, M. R. *et al.* (2015) Dos modelos à função crítica. In: *Revista Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 18(1), 152-166.

DAMÁSIO, A. (1995). *O erro de Descartes*. Lisboa: Europa-América.

\_\_\_\_\_. (2000). *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras.

ELIA, L. (2008). A letra na ciência e na psicanálise. In: *Estilos da Clínica*, Vol. XIII, nº 25, 64-77

ERLICH, Hilana; ALBERTI, Sonia. (2008). O sujeito entre psicanálise e ciência. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 47-63.

FIGALE, V. (2016). *O advento do sujeito no cogito cartesiano: da ciência à experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro, UFRJ, IP.

FREUD, S. (2013). *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Sobre a concepção das afasias: *um estudo crítico*, tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

FREUD, S. (1895/1996). Projeto para uma Psicologia Científica, In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

\_\_\_\_\_. (1900/1980). Lembranças encobridoras. *In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. III. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

\_\_\_\_\_. (1900/ 1996). A Interpretação dos Sonhos. *In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. IV e V. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

\_\_\_\_\_. (1912/1996). A dinâmica da transferência. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. IV e V. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

\_\_\_\_\_. (1914/1996) Sobre o Narcisismo: Uma introdução. *In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. III. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

\_\_\_\_\_. (1915a/1996). As pulsões e suas vicissitudes. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas vol. XIV de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1915b/1996) O inconsciente. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1919/ 1996). O estranho. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

\_\_\_\_\_. (1920/1996) Além do princípio de prazer. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

\_\_\_\_\_. (1924/1996) A perda da realidade na neurose e na psicose. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

\_\_\_\_\_. (1925/1996) Um estudo autobiográfico/Pós-escrito. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XX. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

HOFFMANN, E.T.A (1993). O Homem da Areia. Rio de Janeiro: Imago.

JONES, E. (1970). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, Vol. I.

HEIDEGGER, M. (2002). *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

JAMES, W. (1887). The consciousness of lost limbs In: *Proceedings of the American Society for Psychical Research*, n. 1, p. 249-258.

QUINET, A. (2002). *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

LACAN, J. (1949/1998) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1953-54/1979) *O Seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1954-55/1985). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1955 – 56/1985) *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1960/1998). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1957-58/1999). *O seminário, livro 5, as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1960/1998). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. (1958/1998). A Significação do Faló. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1958-1959/2016). *O seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1959-60/1991). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1960-61/1992). *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1962-63/2005). *O Seminário, livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..

\_\_\_\_\_. (1964/1985). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1966/1998). Formulações sobre a causalidade psíquica, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar.

\_\_\_\_\_. (1971/2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não seja do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (1972-73/1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LEITE, S. (2014). Escrita, inscrições e psicose. In A. Costa, & D. Rinaldi, *Linguagem e escritas do corpo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

LO BIANCO, A.C.; COSTA MOURA, F. (2013). Ato teórico, ato ético. In: *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 45.2, p. 249-266, 2013.

\_\_\_\_\_. (2017). Inovação na ciência, inovação na psicanálise. In: *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XX n. 2 mai/ago, 491-508

MELMAN, C. (2008). Prefácio. IN: BERGÉS, J. *O Corpo na Neurologia e na Psicanálise: Lições clínicas de um psicanalista de crianças*. Porto Alegre: CMC Editora.

MELMAN, C. (2009). Para introduzir à psicanálise nos dias de hoje. Porto Alegre: CMC.

MORIN, C. & THIBIERGE, S. (2006). Body image in neurology and psychoanalysis: History and new developments. In: *Journal of mind and behavior*, 27 (3-4):301-318.

\_\_\_\_\_. (2009). Que s'enseignent mutuellement la psychanalyse et la neurologie? Syndromes de fausses reconnaissances et somatoparaphrénie. In: *Recherches em Psichanalyse*, (nº7), pp 69-78.

PONS T et al. 1991. Massive cortical reorganization after sensory deafferentation in adult macaques. *Science* 252: 1857–1860.

RAMACHANDRAN, V.S.; HIRSTEIN, W. (1998). The perception of phantom limbs: The D. O. Hebb lecture. *Brain*, n. 21, p.1603-1630.

RAMACHANDRAN, V.S.; BLACKSLEE, S. (2004). *Fantasma no cérebro: uma investigação dos mistérios da mente humana*. Rio de Janeiro: Record.

RINALDI, D. (2008). O traço como marca do sujeito. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 31, out., p. 60-64.

SHAKESPEARE, W. *Macbeth*. (2000). Trad. Beatriz Viegas-Faria. Porto Alegre: LPM.

SCHILDER, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fonte

SILVA, S. (2013). A gênese cerebral da imagem corporal: algumas considerações sobre o fenômeno dos membros fantasmas em Ramachandran. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 167-195.

THIBIERGE, S. (2011). *Le nom, l'image, l'objet. Image du corps et reconnaissance*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. (2006). Revista Tempo Freudiano nº 7 – A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria. Vol. 3 – O corpo: hipocondria, Cotard, transexualismo. Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, Rio de Janeiro.

TRINDADE, A.O. A Concepção de uma Anamorfose, do séc. XVI ao séc. XX. Requisitos, técnicas e uma demonstração Prática. In: *As idades do desenho*. Lisboa, 2015, p. 85-102, 2015.

\_\_\_\_\_. Geometria, perspectiva linear e escala teológica, pintura e contemporaneidade: Que futuro?. *Estúdio*, Lisboa, v. 5, n. 10, p. 50-60, 2014.

WOODHORSE, A. (2005). Phantom limb sensation. In: *Clin Exp. Pharmacol Physiol*. 32:132-43.

Internet:

<http://www.folha.uol.com.br/>. 03-11-2011. Acessado em: 05 mai. 2016.

Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fantasma/>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

Filmografia: Ghost, do outro lado da vida. Direção: Jerry Zucker. EUA: Paramount Pictures, 1990. 1 DVD (126 min), NTSC, color. Título original: Ghost.

